

ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 402 ANO 51.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO
A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA DE SEGURANÇA DA N. A. T. O.

—PRECONIZOU O PROF. MARCELLO CAETANO
COMO CONDIÇÃO PRÉVIA
PARA O DIÁLOGO COM O BLOCO COMUNISTA

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano, foi, esta manhã, solenemente inaugurada, na Assembleia Nacional, a Conferência Ministerial da Aliança Atlântica.

Os ministros e representantes dos países membros da N. A. T. O. começaram a chegar ao Palácio de S. Bento três quartos de hora antes do início da sessão. O Presidente do Conselho já se encontrava

no edifício, dando entrada no hemicíclio às 9 e 55. O lugar da presidência foi ocupado pelo prof. Marcello Caetano, ladeado à direita, pelo ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Aldo Mo-

Nas bancadas do hemicíclio, acomodaram-se os representantes permanentes em Bruxelas, dispostos também por ordem alfabética. O resto do hemicíclio foi ocupado pelos outros membros das delegações.

Nas tribunas laterais, sentaram-se os presidentes da Assembleia Nacional e do Supremo Tribunal de Justiça, e membros do Governo (na da

(Continua na 19.ª página)



Continuamos a receber numerosas inscrições de jovens leitoras que querem candidatar-se ao título de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas e, assim, representar o nosso País na escolha da Princesa Mundial das «Teen-Agers» que, este ano, como se sabe, será feita entre nós, por iniciativa do «Diário de Lisboa». A foto que hoje publicamos é de uma dessas candidatas — Helena Maria Cabral Rodrigues, que disputará, com as restantes concorrentes, o direito ao título e a conquista dos prémios reservados à vencedora do certame, sobre o qual falamos mais detalhadamente na pág. 9

Cao Ky candidato à presidência

SAIGÃO, 3 — (F. P.) — O vice-presidente Nguyen Cao Ky anunciou ontem que decidiu apresentar a sua candidatura à presidência da República, contra o presidente Nguyen Van Thieu.

A brasileira mais idosa morreu com 155 anos

GOIANIA (Góia), 3 — (A. N. I.) — Morreu a mulher mais velha do Brasil: tinha 155 anos. Delfina da Costa Freire — a velhinha descoberta o ano passado pelo recenseador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na cidade de Alexania, Estado de Goiás, por ocasião de recenseamento geral de 1970 — nasceu em 13 de Abril de 1816. Naquela época não existia o registo civil, mas o «batistério», que foi firmado pelo padre João Teixeira Alvany, assim o afirma.

Delfina mantinha-se lucida, embora um pouco surda e com vista fraca. Era viúva e os filhos já tinham falecido.

Durante toda a vida apenas tomou remédios caseiros e nunca aprendeu a ler. Conservava os seus documentos em ordem, amarrados num rolo atado com cordel e bem guardados.

Um aspecto da sala durante a sessão inaugural, no momento em que falava o Chefe do Governo

ro (que é o presidente desta reunião ministerial), e, à esquerda, pelo secretário-geral da N. A. T. O., Mauro Bro-

sio. Em cadeiras especiais, diante da mesa da presidência, tomaram lugar os ministros de 14 dos países aliados (a Itália estava representada por Moro), distribuídos pela ordem alfabética, em inglês, dos nomes dos seus países.

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

Pode Ainda Ganhar Prémios Basta Apenas Participar



Está ainda a tempo de poder conquistar um dos magníficos prémios instituídos para esta segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentário do «Diário de Lisboa». É bem fácil poder ganhar um desses prémios. Basta apenas (Continua na pág. seguinte)



(Continuação da pág. anterior)
ser leitor do nosso jornal. Como temos referido, a facilidade define esta grandiosa iniciativa em que estão a participar largas dezenas de milhares de leitores espalhados por todos os pontos do País. O simples facto de ser leitor do «Diário de Lisboa» o habilitará aos valiosos prémios. De facto, basta apenas recortar e enviar uma

única vez (depois de preenchido com letra bem legível) o cupão-duplo de identificação que continuamos a publicar diariamente.

Está perfeitamente a tempo de o fazer mas junte-lhe um selo de 1\$00. Receberá o cartão que o identifica como leitor do «Diário de Lisboa», com o número que o habilitará ao sorteio. Nada mais é ne-

cessário, excepto... continuar a ser leitor do «Diário de Lisboa», pois nenhum dos prémios atribuídos em sorteio será entregue sem que os respectivos contemplados provem ser leitores regulares do nosso jornal. Como? Exibindo os «cabeçalhos» (título e data da primeira página do «Diário de Lisboa») publicados entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo. Está autorizada uma margem de faltas de cinco exemplares por cada mês de publicação.

Com um mínimo de esforço o máximo de vantagens. Como se demonstra, o simples facto de ser leitor do «Diário de Lisboa» pode significar a possibilidade de conquistar prémios valiosos, por exemplo

um dos três confortáveis apartamentos mobilados, num edifício grandioso que se enquadra no importante centro urbano que Empreendimentos Turísticos J. Pimenta SARL, estão a concluir em Paço de Arcos, a cem metros da praia. E nunca será demais referir que o fabuloso primeiro prémio da segunda fase da nossa iniciativa é, nem mais nem menos, um confortável apartamento mobilado e um excelente automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares. Mas muitas outras oportunidades são colocadas ao alcance dos nossos leitores, por exemplo, a possibilidade de visitarem algumas das maiores capitais do mundo.

RESUMO DO REGULAMENTO

- A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquirir regularmente o «Diário de Lisboa».
- Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185 1. Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.
- Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.
- O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir, na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.
- A verificação dos «cabe-

çalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente no cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio entre as 19. e as 23 horas e sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva tendo o leitor (ou quem o representar) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após a realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo), recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio Abre-se, assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

- No caso de o participante não ter colecionado o número suficiente de «cabeçalhos» o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas, sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado, compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o representar), assim se procedendo, sucessivamente, em relação aos restantes suplentes.

- O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971 data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

- Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias (*). Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data de publicação.

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchenette», quarto e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense); e um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares.

2.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchenette», quarto e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

3.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchenette» e casa de banho, em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano, no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

4.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro em avião da VARIG e estadia durante oito dias.

5.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

6.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

7.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

8.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

9.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

11. PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

12.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso, para homem.

13.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

14.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso, para homem.

15.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso, para homem.

16.º PRÉMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PRÉMIO

Um frigorífico «Philips» modelo HN-2144; um relógio «Vulcan» de pulso para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PRÉMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcan» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PRÉMIO

Um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela CASA AFRICANA. Um relógio «VULCAIN» de pulso, para homem.

20.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcan» de pulso, para homem.

10.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO **Diário de Lisboa**

N.º (a)

NOME

MORADA

LOCALIDADE

TELEFONE (b)

PROFISSÃO (b)

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO **Diário de Lisboa**

N.º (a)

NOME

MORADA

LOCALIDADE

TELEFONE (b)

PROFISSÃO (b)

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

O EX-PRESIDENTE JOHNSON COMEÇA «A SAIR DA CASCA»

AUSTIN (Texas) — O ex-presidente Lyndon B. Johnson, que os amigos dizem estar «a sair lentamente da casca», participou, pela primeira vez, desde que deixou o cargo, numa cerimónia pública de certo relevo: a inauguração, no passado dia 22, da Biblioteca Lyndon B. Johnson.

A sua primeira reaparição pública teve, no entanto, lugar quando acompanhou o antigo primeiro-ministro Harold Wilson, numa visita à Assembleia Legislativa do Texas.

Os observadores afirmaram, na altura que L. B. J. parecia mais calmo e descansado do que quando era presidente. Aumentou de peso cerca de uns dez

em que se conta a história da casa. Esta fica a pequena distância do rancho, mas aquela em que Johnson passou a infância está uns quilómetros mais afastada. Tem ambas as casas em que se assinala a administração do Parque Nacional cuida de ambas as casas.

É cada vez maior o número de turistas que as visitam. A entrada é livre. Não há «souvenirs», nem mesmo postais, à venda.

Aos domingos, o ex-presidente e a esposa percorrem a cidade, numa visita às igrejas das diferentes confissões religiosas.

Johnson aplica-se a redigir as suas memórias e a acompanhar os acaba-

mente, pede que lhe aqueçam as pipocas. A ementa continua a mesma: bife frito com puré de batata. E mete moedas na «jukebox», para ouvir a sua canção preferida, uma e outra vez: «Rain drops keep falling on my head». Depois, dança, de vez em quando, o mesmo «slow», que dançou, nos tempos da Casa Branca, com as esposas dos grandes chefes políticos mundiais.

Convida, uma vez por semana, os amigos de Fredericksburg a visitarem o rancho, a fim de ali verem os mais recentes filmes de Hollywood. Os Johnsons improvisam um cinema, retirando o avião do hangar, para montarem uma tela.

O rancheiro Johnson é um anfitrião generoso e os amigos regressam, muitas vezes, a casa com caixas de ovos frescos. Estas, vermelhas, brancas ou azuis, têm, na tampa, a marca «LBJ Ranch».

O casal vive, agora, rodeado do maior sossego, longe do poder, longe das rigorosas medidas de protecção que o rodeavam, por todos os lados, na Casa Branca e aqui.

As quartas de entrada do rancho estão desguarnecidas de guardas. No hangar, o helicóptero e o avião lá se libertaram das engenhocas de segurança fornecidas pela Administração da Aviação Federal, nos tempos em que o proprietário de um e outro era o presidente.

Lyndon Johnson pode percorrer de carro, sozinho, o seu rancho, mas, por lei, continua a ser acompanhado, fora daqui, por agentes dos serviços secretos. É uma protecção a que têm, agora, direito todos os ex-presidentes.

A senhora Johnson considera uma maravilha esta existência mais retirada. «Quero que o meu marido tenha uma vida serena», afirma ela — «fazendo apenas o que quer e quando lhe apetece».

Por DOROTHY MCCARDLE

(Exclusivo «The Washington Post» — D. L.)

quilos, e tem a cara mais cheia, o que lhe dá um ar diferente. O cabelo, cortado, cai-lhe sobre o colarinho.

Johnson começou recentemente a misturar-se com os turistas que enxameiam as margens do rio que passa pelo seu rancho. Os visitantes vêm até aqui para ver o Parque Lyndon B. Johnson, uns cento e tal hectares de terra, onde pastam veados e bisontes.

Johnson tem, por vezes, ido ter com os visitantes, apertando-lhes a mão, como nos velhos tempos da sua campanha eleitoral.

«Donde é que os senhores são?» — pergunta. Quando alguém quer tirar uma fotografia, para fixar a cena, Johnson nunca se recusa, prestando-se a isso com o maior gosto.

Gosta, também, de cumprimentar os visitantes que vêm ver a sua casa onde nasceu. Pode ouvir-se, aqui a voz da esposa do ex-presidente, numa gravação

mentos da biblioteca, mas não deixou de dedicar uns momentos a escrever um artigo, de primeira página, para o «Fredericksburg Standard» aquando da comemoração dos 125 anos da cidade. E foi nestes termos que falou da região: «É uma terra de pequenos ranchos e herdades, de pessegueiros e pastagens. É uma terra de gente trabalhadora, que ainda tem tempo para a amizade e a alegria. É uma terra linda e acolhedora, graças à gente que nela vive».

O antigo presidente tem o seu café preferido em Fredericksburg. Duas vezes por semana, Johnson e a esposa convidam uma dúzia de amigos e vão, com eles, ao «1890's Club». É um estabelecimento pequeno, onde Johnson se sente rodeado de discrição e intimidade.

Os empregados juntam duas ou três mesas e puxam doze ou catorze cadeiras. L. B. J. pede bebidas para todos, um «scotch and soda» para si. Normal-

NOTA

MISCELÂNEA

O TRÁNSITO CRESCE igualmente por toda a parte. Trânsito quer aqui dizer: aglomeração, barulho, fumos. A invasão do transporte individual sobe exponencialmente. O transporte colectivo é a solução, mas, ao menos entre nós, não chega, é raro, conclui-se que é incómodo. Mas terá de ser melhorado e acabará por se impor, ainda que não seja às boas. Um organismo de iniciativa sugeriu agora ao município de Genebra que ofereça transportes colectivos de graça para guerrear o delírio do «carrinho» que enche todas as ruas. Quem quer copiar?

OS COMERCIANTES DA NAZARÉ alarmaram-se com a concorrência que estavam a sofrer de outros intermediários mais poderosos. Não era para eles nem para o público. Um espírito mais empreendedor lembrou-se de sugerir e organizar uma cooperativa. A ideia fez carreira e está de pé, parece que com grande regalo dos interessados, para abastecer os estabelecimentos dos seus associados e, eventualmente, criar um supermercado. A fórmula interessou, desta vez, aos comerciantes. Os consumidores esqueceram-se de uma fórmula que chegou a conhecer certo favor.

TANTO SE FALA da inexistência de meios nos pequenos hospitais, classificados de sub-regionais, que merecem registo e louvor os esforços dos dirigentes da Misericórdia de Sintra para dotar o respectivo hospital de um serviço médico permanente. Pode parecer absurdo, mas sabe-se que não é. Para levar a bom termo o seu intento, andam os responsáveis a bater de porta em porta na angariação de doativos, no que parece que têm sido bem sucedidos. Já está uma opção: o Estado, aqui, em vez de considerar o caso resolvido, deveria talvez estender a mão.

VEIO DE ANGOLA o exemplo de acabar com o tostão, reduzindo todos os trocos e valores ao escudo ou ao meio escudo, arredondando uns para cima e outros para baixo. A medida, que pode parecer absurda se quisermos raciocinar despegados das realidades que todos conhecemos, acaba por se entender como perfeitamente justificada se nos dermos ao trabalho de chamar a capítulo essas mesmas realidades. As últimas moedas de dez centavos agora postas em circulação quase nem se deu por elas: de leves que eram, deve tê-las levado o vento... talvez dos coleccionadores.

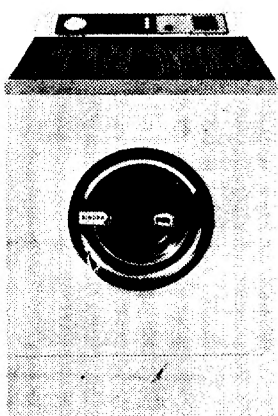
A **CAIXA GERAL**, para celebrar este ano o «Dia Mundial da Poupança», vai lançar mealheiros de porcelana para o que tem aberto o respectivo concurso entre os artistas da especialidade. De uma cajadada se matam dois coelhos, isto é, ao mesmo tempo, estimulam-se as artes (são 45 contos de prémios) e luta-se contra a dissipação fácil dos tostões de cada um, hoje solicitados de mil maneiras por toda a invenção de inutilidades com que é fácil fazer perder as cabeças. Onde estará a salvação: comprar mais ou comprar menos?

UM PEQUENO POVOADO de nome Furadouro queixa-se através dos jornais que está há quarenta anos à espera que lá chegue a corrente eléctrica que desde então existe na sede do concelho, distante poucos quilómetros. O mapa destas carências está feito e sempre se lhe faz referência nos relatórios dos «Planos de Fomento». Pequenos cursos de cabo eléctrico ou pequenos lanços de estrada, quantos são os que parecem esquecidos por esse País fora? Pela nossa parte, fazemos o que podemos para que não julguem definitivamente mal «os de Lisboa». Infelizmente, não podemos mais do que repetir o eco dos seus lamentos.

2 NOVIDADES SINGER

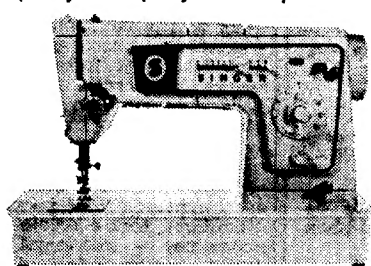
OFERTA DE DETERGENTE PARA 1 ANO

na compra de uma máquina de lavar roupa Singer! Aproveite esta oferta que se prolonga só até 4 de Agosto e beneficiará da qualidade e assistência Singer.



AGORA-MENOS 500\$00

Redução de preço na máquina de costura Singer modelo 478

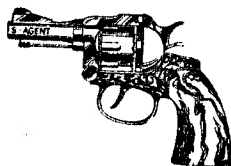


Caseie, faça pontos decorativos ou zigue-zague com este modelo Singer e beneficie, até 30 de Junho, do desconto de 500\$00 mas sempre com a assistência e qualidade Singer.

VISITE HOJE A LOJA SINGER
MAIS PRÓXIMA

Enviar a Singer, Av. 24 de Julho, 42 — Gostaria de obter acerca desta oferta informações ☐

Nome _____ Morada _____



REVÓLVER DE ALARME

Metálico, imitação perfeita de uma arma autêntica, não precisa de licença para o seu uso (pesa 250 gr.). A gravura representa 1/5 do tamanho real. Carrega 12 tiros de cada vez. Cada revólver com 48 tiros.

custa 100\$00

Envia-se sem mais despesas, a quem remeta a importância, em notas, ou vales do correio.

A cobrança custa mais 8\$00

Pedidos a

M. A. NASCIMENTO

Apartado n.º 265 — PORTO

cial
CENTRO DE LINGUAS

VENDE-SE EM SINTRA

UM TERRENO

SITUADO NA SERRAÇÃO

COM UMA AREA DE 136.080 M2 NELA HAVENDO UMA EXPLORAÇÃO DE BARRO E OUTRA DE SAIBRO, ENCONTRANDO-SE O RESTO DO TERRENO A MATO, PINHAL E EUCALIPTAL, SITUADO NOS LIMITES DE VALE DE LOBOS, FREGUESIA DE BELAS.

RESPOSTA A DELEGAÇÃO DESTA JORNAL NO PORTO, R. DO ALMADA, 30, 2.º, AO N.º 168.

NOVO CASINO ESTORIL

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"

ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

LES CHÉRIES

VEGETAS FRANCESAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

PALERMO and PHILLIPS

ORIGINALS MALABARISTAS

BENTYBER DANCERS

com **claudette walker-lindsay dolan**

Beatnicks * JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DESIREE DESIR

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos

NO WONDER BAR A 10H. maiores de 21 anos

TELEFONE 26 45 21

NOVO CASINO ESTORIL

MOBILIARIAS

Normais e de estilo

■ COLCHÕES *Mola-flex* ■

NOVO SISTEMA DE PAGAMENTO

VISITE e CONSULTE: ESTABELECIMENTOS **Cancela**

ALGÉS - Av. Combatentes da Grande Guerra, 85-B

ALMADA - R. Bernardo Francisco da Costa, 22

MONTIJO - R. José Joaquim Marques, 106

LISBOA - Calçada do Combro, 21-23

CML - Estufa Fria

HOJE, ÀS 21.30 H.

BARCA SEM PESCADOR

de Alejandro Casona

pelo COMPANHIA DE TEATRO POPULAR - sob a direcção de Augusto de Figueiredo

com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernanda Figueiredo, Leonor Poiteiro, Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimir Frankim, Alberto Inácio, Igor Sampayo e Augusto de Figueiredo

Bilhetes a 10\$00, 5\$00 e 20\$00 - Venda na P. dos Restauradores, das 8 às 20 h. e na Estufa Fria à hora do espectáculo

Maiores de 12 anos

Teatro Academia

Telef. 63 66 37

HOJE, ÀS 21.45 h.

110.ª REPRESENTAÇÃO (M. 17 anos)

Santo porca

de Ariano Suassuna

SETE TOUROS PARA CAVALEIROS ESTA NOITE NO CAMPO PEQUENO

Sob a presidência do Chefe do Estado e com toda a pompa e garbo das tradicionais corridas à antiga portuguesa, há hoje na praça do Campo Pequeno a primeira nocturna da época, em benefício da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

O nobre e humanitário propósito que anima os organizadores deste espectáculo, que se prevê vibrante e colorido, encontrou a melhor receptividade junto de ganaderos, cavaleiros e forcados. Aqueles cedem gentilmente as reses, os outros tourearão de graça. Como representantes da arte de Marialva veremos sete figuras de cartaz, todas dispostas a proporcionar ao público lances emocionantes e momentos de beleza. São esses cavaleiros Ribeiro Teles, Varella Cid, José Mestre Baptista, José Nuncio, Luís Miguel da Veiga, Gustavo Zenkl e Frederico Cunha. Dois grupos de forcados amadores vão rivalizar em bravura e primores de execução nas suas pegadas ardidas: o de Montemor, cujo cabo é António José Zuzarte, e o do Ribatejo, encabeçado por Parente de Almeida.

Os sete touros são oferecidos pelos herdeiros do conde de Cabral, Manuel e Mário Vinhas, José Pedrosa, Ernesto de Castro, João Ramalho e eng.º Alberto Xavier e António José da Veiga Teixeira.

Touros em Santa Eulália

SANTA EULÁLIA, 8 — Um jovem cavaleiro (Manuel Santana, «Nélito») e dois consagrados «espadas» (Julio Gomes e Armando Soares) encabeçam o cartaz do festival marcado para o próximo dia 10 na praça desta localidade, por ocasião da feira.

As pegadas estão a cargo do Grupo de Forcados Amadores de Sourel, capitaneados por Pedro Loureiro.

PODE ESTE AMOR DURAR SEMPRE... OU APENAS ALGUNS DIAS?

CHRISTOPHER JONES — DEPOIS DO ÊXITO

DE "O ESPELHO DOS ESPÍOES" E "A FILHA DE RYAN" NOVAMENTE NUMA GRANDE HISTÓRIA DE AMOR!

PIA DEGERMARK — A CÉLEBRE INTERPRETE DE "ELVIRA MADIGAN" E "O ESPELHO DOS ESPÍOES"



A COLUMBIA FILMES apresenta produção DINO DE LAURENTIIS

COM **CHRISTOPHER JONES** **PIA DEGERMARK**

AQUELES DIAS CONTIGO...

(BRIEF SEASON)

Argum. de RENATO CASTELLANI e ADRIANO BARACCO Prod. DINO DE LAURENTIIS Real. de RENATO CASTELLANI Color

HOJE às 21.30

ADULTOS

ESTREIA NO

SAO LUIZ

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

HOJE E TODAS AS NOITES, ÀS 21.45

M/ 17

IGREJAS CAEIRO APRESENTA SÓ ATÉ AO FIM DO MÊS

Jogos de Sociedade

de J. J. ALONSO MILAN

Para poder escolher melhor os seus lugares não deixe para os últimos dias a emoção de aplaudir esta ousada comédia dramática de intensa vibração e permanente suspense.

Os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50 por cento de desconto

3.º MÊS

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO ANTÓNIO MARQUES CARAMELO

CERTIFICO:

Que me foi apresentado o Livro de actas das assembleias gerais da Companhia Universal de Seguros e Resseguros, S. A. R. L., o qual contém cem folhas todas seguidamente numeradas e pagou por selo de verba na Secção de Finanças do Terceiro Bairro Fiscal de Lisboa, a quantia de quinhentos escudos;

Que nesse mesmo Livro de folhas trinta a folhas trinta e uma, se encontra exarada a acta número vinte e cinco, realizada aos trinta e um de Março de mil novecentos e setenta e de folhas trinta e três a folhas trinta e quatro, se encontra a acta número vinte e sete, realizada aos trinta de Março de mil novecentos e setenta e um, ambas da reunião da Assembleia Geral da sociedade supra das quais consta que foram nomeados para administradores, para o triénio de mil novecentos e setenta e dois, os senhores Dr. Alfredo da Costa Miranda e Dr. Fernando Pinto Coelho Belo.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos vinte e sete de Maio de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante do Cartório

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C - Lisboa — Tel. 42185

Rua Caminhos de Ferro, n.º 62 - C - Lisboa — Tel. 868588

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc., Rua Mousinho Magro, 46.



Complexo de RESTAURANTES

Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE

CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM

e na rua da Prata, MINI-SNACK

Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de estacionamento a partir das 20 horas

TEATRO NO PORTO

Uma encenação da «Antígona» (de Anouilh)

«Antígona», de Jean Anouilh. Tradução de M. Breda Simões. Encenação de José Cayolla. Cenografia de José Rodrigues. Organização sonora de Jorge Constante Pereira. Intérpretes: Maria Olga, Mário Sancho, José Cruz, Isabel Maria, Lourdes Ribeiro, Maria Lídia, Margarida Celeste, Joaquim Cardoso, Mário Martins, José Fernandes, Joaquim Vieira. «Os Plebeus Aveirenses». Espectáculo-Prova para o concurso da S. E. I. T. Teatro Sã da Bandeira. 31/5/71.

Vai sendo tempo de alterarmos a hierarquia que costuma dar ao texto a primazia na análise da criação teatral. Num livro sobre o encenador argentino Jorge Lavelli, Dominique Dorés e Colette Godard referem o facto de aquele artista penetrar cada vez mais longe no caminho da encenação como arte autónoma. Se é difícil aceitar essa ideia, já que, sendo a encenação feita a partir de um texto (quando o é), não poderá ser inteiramente autónoma, não nos repugna admitir o processo do encenador reescrevendo um texto a partir de uma sua leitura cénica pessoal e criadora.

Vou tentar demonstrar que este espectáculo intenta essa leitura e, ao mesmo tempo, explicar porque falhou, na minha opinião, esse intento.

*

Esta «Antígona» inscreve-se na tentativa, recentemente aqui assinalada, de renova da linguagem do teatro amador até agora principalmente voltado para formas tradicionais de teatro. Essa tentativa consiste, neste caso, em procurar a consciencialização do público do facto teatral na sua significação real e imediata — ou seja, como destruição de mitos. Para ser entendido, embora correndo o risco de esquematizar, direi que este espectáculo se filia mais na lição brechtiana do que no modelo de Artaud. O encenador procurou uma actualização do texto (e a sua clarificação) através de certas alterações nele introduzidas e, sobretudo, identificando Creonte com o poderoso chefe de uma poderosíssima empresa. Para isso o escultor José Rodrigues construiu um extraordinário engenho que, colocado ao fundo, dominava o palco (completamente aberto) participando ao mesmo tempo das funções de computador, de trombo, de máquina de guerra. Esta personagem — assim lhe poderemos chamar —, com os seus jogos de luzes, números e letras que se acendiam e apagavam, uma seta correndo desde a tela, a silhueta de um homem recortada, com a cabeça separada nela se encaixando a cabeça de Creonte, ruídos e música, é um dos mais originais e poderosos sinais criados em palcos portugueses e um dos grandes valores deste espectáculo. É ele que serve de pano de fundo à luta de Antígona — que sendo dominada, no entanto, o domina — e simboliza o poder de Creonte. Também a música de Jorge Constante Pereira mantinha o contraponto rítmico (e, ao mesmo tempo, dramático) da representação.

Aconteceu, no entanto, o seguinte: estes elementos significativos não tinham correspondência no resto do espectáculo (texto, marcação, repre-

sentação), não se integravam de forma a constituir a indispensável unidade. O resultado foi aquilo a que em pintura chamaríamos uma colagem mal resolvida. Uma das razões dessa falha terá residido no facto de o texto de Anouilh se não prestar ao jogo a que se propunha o encenador. Para isso, o texto deveria ter sido violentado até aos seus últimos limites, destruído na sua excessiva discursividade. Dois ou três momentos do espectáculo reflectiram essa preocupação: na apresentação dos guardas, estes aparecem a jogar o totobola; eis a tragédia reduzida ao nosso quotidiano ordinário. Perto do fim Creonte exclama para a secretária perante os «cadáveres» que juncavam o palco: «Vamos então para o conselho». No final, Antígona e Hémon voltam (como em «Romeu e Julieta», de Bérart) e, com os outros actores, lembram em coro (agressivo) e com glosa sonora: «Sem Antígona todos estaríamos tranquilos». Este final, e a cena imediatamente anterior, em que o palco escurece, um projecteur ilumina a cabeça de Creonte no computador, a silhueta neste recortada aparece banhada de vermelho — são os melhores momentos do espectáculo, aqueles em que é possível vislumbrar o trabalho mais certo do encenador (dele tínhamos visto anteriormente, no TEP, uma encenação de «A Pelica», de Gogol, feita com grande rigor e uma notável direcção de actores).

O erro de José Cayolla foi, pois, não ter levado as coisas até às últimas consequências, até à destruição total do texto. Para isso não bastaria pôr os actores a falar para o público, levá-los até à plateia, embora sublinhando assim partes intencionais do texto. Seria necessário utilizar outra articulação e uma marcação mais imaginativa, não-naturalista. E, claro está, contar com outros intérpretes. Não percebo por que o encenador não cortou grande parte do primeiro diálogo (entre «Antígona» e a «Ama»), que é insuportável, sobretudo por parte desta última (Maria Lídia); nem entendo incoerências como a do fingimento do serviço de café em contraste com o concreto dos copos e do «whisky» (ou chá), ou da marcação de Creonte, cujo jogo expressionista contrastava com o jogo naturalista dos outros actores. Se se quis significar a teatralidade da personagem, parece-me que também aqui as coisas deviam ter sido levadas a um outro extremo, a um autêntico histerismo. Creonte aparecer-nos com a crueldade e o ridículo de um Hitler (o físico do autor prestava-se a isso). Creio, além disso, que a marcação de Creonte sentado desequilibra a cena e minimiza a personagem que deveria ser colocada num plano superior.

O erro de certas marcações (uma cadeira que escondia parte da acção e, quase no final, os figurantes tapando Creonte, atribuo-os ao facto de o grupo não ter podido fazer nenhum ensaio naquele palco. A cena estava rodeada por manequins e por figurantes que os imitavam numa referência directa à passividade do público. Simplesmente, quando os actores deixavam a cena, juntavam-se a eles e com eles se confundiam, o que lhes conferia um certo carácter de ambiguidade. (Há um figurante que cai e é levado em braços, querendo-se assim significar a indiferença

de Creonte perante os seus semelhantes).

A cena final, em que todos os actores caem em palco (provocou risos), teria sido melhor resolvida, na minha opinião, com um som de rajadas de metralhadoras (Bérart outra vez, paciência) e um painel gigantesco com uma fotografia do cogumelo atómico em que existisse um orifício semelhante ao do já referido elemento e que enquadrasse a cabeça de Creonte.

Como disse atrás, os amadores avintenses dificilmente poderiam resolver os problemas levantados por uma encenação deste tipo (por isso, dir-se-ia que o emprego de voz off parecia querer camuflar carências dos actores respectivos). Louvemos, no entanto, o esforço de todos e as possibilidades reveladas por alguns: Maria Olga («Antígona»), voz insuficiente, mas olhos cheios de decisão e coragem; Mário Sancho, numa composição muito difícil, aguentando com Maria Olga o espectáculo; Isabel Maria, voz bonita, embora excessivamente preciosa, dificuldades de expressão corporal, de utilização física; José Cruz («Hémon»), não conseguindo romper a barreira (difícil) da aproximação física, mas representando com segurança; Joaquim Vieira (narrador) conseguindo, por vezes, a intencionalidade requerida;

Joaquim Cardoso (1.º guarda) dando o cómico da personagem.

Erros de encenação, debilidade de interpretação, mesmo assim este espectáculo contém suficiente matéria estimulante para valer a deslocação. O que há nele de mais grave, está noutro sítio. Pergunto o seguinte em que medida um objecto cultural como este poderá interessar o público para que foi feito? A sala do Sã da Bandeira estava cheia de um público popular que se deslocou propositalmente de Avintes e parecia desajustado. Lembro que acontece em Avintes (no concelho de Vila Nova de Gaia) um fenómeno inédito em Portugal: o entusiasmo pelo teatro consegue, aparentemente bater o interesse pelo futebol. Esse desajustamento dever-se-á menos à modernidade formal do espectáculo do que ao próprio texto. Trata-se de outro erro de concepção: «o espectáculo foi feito para uma plateia média.» Com ele põe-se em causa uma sociedade de consumo. Em resumo: 1.º, os problemas da sociedade portuguesa, em geral, não são os de uma sociedade de consumo; 2.º, os problemas do povo em que nasceram e vivem os «Plebeus de Avintes», são problemas específicos e concretos, que não têm nada a ver com este espectáculo.

CARLOS PORTO

MARIA VITÓRIA

(M. 17 anos)

• CALA-TE, BOCA!...

O triunfo de um ótimo elenco com:

• JOSÉ VIANA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
• ANGELA RIBEIRO • JÚLIA BABOA cantora lírica
• SUZETE DINISe no «compêns»
• OCTÁVIO DE MATOS

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ESPECTACULAR «BALLET» INTERNACIONAL

• DOMINGO, «MATINEE» AS 16 H.



Angela Ribeiro na «Menina da Ficção»

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

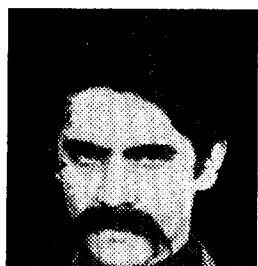
CARROÇEIS — PISTAS DE AUTOMÓVEIS — BARCOS TIRO E MUITAS OUTRAS DIVERSÕES

PAVILHÕES E STANDS DAS MAIS CONCEITUADAS FIRMAS

RESTAURANTES — CERVEJARIAS — CAFÉS
ADEGAS — FARTURAS — ETC.
ABERTURA ÀS 19 HORAS

ELES DIZEM ISSO?!!!

«— ABAIXO A SOCIEDADE DE CONSUMO!...



ESTUDANTE

(aliás, Carlos Veríssimo)
VÁ VÊ-LO (E OUVI-LO)

A CAPITAL de EÇA DE QUEIROZ

COM

ANTÓNIO MONTEZ

NO PROTAGONISTA

MAGISTRAL

INTERPRETAÇÃO

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

ADULTOS

Subsidiado pelo Fundo de Teatro

TEATRO VILLARET

HOJE:

21.00 E 23.00 H.

A peça «A CAPITAL» está editada por «LIVROS DO BRASIL» e encontra-se à venda em todas as livrarias
BROCHADO: 60\$00
ENCADERNADO: 100\$00

Hoje, às 22 h., na Feira do Livro, os adaptadores de «A CAPITAL», de EÇA DE QUEIROZ, Artur Ramos e Artur Portela-Filho autografam a adaptação de «A CAPITAL», no «stand» do Grémio Nacional dos Editores e Livrelros

SÃO JORGE

anuncia um breve ciclo de TONY RICHARDSON



HOJE ÀS 21,30

Tom Jones

CÓPIA NOVA

adultos

4 OSCARS

ALBERT FINNEY/SUSANNAH YORK/HUGH GRIFFITH/EDITH EVANS/JOAN GREENWOOD

20 PRÉMIOS INTERNACIONAIS

a seguir



Mick Jagger

6

NED KELLY

2

adultos

cinema-espectáculo
cinema-qualidade

Comunicado dos bispos de Moçambique sobre o caso dos Padres Brancos

A Conferência Episcopal de Moçambique divulgou um comunicado a propósito da decisão do superior e conselho geral da Congregação dos Padres Brancos de retirarem os seus missionários daquela província. O comunicado é do seguinte teor:

«Os prelados de Moçambique, reunidos em assembleia extraordinária, ao tomarem conhecimento, com alguma

surpresa, da decisão que levou o Rev.^{mo} Superior e Conselho Geral da Congregação dos Missionários de África ou Padres Brancos, a retirarem das dioceses da Beira e Tete, os membros do seu Instituto, julgaram de seu dever declarar quanto segue:

I — Manifestar o seu vivo apreço e a sua gratidão pela notável obra espiritual e material realizada em favor da Igreja em Moçambique, ao longo de vinte e cinco anos de trabalho persistente e me-

ritório e acentuam que provêm de deficiente informação as afirmações vindas a público sobre a destruição de valores materiais ao deixarem uma das missões.

II — Apesar de os Padres Brancos constituírem apenas dois por cento do pessoal missionário de Moçambique e seis por cento dos efectivos não-portugueses, a sua inesperada saída abre uma grave lacuna nas duas dioceses onde trabalhavam sobretudo na Beira, já em situação delicada

pela ausência prolongada do respectivo prelado.

III — Lamentam profundamente uma decisão que não orçém ditada por genuíno espírito evangélico, mais lhe parecendo um reflexo da crise que actualmente afecta alguns sectores da Igreja.

IV — Não podem aceitar as razões constantes do comunicado enviado aos membros do Instituto e divulgado pela Imprensa internacional, aliás bastante diverso da carta sobre o mesmo assunto dirigida

aos prelados da Beira e Tete e ao presidente da Conferência Episcopal de Moçambique. Sabem que a infeliz decisão foi tomada por influência de grupos de pressão contra a vontade expressa da maioria dos membros ao serviço da Igreja e nas duas referidas dioceses. De alguns deles foram recebidos depoimentos a lamentar a decisão dos superiores e manifestando o seu desejo de continuarem em Moçambique.

V — Reafirmam mais uma

vez a sua deliberada isenção política e a independência da Igreja perante o Estado, embora respeitem os legítimos poderes constituídos e com eles colaborem para o bem comum, de acordo com os ditames da sua consciência e da sua missão de pastores em que foram investidos e são mantidos por decisão e confiança da Santa Sé.

A sua clara posição, neste campo tem sido exposta frequentemente por cada bispo na sua diocese e pelo conjunto dos mesmos para toda a província. Haja em vista a pastoral colectiva datada de 19 de Abril de 1970 e a carta aos presbíteros de 1 de Maio corrente.

Não lhes pertencendo tomar posições políticas e aconselhando os missionários a seguirem a mesma linha de rumo, estão atentos à defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana e à violação dos mesmos, esforçando-se por agir com a necessária firmeza. E não podem deixar de reconhecer o esforço das autoridades constituídas para promoverem os grupos sociais mais carecidos e levá-los a tomar parte activa nos destinos de Moçambique, não obstante as sérias dificuldades da hora presente.

A total ausência de discriminação racial nas leis e também nos costumes e o acesso cada vez mais generalizado de pessoas de todas as raças, etnias e credos aos mais variados lugares públicos, ao lado de uma escolarização que vai atingindo no ensino de base toda a população jovem e se vai processando, embora lentamente, no sector secundário e superior, são factores que não podem deixar de ter a simpatia e apoio da Igreja.

VI — Felizmente a atitude daquele Instituto, não foi partilhada pelos vários outros que actuam em Moçambique, onde vêm realizando uma obra missionária e de promoção social digna dos maiores elogios. Também os responsáveis das restantes igrejas cristãs não católicas, apesar de encontrarem não menores dificuldades, continuam o seu testemunho de fé e de amor para com as populações que servem.

VII — Dirigem uma palavra de conforto e esperança nesta hora de sofrimento, às cristandades desamparadas pelos missionários que deixaram os seus postos e prometem que tudo será feito para lhes assegurarem a necessária assistência religiosa e para que não sofram quebra de continuidade as obras de promoção e iniciativas de evangelização em curso.

VIII — Apela para as congregações missionárias de Moçambique e clero em geral — com especial confiança na Igreja da Metrópole — para que ofereçam a sua generosa e fraterna cooperação, de olhos postos em Deus e no seu povo, a fim de que não falte à Igreja de Moçambique, particularmente nas regiões atingidas pela lamentável decisão, o amparo sacerdotal de que necessita para a sua vitalidade e constante crescimento.

Nampula, 1 de Junho de 1970.

Gustódio Alvim Pereira, arcebispo de Lourenço Marques; Francisco Nunes Teixeira, bispo de Quelimane; José dos Santos Garcia, bispo de Porto Amélia; Ernesto Gonçalves Costa, bispo de Inhambane; Félix Niza Ribeiro, bispo de Tete; Eurico Dias Nogueira, bispo de Vila Cabral; Manuel Vieira Pinto, bispo de Nampula; padre Manuel dos Reis, vigário-geral da Beira.



**UMA
CONTA
ATRAENTE**

O Banco de Fomento Nacional remunera à Taxa de Juro de

5,75%

ao ano os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sede: LISBOA, Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

A FORSYTIZAÇÃO CONTINUA

Fazer seguir o Telejornal de uma rubrica não falada parece medida acertada. Para equi-
librio de programação. Para evitar a fadiga
através da variação de motivos de interesse.
Claro que se aproveitaria a hora de grande
audiência para se oferecer musica de quali-
dade. Não necessariamente da chamada mu-
sica séria, com violinos *stradivarius* e pianos
de muita cauda. De vez em quando, por exem-
plo, podiam oferecer-nos um recital pelo ex-
celso cantor Gueibi Cardoso, com o que de-
certo todos os telespectadores muito se deli-
ciariam.

Os violinos foram ontem ótimo trampolim
para mais um episódio da «Família Forsyte».

Os violinos conversaram, discutiram, disse-
ram as suas razões e contra-razões, num es-
pírito de convivência que todos os homens
deviam emitir. Também na «Família Forsy-
te» se discute. Também aí se luta. Mas fe-
zmente. No campo das ideias. Dos senti-
mentos. Dos interesses. Homem feito lobo
numa sociedade tigrina.

Ontem, os telespectadores estiveram nova-
mente á beira de um novo adultério. Ainda
não consumado. Lá chegaremos, lá che-

garemos o que é preciso é ter esperança e não
faltar aos episódios.

Claro que quem seguiu a história pelos vo-
lumes já publicados entre nós, começou on-
tem a ficar desorientado. Não encontra lá nada
daquilo que viu com os seus próprios olhos.

A verdade é que o autor, o sr. Galsworthy,
alguns anos depois de publicar a ultima parte
da «Família Forsyte», retomou a história na
nova série *Uma comédia moderna*. Isto por-
que o Galsworthy ganhara tamanha estima
das suas personagens que lhe custava reparar-
se delas. Custava-lhe tanto que, para além da
Família Forsyte e de *Uma comédia moderna*,
ainda se entretinha a escrever pequenas his-
tórias e recordações dessas mesmas persona-
gens, recordações e histórias que nada tinham
a ver com os factos contados nos volumes.

Não custava nada á Televisão portuguesa
levar lá um fulano qualquer dizer isto aos
muitos milhares de telespectadores intere-
sados no folhetim. Podiam recorrer, por
exemplo, a Fernando Melo Moser o qual tal-
vez não se importasse de interromper o seu
intenso labor docente na Faculdade de Letras
para dizer como as coisas se passavam. Até
porque, como ficámos a saber durante a pri-
meira emissão de Canal 13, os eventos rela-

tados pelo Galsworthy constituiriam matéria
para a tese de licenciatura de Fernando Mo-
ser. Quer dizer: os responsáveis do Canal 13
perguntaram-lhe tudo menos a ultima coisa
que interessava perguntar, para efeitos de or-
dem prática.

Da emissão de ontem pouco mais, nada
mais ficará para a História. A não ser talvez
a final do campeonato europeu de clubes cam-
peões, com seu carnaval inofensivo no final
do desafio, tão sorridentemente compreendido
e aplaudido pelo publico inglês, nada inibido
para este (e outros) género de carnaval. No
mundo da alegria popular que invade os cam-
pos de jogos para se apoderar das reliquias
das camisolas (e até dos calções) e para to-
car (tocar ao menos, e depois morire...) os
seus ídolos, desse estranho mundo podia o
publico português e benfiquista ser conside-
rado pioneiro. Infelizmente, porém, a *com-
preensão* nos primeiros tempos é que não foi
muita, como alguns se devem ainda hoje estar
lembrados.

...Pois sosseguem os apaixonados do felhe-
tim: aquilo de ontem e o que vai seguir-se
não vem na «Família Forsyte» mas é da
responsabilidade do Galsworthy, os ingleses
nunca se atreveriam a subir além da chinela.

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa
Metropolitano — As 16: Sinal
horário — Notícias; 16 e 05:
Programa da juventude; 17: Si-
nal horário — Notícias; 17 e
05: Programa da juventude; 17
e 30: Folia, programa infantil,
por Ana Maria; 18 e 05: O
convívio de hoje: David Gar-
riek; 18 e 20: Espectáculo —

Teatro, por Figueiredo de Bar-
ros; 18 e 40: Musica popular
portuguesa; 19 e 0: Zarzue-
la: Molinos de Viento (Paolo
Luna); 20: Diário sonoro; 20
e 20: O conto: «Every Mothe-
r's Son»; 20 e 30: 28.º episó-
dio do folhetim «Pera da Co-
vilhã — O viançante enfetici-
do»; 20 e 50: Melodias, por

Bua Shank, em Saxofone; 21:
Momento 71; 21 e 20: Musica,
só musica; 21 e 50: Dia a dia
com a ciência, pelo dr. Marques
da Costa; 22 e 10: Guitarradas,
pelo conjunto de António Luis
Gomes; 22 e 30: Novidades em
discos: texto e selecção de Pau-
lo Medeiros; 23 e 05: Exits da
Europa; 23 e 30: Canções que
o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa Metropolitano —
As 16: Que quer ouvir? — Pro-
grama elaborado por Margarida
Brandão; 18: Musica portugue-
sa — Obras de Luis de Freitas
Branco — Mirages — Preludios
nos 1, 6 e 7 — da série dedi-
cada a Viana da Mota; 19: O
canto e os seus intérpretes, por
Maria Helena de Freitas; 20:
Diário sonoro; 20 e 20: Concer-
to pelos menestres de Lisboa,
preenchido com obras de Carl
Philipp Emanuel Bach e Duver-
noy — Constituição: José Este-
ves Duarte; 21: A ópera «O
mestre capela» (Cimarosa); 21
e 20: Tempo literário; 21 e 45:
Musica concertante de Schubert;
22: Teatro dos nossos dias: «A
cidade luminosa» de Ionesco,
pelo dr. Leopoldo de Araújo; 22
e 27: Concerto n.º 3, para piano
e orquestra (Bela Bartok),
pela Orquestra Filarmónica de
Nova York, dirigida por Leo-
nard Bernstein, com o pianista,
Philippe Entremont; 23: A voz
do ocidente; 1 e 15: Fecho.

SPRAY PAINT

Novo aerosol da DUPONT

- Rápido - Simples - Perfeito
- Seca entre 3 a 5 minutos
- Vários tons diferentes, incluindo
verniz e três metalizados
- Para pintura e marcações

Agentes Gerais:
BETHENCOURT
BROS. LTD.
R. da Cruz
Vermelha, 11-B, D
Tels. 761449-
761584-761585
LISBOA-4

Distribuidores
no Norte:
SÓRIA, LDA.
R. Sá da
Bandeira, 214-216
Tels. 623508-
24706
PORTO



MARCA 72

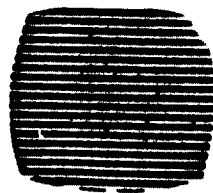
EMISSIONA NACIONAL PAGAMENTO DE TAXAS AVISO

Devem ser pagas du-
rante o corrente mês, as
taxas correspondentes às
licenças de rádio e de
televisão anuais com nú-
meros terminados em 4
(quatro), e semestrais em
8 (oito) ou 9 (nove).

Este pagamento pode
ser efectuado, até às 18
horas, em qualquer esta-
ção dos Correios do con-
tinento ou ilhas adjacen-
tes, na Tesouraria da
Emissão Nacional — Rua
Castilho, 30-A, em Lisboa,
ou nos Emissores Regio-
nais, às horas normais de
expediente.

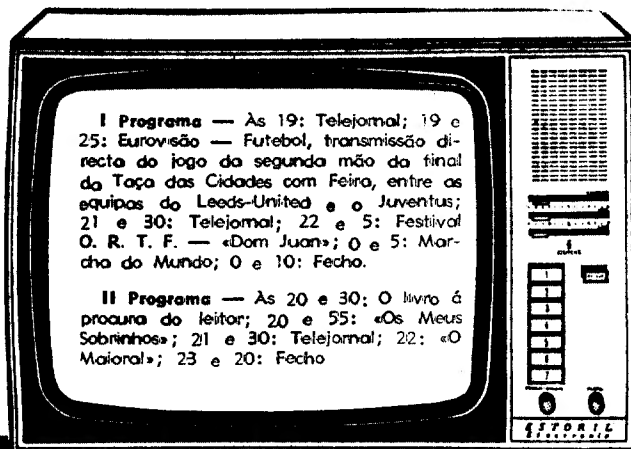
Também até final deste
mês podem ainda ser pa-
gas na Emissão Nacional
as taxas das licenças
anuais com numeração
terminada em 3, ou se-
mestrais com numeração
terminada em 6 ou 7,
aumentadas de 25%. De-
corrido este prazo, segue-
se a cobrança através
dos juizes fiscais.

Os vales de correio des-
tinados ao pagamento de
taxas, devem mencionar o
número da licença, sem o
que serão recusados.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12.45: Abertura; 12.46: Desenhos ani-
mados; 13.00: Feminino singular; 13.15: Filme de série «Uma Mãe para
Eddie»; 13.45: Telejornal; 14.00: Minidecoração; 14.15: Logo á noite; 14.20: Fecho.
2.º período — As 14.40: Ciclo Preparatório TV 19.30: Telejornal; 19.45: Série
juvenil «Robin dos Bosques»; 20.15: Concurso «Vermelho, amarelo e verde»;
20.45: Cartaz TV; 21.00: Ponto de vista; 21.30: Telejornal; 22.00: Série policial
«Os Vingadores»; 23.00: Os anos 60 da vida internacional; 23.30: Marcha do
mundo; 23.40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21.30: Abertura e telejornal; 22.00: Pablo Casals
(documentário); 22.55: «Music show sylt» (variedades); 23.25: Fecho.



TUDOR pilhas secas

CURIA

ESTANCIA TERMAL E DE REPOUSO (aberta
de 1 de Junho a 30 de Outubro).

INDICADA NO TRATAMENTO DA LITIASE RENAL,
REUMATISMO GOTOSO, HIPERTENSÃO ARTERIAL
E ARTRITISMO

ZONAS DE TURISMO PRIVILEGIADA

HOTÉIS E PENSÕES DE TODAS AS CATE-
GORIAS

PISCINAS — CAMPOS DE TÊNIS E OUTROS
DIVERTIMENTOS

Informações: JUNTA DE TURISMO CURIA
Telefone 031 52248

A explosão de um engenho junto da Central Telefónica provocou corte de ligações entre Portugal e o Estrangeiro

AS AVARIAS FICARAM REPARADAS ATÉ AO MEIO DA TARDE DE HOJE

Esta madrugada, cerca das 3 e 30, deflagrou um engenho explosivo na Travessa do Carvalho, no passeio do lado oriental da Estação Telefónica de Lisboa (Praça D. Luís).

A explosão abriu uma cratera com cerca de dois metros de diâmetro, levantando o passeio numa extensão de perto de 20 metros e provocando danos nos colectores. Uma parte do telhado do edifício, por cima do 3.º andar, ficou igualmente danificada.

— Não há feridos a registar mas os prejuízos são importantes — declarou um funcionário da Estação Telefónica.

Na verdade, segundo se soube mais tarde, a explosão provocou o corte total de comunicações das centrais telex e telefónicas com o estrangeiro. Igualmente foi afectado o serviço de radiotelex.

Entretanto, logo após a verificação da extensão dos estragos, foram mobilizados todos os técnicos e pessoal especializado dos C. T. T. que iniciaram a reparação dos estragos.

Cerca das 9 horas, através de Madrid, principiaram a ser restabelecidas algumas ligações internacionais. Duas horas depois, foram restabelecidas as ligações internacionais directas com Amsterdão e Bruxelas, ao mesmo tempo que se asseguravam algumas ligações para as dependências onde está a decorrer a conferência da NATO. (Palácio da Ajuda).

DOIS MORTOS NUM DESASTRE DENTRO DA CIDADE

Cerca das cinco horas de hoje, perto do Jardim Zoológico, chocaram dois automóveis. Do acidente resultou a morte de António Rocha, de 60 anos, e de Joaquim Figueiredo, de 22 anos, que seguíam num dos automóveis. Ambos eram empregados de mesa numa pastelaria da Praça de Londres.

O engenho explosivo, que fora colocado na conduta subterrânea por onde passam os cabos telefónicos de ligação à rede nacional e internacional, fez saltar a tampa de um dos acesos, elevando-a à altura de cerca de 50 metros.

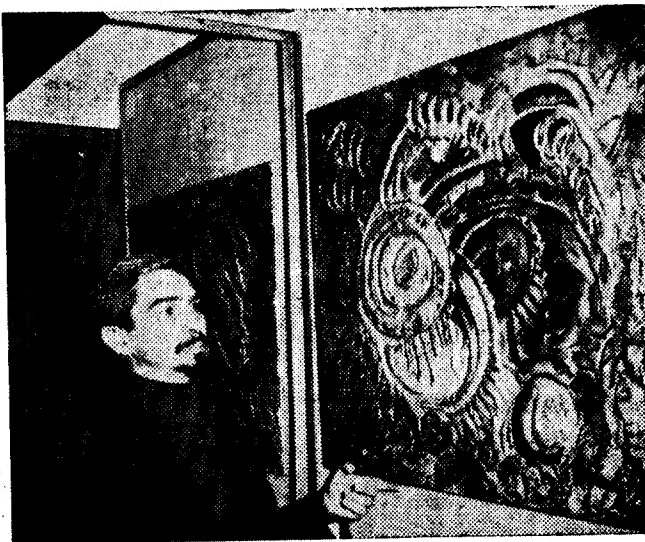
As brigadas de técnicos dos C. T. T. continuaram durante todo o dia a reparar as avarias e a atender as reclamações que eurgem a toda a hora.

Só ao meio da tarde foi possível restabelecer completamente as ligações com o estrangeiro e, bem assim, uma parte da rede nacional que foi igualmente afectada.

A P. S. P. e a D. G. S. montaram um serviço de segurança especial em redor de todo o edifício.

Outra bomba em Sacavém

Aproximadamente à mesma hora deflagrou um engenho idêntico em Vale Figueira (Sacavém) provocando avarias na rede eléctrica, da Companhia Nacional de Electricidade.



Abilio Belo Marques junto de um dos seus trabalhos

Artes plásticas

Abilio Belo Marques expõe no Casino Estoril

«Toda a multiplicidade de cores se projectam nestes belos trabalhos de feição humana e impressionista. Acho toda a tentativa válida na medida em que se alia cor e musicalidade» — são estas as palavras do maestro Luís Gomes no catálogo da exposição de quadros de Abilio Belo Marques, ontem inaugurada na galeria do Casino Estoril. Musicalidade e cor, em estreita ligação, são, aliás, o tema da obra do pintor que, neste certame, reuniu doze painéis e vinte quadros — abstrações, cromáticos, fluidos e expressões.

O artista, que se encontra representado nos museus de Elvas, Portalegre, Badajoz, Luanda, São Paulo e Toulouse, esteve presente à cerimónia inaugural do certame, a que presidiu o sr. dr. Manuel Teles, presidente do conselho de administração da Estoril. Sol, e na qual se reuniram numerosos convidados. A exposição estará patente ao público até ao próximo dia 10.

João Vieira na Galeria Judite Dacruz

Amanhã, às 22 horas, na Galeria Judite Dacruz, será inaugurada uma exposição intitulada «Expansões» de João Vieira.

UM CONCURSO DE MEALHEIROS COM 45 CONTOS DE PRÊMIOS

Integrado no programa das comemorações do Dia Mundial da Poupança, a Caixa Geral de Depósitos leva a efeito um concurso, aberto a todos os ceramistas portugueses, para apresentação de um modelo de mealheiro, inédito ou original. Cada concorrente poderá apresentar o número de modelos que desejar, podendo utilizar-se a porcelana, faiança ou barro, devendo, neste último caso, levar uma cobertura vidrada, a fim de lhe dar melhor aspecto e maior durabilidade. Os modelos, que poderão ser poliromados, obedecerão à inspiração do artista. O volume do mealheiro não deverá exceder um decímetro cúbico, nem ser tão pequeno que se lhe limite a utilidade prática, tornando-o pouco funcional. Em local visível do mealheiro deverá constar a seguinte designação: «Caixa Geral de Depósitos».

O orifício para a retirada das moedas deverá ser vedado por tampa de plástico ou fechadura metálica.

Os trabalhos serão apresen-

tados sob pseudónimo e acompanhados por uma carta fechada e lacrada, de cujo envelope constará o mesmo pseudónimo, o nome completo, morada e telefone do autor e, bem assim, uma declaração de conformidade com todas as condições do concurso.

Os prémios a atribuir aos trabalhos classificados serão os seguintes: 1.º prémio, 20 000\$; 2.º 15 000\$ e 3.º, 10 000\$.

Os trabalhos serão apresentados na Direcção dos Serviços de Depósitos — Rua Aurora 49 — onde poderão ser prestados todos os esclarecimentos, até às 11 e 30 do dia 31 de Julho.

Necrologia

SUFRAGIOS

Joaquim Pinto de Lima

Missa do 1.º aniversário. Sua família manda rezar missa, amanhã, dia 4, às 11 horas e 30 minutos, na igreja de N.ª Senhora de Fátima, pelo seu eterno descanso.

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

Esteja também de acordo ao aplicar os seus capitais em J. PIMENTA, SARL

Comprando propriedades o seu capital valoriza-se além de obter um óptimo rendimento

Preços e Locais

REBOLEIRA — AMADORA

Apartamentos mobilados	desde	140 contos
Andares 3 div. ass.		300 contos
Andares 4 div. ass.		370 contos
Andares 5 div. ass.		420 contos

PAÇO DE ARCOS

Apartamentos mobilados	desde	170 contos
Andares 3 div. ass.		370 contos
Andares 4 div. ass.		410 contos
Andares 5 div. ass.		480 contos
Andares 6 div. ass.		520 contos

CASCAIS

Apartamentos mobilados	desde	300 contos
Andares 3 div. ass.		550 contos
Andares 4 div. ass.		700 contos
Andares 6 div. ass.		1100 contos

INFORMAÇÕES:

J. PIMENTA, SARL

Lisboa / P. Marquês de Pombal, 15 / Tel. 45843-47843

OS MELHORES VENDEDORES VAUXHALL A CAMINHO DE LONDRES



Os momentos que antecedem a partida dos vencedores do Concurso de Vendas organizado pela General Motors de Portugal: «É tempo de conhecermos a Vauxhall»

Este concurso abrangeu todos os vendedores e chefes de vendas das 26 concessões Vauxhall do País.

O grupo, constituído por 16 vendedores e 7 chefes de vendas foi passar 4 dias a Londres, principal prémio do Concurso, aproveitando para visitar o já famoso «Parque das Punições», em Millbrook, campo de provas da Vauxhall que é o mais completo e moderno da Europa.

BOM APETITE

CASIMIRO CASTANHEIRA

L. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Restaurante breque

A deliciosa cozinha, Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica.

Sábado: PERNA DE CABRITO A PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D — Telef. 677006 - 679993



(Sala na cave)

DE ENGUIAS

Encerrado aos Sábados

Telef. 677006 - 679993

PREMIADO PELO SNH



«LUA DE MEL COM URTIGAS»

TÍTULO ORIGINAL — «Lovers and Other Strangers»
REALIZAÇÃO — Cy Howard, 1970 (E. U. A.)
INTERPRETES — Gig Young, Bea Arthur, Bonnie Bedelia, Michael Brandon, Richard Castellano, Harry Guardino, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Fox Filmes
ESTREIA — Cinema Tivoli (31-5-1971)

Um pouco à maneira das comédias de Neil Simon, este «Lovers and Other Strangers» baseia a sua estrutura (inicialmente teatral) num emaranhado de situações criadas em redor de um casamento. Com centro neste tema, Cy Howard irá glossá-lo das mais diversas formas, servindo-se para tanto das «experiências» de vários membros das duas famílias. Resulta disto que ninguém tem argumentos de peso para convencer dois jovens a casarem-se e todo o passado de vida em comum de qualquer dos casais intervenientes na farsa não está à altura de constituir um exemplo. Hipocrisias, trações, zarzafas, gritos, infidelidades, desinteresses, cansaço, tédio, de tudo aparece um pouco, excepto «o amor que deveria unir duas pessoas numa só» (como não deixa de continuamente frisar uma das raparigas do grupo, que, no meio das mais ofegantes cenas amorosas, não é capaz de resistir à tentação de citar Wilhelm Reich, Camus, Simone de Beauvoir ou mesmo a Monica Vitti de «A Aventura»).

É evidente que a estrutura é teatral e Cy Howard é um realizador pouco inspirado. É evidente também que «Lua de mel com urtigas» não ultrapassa o nível do divertimento, mas, por se tratar de um diver-

timento inteligente e por possuir uma certa agudeza na análise dos problemas abordados, justifica-se que recomendemos uma visita ao Tivoli. Tanto mais que os actores são quase todos eles notáveis, sobressaindo a figura de Richard Castellano, num pai realmente fascinante.

«O TESOURO DE EL CONDOR»

TÍTULO ORIGINAL — «El Condor»
REALIZAÇÃO — John Guillermin, 1970 (E. U. A.)
INTERPRETES — Jim Brown, Lee Van Cleef, Patrick O'Neal, Mariana Hill, etc.
DISTRIBUIÇÃO — So-filmes.
ESTREIA — Cinema Monumental (1-6-1971)

É realmente pungente a declaração derradeira do velho Lee Van Cleef. Tombando de morte, ele pergunta: «Mas o que é que eu estou aqui a fazer?» A beira do desenlace fatal, um momento de lucidez penessa pelo cérebro do actor. Que estará ele ali a fazer? Pois nada mais nada menos de que a interpretar um muito medíocre filme de John Guillermin, que não tem a mais pequena ponta de originalidade nem qualquer vestígio de interesse. Com péssima fotografia em 70 mm, uma banda sonora mastodóntica e uma intriga de uma infantilidade extrema, «El Condor» acaba por pôr ao espectador um problema de consciência em tudo idêntico ao de Van Cleef: Mas o que é que estaremos ali a fazer?

Tanto mais que, neste filme para maiores de 12 anos, desapareceram todas as sequências que poderiam ainda merecer qualquer tipo de interesse.

LAURO ANTÓNIO

A BAYER PATROCINA A ELEIÇÃO DA «PRINCESA DAS TEEN-AGERS» PORTUGUESAS

Viajar é uma das ambições maiores de qualquer jovem. Uma ambição que pode estar ao alcance das nossas jovens leitoras que participem na eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, uma iniciativa do «Diário de Lisboa» que vai realizar-se pela quarta vez. A vencedora terá, além de muitos outros prémios, uma agradável viagem a Londres, para duas pessoas, com estadia paga durante sete dias, oferta da REVILON, conceituada marca internacional de produtos de alta cosmética.

Para concorrer, tal como se explica noutro local, basta apenas ter nacionalidade portuguesa, e ter completado 14 anos até ao dia 10 de Julho e não completar 19 antes dessa mesma data. A outra condição é não ser nem ter sido nunca casada. As jovens interessadas em candidatar-se ao título de

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas devem preencher o cupão que diariamente publicamos e enviá-lo ao «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185, 2.º. A eleição terá lugar no dia 3 de Julho, já com a presença das concorrentes estrangeiras à eleição da Princesa Mundial que, conforme temos amplamente divulgado se realiza este ano em Portugal.

Para a eleição nacional serão escolhidas 10 finalistas às quais, alguns dias antes da eleição a Bayer, uma das organizações que dá o seu patrocínio a esta iniciativa oferece um almoço, com a presença dos membros do júri. Será no decorrer deste almoço e durante a tarde que as candidatas serão submetidas a diversas provas, tudo num ambiente agradável e de franco convívio. De resto, este almoço oferecido pela

Bayer tem constituído todos os anos um dos motivos para as mais belas recordações de todas as concorrentes, pelo ambiente que proporciona.

Condições para concorrer à eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas

- Ter nacionalidade portuguesa
- Não ser nem ter sido casada
- Ter nascido nos primeiros 10 de Julho e não completar 19 anos antes do mesmo dia 10 de Julho
- Enviar o boletim de inscrição, acompanhado de uma foto de busto e outra de corpo inteiro

cupão de inscrição

NOME _____	
MORADA _____	TELEF. _____
LOCALIDADE _____	
DIA DO NASCIMENTO _____	DE _____ DE 19 _____
PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____	

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho 185 — LISBOA

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA
 cantam: Sérgio Bento Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas, Elisete Cascais • Tocam: António Bessa • Fernando Reis • Consumo mínimo 60\$00 • Rua das Taipas 14 • Tel. 32 72 56

LAVERNA DO EMBUCADO
 Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo, Correia Ana Rosmaninho, Colaboração de Vicente da Câmara • João Braga Tocam: Fontes Rocha

Jose Luis Nobre Costa e Pedro Leal • Encerra aos domingos • Consumo mínimo 90\$00 • Beco dos Curtumes 10 • Tel. 860816
TIMPANAS
 cantam: Iria Odemira, João Fer-

nando Emilio Reis, Luis Braga Tocam: Pedro Caldeira Cabral • Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira • Canções do Minho por Quim Barreiros • Cons. mín. 61\$50 (taxas

Incl. • Rua Gilberto Rolz, 24 • Telefones: 676655 e 672431
ADEGA MESQUITA
 cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Marti-

nho • Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo • Rua «Diário de Notícias», 107 • Tel. 328307 • Encerra aos domingos

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL
 Jogo autorizado • variedades internacionais • Telef.: 264521 • 264526-264596-264621-264946

ADAGGIO
 A presença de JOSE LÉKIA • Soul e Underground • Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente da Inglaterra • Estados Unidos e Brasil • Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. • Rua Carlos dos Reis, 51-A • Tel. 775695

TAMILA
 Morão • Conjunção • Avenida Duque de Loulé, 69 • Tel. 534117 • Matinês todos os dias • Encerra aos domingos

CLUBE ANDALUZ
 Boite com atracções espanholas • Música constante • Calçada Marquês de Abrantes 64-66 • Tel. 667264

«PORTAS DO SOL»
 Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente • Rua 5.ª, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86 633

D. QUIXOTE — Bar-Boite
 com Carlos Villaret e Tony Vieira • Aberto até às 5 da madrugada • Rua da Trindade, 9 — Tel. 327109 • Encerra aos domingos

SANZALA
 Um pouco de África em Lisboa —

Música constante • Av. Marechal Carmona • Tel. 367136 • Encerra às 3 horas

MAXIME
 Conjunto 6 • Reacção e Maximalismo • «Show» turístico • Variedades internacionais • Praça da Alegria 58 • Tel. 55366

HIPOPPOTAMO
 Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A • Tel. 48384 • Conl. Hélder Reis • Encerrado aos domingos

a fuma
 música gravada
 ceias até às 3 da manhã
 fechado aos domingos
 r. ferreira lapa, 38 d
 (à duque de loulé)
 534400 • 561949

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
 Conjunto Manuel Viegas • Ave-

nido Duque de Loulé 73 • Tel. 530171

BATACLAM
 BAR • DISCOTECA
 Rua Ramalho Ortigão 39-A
 Tel. 56 04 30

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h.
 DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
 NOITES DE PARIS EM LISBOA
 ENCERRADO AOS DOMINGOS

O IX ACAMPAMENTO NACIONAL É NA PRAIA DE SANTA CRUZ

Realiza-se na próxima semana o IX Acampamento Nacional, que de dois em dois anos congrega os campistas portugueses na sua grande reunião de campo.

Este ano o grande Acampamento Nacional tem por pano de fundo a

praia de Santa Cruz, sob o patrocínio e com a colaboração da Câmara Municipal de Torres Vedras.

Por delegação da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, a entidade organizadora deste acampamento é o Clube de Campismo e Caravanismo de Torres Vedras

que escolheu, assim o seu novo parque de Santa Cruz para o local da reunião.

O acampamento é inaugurado com a presença de entidades oficiais no próximo dia 9 e durará até 13, encerrando-se com um grande desfile de carros

alégóricos. Deram a sua adesão à Comissão de Honra, além da Câmara Municipal de Torres Vedras, a Direcção-Geral de Turismo, director-geral de Desportos, governador civil de Lisboa, Comissão de Turismo e Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras.

A SINALIZAÇÃO LUMINOSA NA PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

A Divisão de Viação e Trânsito da Câmara Municipal de Lisboa divulgou a seguinte nota, a propósito da sinalização na Praça Marquês de Pombal:

«No prosseguimento dos ensaios finais da futura Sinalização Luminosa Automática de Trânsito os semáforos da Praça Marquês de Pombal manter-se-ão ligados, em programa fixo, durante certos períodos; no restante do dia estarão em amarelo intermitente.

A sinalização do programa fixo é estabelecido a título experimental e, neste caso, também para que os automobilistas se habituem a circular na Praça.

É uma sinalização automática (porque não comandada manualmente) mas não progressiva (porque o programa não é variável); é uma primeira fase, mas não é ainda a sinalização automática progressiva, que só entrará em funcionamento com o computador.

Pede-se a melhor colaboração dos automobilistas, no sentido de antes da entrada na Praça tomarem a fila correspondente ao percurso que pretendam seguir: isto é, por exemplo, quem, subindo a Avenida da Liberdade pretende seguir para as Avenidas Duque de Loulé ou Fontes Pereira de Melo, deverá tomar a fila ou filas da direita e nunca a da esquerda.»

TRÂNSITO CONDICIONADO NA BARRAGEM PRACANA

Por motivos de trabalho na barragem Pracana, situada no limite dos distritos de Santarém e Castelo Branco, fica interdito a veículos pesados o trânsito sob o coroamento da referida barragem, durante os meses de Junho, Julho e Agosto. Esta restrição será sinalizada nas estradas que dão acesso à mesma barragem.



SE ALGUMA VEZ PENSOU EM VIAJAR, PORQUE NÃO O FAZ AGORA?

Inicie desde já a viagem de férias ou de negócios que tem tido sempre no pensamento. Consulte qualquer das Agências integradas no plano de CRÉDITO BPM para uma digressão cómoda e tranquila, sem preocupações imediatas de ordem financeira. Terá depois muito tempo para fazer o pagamento... suavemente... sem complicar a vida.

UTILIZE O SISTEMA DE VIAGENS A CRÉDITO



UMA INICIATIVA DAS AGÊNCIAS:

ABREU — PORTO — AVENIDA DOS ALIADOS, 207
LISBOA — AVENIDA DA LIBERDADE, 160

ATLÂNTICA — RUA DO CAPELO, 4-A

EUROPEIA — AVENIDA DA LIBERDADE, 231/235

HAVAS EXPRINTER — RUA DO OURO, 242

LUSITÂNIA — RUA DO CRUCIFIXO, 33

EM COLABORAÇÃO COM A ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

**PINTO
DE
MAGALHÃES**

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

Presidido pelo desembargador Morgado Floriano, com o dr. Costa Saraiva, juiz-adjunto do procurador da República, na acusação pública, terminou no Plenário Criminal da Boa Hora o julgamento de 18 réus, empregados da Companhia Carris, acusados de, no dia 17 de Julho do ano passado, cerca das 11 horas e até cerca das 12, terem suspenso o trabalho que desempenhavam nas oficinas da Estação das Amoreiras sem motivo justificado ou legítimo.

No decorrer deste julgamento foram ouvidos dez declarantes, seis testemunhas de acusação e cento e trinta e cinco testemunhas de defesa.

Lido o acórdão, verificou-se que foi aplicada a pena de três meses de prisão correcional, suspensão por três anos, a suspensão de direitos políticos também por três anos, interdição do exercício da profissão por um mês e 880\$00 de imposto de justiça a cada um dos seguintes acusados: Armando Arede da Silva, casado, de 35 anos, serralheiro mecânico; Mário José Pimentel Laurentino, casado, operário-chefe serralheiro, de 47; Argentino Rafael Ramos, casado, de 44, serralheiro mecânico; António Brás, casado, de 47, operário-chefe; Guilherme Ferreira, casado, de 55, operário-chefe; Armando Gonçalves Granadeiro, casado, de 45, serralheiro mecânico; Joaquim Oliveira da Fonseca, casado, de 43, serra-

lheiro mecânico; e José Martins Duarte, casado, de 46, torneiro-chefe.

Foram absolvidos: Armando Bernardino Ochoa, Mendes; António José Jacinto; Jorge Augusto Baptista; Basílio Guerra Sales; António da Silva Barros; Joaquim Esteves de Almeida, João da Silva Teixeira; João Antunes; José Fátima e Eduardo Ferreira de Araújo.

CURSO DE TRACTORISTAS EM SOURE

COIMBRA, 3 — Terminou mais um curso de tractoristas agrícolas, promovido pela Brigada Técnica da XVIII Região, prosseguindo assim o programa que a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas vem desenvolvendo na preparação profissional dos agricultores para fazerem face às exigências de progresso do meio rural.

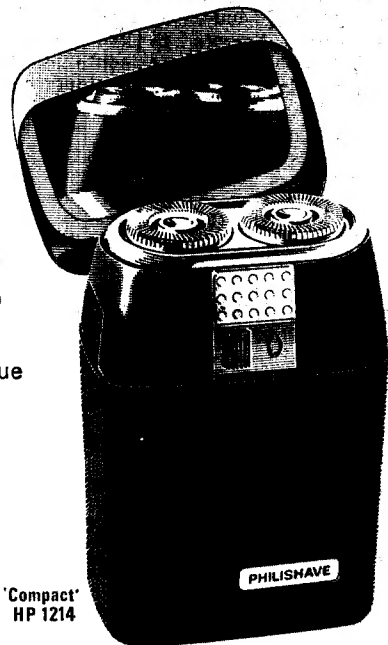
Este curso integrou-se na acção piloto que decorre no concelho de Soure sob a égide do chefe do distrito, tendo o juri, constituído pelo inspector da II Zona Agrícola, eng.º Messias Fuschini, pelo chefe da referida brigada, eng.º António Corte Real, e regente agrícola Manuel Bolota, da Estação de Cultura Mecânica, aprovado doze candidatos que prestaram provas sobre a condução, utilização e cuidados de manutenção do tractor e alfaias agrícolas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

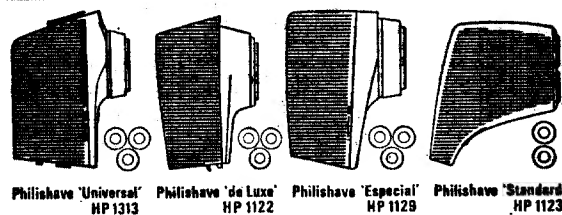
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

APENAS 295\$00 ...E ESTÁ NO SEU BOLSO!

A Philishave 'Compact', agora equipada com cabeças 90 SUPER, é a mais pequena máquina de barbear do mundo de funcionamento autónomo por pilhas. Indispensável ao homem que vive intensamente e ao jovem que progride com o seu tempo. A Philishave 'Compact' cabe no bolso e não pesa na bolsa.



Philishave 'Compact' HP 1214

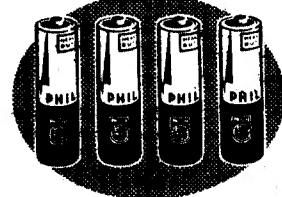


TODOS OS MODELOS DA PHILISHAVE ESTÃO EQUIPADOS COM CABEÇAS

**90
SUPER**

OFERTA

Durante um período limitado, a Philishave 'Compact' é fornecida com 4 pilhas Philips, tipo R6TR, especiais para força motriz.



PHILISHAVE

INVESTIR PELO SEGURO

A erosão do tempo
destrói ilusões de
futuro, quando
não é alicerçado em
bases sólidas de
previdência.

Futuro

Preocupação dominante do homem de hoje,
que acautela a estabilidade económica
da família e prevê a sua própria segurança.
É lógico procurar investimentos
que garantam a valorização das economias
aplicadas.

Mas, ao tomar qualquer atitude
definitiva, há que avaliar vantagens
e riscos.

A Mundial, consciente das necessidades
sócio-económicas do mercado, apresenta
agora uma modalidade de Seguro de Vida,
com valorização progressiva do capital seguro.

Esta valorização provém da
participação do Segurado nos
lucros que a Companhia realiza
na exploração técnica e financeira
desta modalidade.

Com o Seguro Base Valorizável,
cada Segurado é "accionista" da
sua própria apólice.

seguro

BASE

VALORIZÁVEL

NA BASE DO SEU FUTURO
E DA VALORIZAÇÃO DO SEU DINHEIRO

Consideramos que terá interesse em saber pormenores deste novo Seguro de Vida. Se telefonar para 35258 ou 362131 de Lisboa ou 25977/8/9 do Porto, um nosso representante estará ao seu dispor para o visitar quando achar conveniente. Em qualquer outro ponto do País, basta requerer a colaboração do Agente Mundial mais próximo.



A MUNDIAL
SEGUROS

FESTIVAL DE ROYAN (5)

«DOMAINE MUSICAL» OU A QUALIDADE ABSOLUTAMENTE SUPERLATIVA

O sexto dia do Festival constituiu um dos mais ricos da Semana de Arte Contemporânea de Royan, devido principalmente a um concerto sensacional (o do «Domaine Musical») e a um filme surpreendente («O Fruto do Paraíso» de Vera Chitilová).

Vou começar a referir-me aos acontecimentos do dia, um por um e em pormenor.

Os dois últimos filmes integrados na apresentação do cinema de Leste tiveram lugar nesse mesmo dia, penúltimo do Festival. O primeiro a ser exibido foi «O Primeiro», filme húngaro de Pál Zolnáy; uma narrativa bem conduzida através de uma captação de imagens de extrema sensibilidade. Trata-se de uma análise do comportamento de um indivíduo isolado, privado dos seus contactos imediatos e directos com o seu grupo social, incapaz de agir em virtude da própria rotura desses mesmos contactos.

O segundo filme, «O Fruto do Paraíso», da checoslovaca Vera Chitilová (de quem já tinha visto «As pequenas Margaridas»), é um poema admirável de equilíbrio formal, de força expressiva, de imagens de uma beleza inesquecível. Concebido como uma alegoria dialéctica do mito da expul-

são do Paraíso, este filme é sem sombra de dúvida o mais notável da série; pela sua escrita cinematográfica tão original, pelo universo onírico que Vera Chitilová vai criando e revelando a passo através de um estilo tão pessoal e pleno de achados surpreendentes.

A tarde realizou-se o anunciado concerto de solistas, no qual tomaram parte o flautista Severino Gazzelloni, o violoncelista Pierre Penassou, a pianista Maria Helena Barrientos e o flautista Renaud

uma peça de notável sentido poético, impecável no ponto de vista formal, que vem renovar muito salutariamente a técnica e os recursos expressivos do compositor, em relação a outras peças para flauta (ou flauta e piano) que lhe conhecemos — *Mei e Three Pieces from Chu-O*.

Muito mais apagadas se revelaram as peças dos compositores húngaros acima mencionados (Z. Jeney e L. Sári), apesar de não poderem ser consideradas, com perfeito sentido de justiça, como obras

peças para violoncelo e piano op. 11), esta obra constituída por um único andamento revela pujantemente toda a força criadora do compositor no apogeu da sua fase atonal.

O concerto foi completado por dois trios para flauta, violoncelo e piano, ambos de certo modo decepcionantes, mas também vítimas de uma execução um tanto precipitada, pouco coesa e homogênea.

As obras em questão foram as seguintes: *Triplum* do compositor romeno Stefan Niculescu e *D'un arbre de nuit* do francês Claude Lefebvre. A primeira peça, oscilando entre estruturas rigorosas e outras mais livres, não ofereceu grandes motivos de interesse, apesar de revelar uma escrita bem elaborada e desenvolvida. Quanto à obra de Lefebvre, pareceu-me que as intenções do compositor ultrapassaram em muito a respectiva realização, um tanto frouxa e redundante.

O «DOMAINE MUSICAL»

O mais alto momento musical do Festival foi alcançado pelo concerto do «Domaine Musical». A excelente qualidade das obras e o primor da realização foram de ordem absolutamente superlativa, si-

tuando este concerto entre os mais importantes a que assisti nos últimos anos.

Três primeiras audições absolutas — qualquer delas de excepcional interesse — dominaram o panorama desta sessão musical. Vale a pena debruçar-me sobre cada uma delas em particular.

Em primeiro lugar, referir-me-ei a *Oliphant* do compositor jugoslavo Milko Kelemen. A obra é escrita para um solista (executante de vários instrumentos com afinidades entre si: trombita, flautas de Bali, trombeta zurla, trombone e cornos dos Alpes) e uma orquestra de câmara.

Conhecendo anteriores obras de Kelemen, devo confessar que esta peça me surpreendeu extremamente. Uma qualidade de invenção rara, uma técnica instrumental irrepreensível e de uma fantasia transcendente, um sentido formal muito seguro que vem revelar uma nova perspectiva ao binómio solista-orquestra, através de um muito interessante partido extraído da permutação dos instrumentos por parte do solista, tudo isto são qualidades a realçar na obra de Kelemen, contribuindo para situar o autor na primeira linha dos compositores europeus de hoje. Vinko Globokar foi o solista, inteligente,



Carlos Roqué Alsina, compositor do grupo New Phonic Art

tui o resultado de uma série de pesquisas efectuadas por Globokar sobre o problema da comunicação entre compositor e intérprete e entre intérpretes entre si. O próprio título *Ausstrahlungen* (palavra alemã que significa «irradiações») dá uma ideia da sua problemática: a solista «irradia» materiais sonoros que vão ser recebidos e transformados pelos restantes músicos.

Em relação a obras anteriores de Globokar, tais como *Etude pour Polkora Traumdeutung* ou *Discours III, Ausstrahlungen* não constitui certamente o ponto culminante da trajectória do compositor; a obra vive muito da contribuição criadora do solista (neste caso o prodigioso clarinetista Michel Portal) e é talvez um pouco longa atendendo às virtualidades do material. Porém, o seu potencial de invenção é tão notável e a sua imaginação sonora tão original, que veio a constituir um dos momentos inolvidáveis de um concerto extraordinário.

Carlos Roqué Alsina, argentino, igualmente membro do «New Phonic Art», revelou-se amplamente como compositor com a sua obra *Schichten*, a última estreia da noite. Trata-se de uma peça esplêndida, em que um rigor solidíssimo anda a par de uma admirável magia sonora; onde um sentido da forma e do tempo musical (dir-se-ia quase inultrapassável) se alia a uma escrita de uma desinvoltura e de uma eficácia notabilíssimas. Esteticamente, *Schichten* (palavra que poderá ser traduzida por «camadas» ou «planos») corresponde a uma tentativa de integração, no âmago da composição, de um processo de interferências recíprocas entre os intérpretes.

O programa compreendeu ainda duas obras mais, da autoria de dois dos maiores compositores do século: Stockhausen e Webern.

Adieu para quinteto de sopros, de Stockhausen, é uma das obras elegíacas mais belas do nosso tempo. Composta à memória de um jovem organista alemão (Wolfgang Sebastian Meyer), utiliza o quinteto de sopros tradicional (com a trompa) ao contrário de *Zeitmasse*, obra-prima dos anos 50, em que é utilizado o corne inglês. Como muito bem assinala Gilbert Amy, *Adieu* constitui de algum modo o

Por JORGE PEIXINHO

François (este último tendo substituído S. S. Gazzelloni nalgumas peças do programa).

UM COMPOSITOR JAPONÊS

Gazzelloni, o grande flautista italiano, interpretou três peças: *Soliloque n.º 1* de Zoltán Jeney, *Pezzo concertato* de Laszlo Sári e *Shun San* de Kazuo Fukushima.

A obra do compositor japonês, escrita para flauta coloratura, foi a mais interessante de todas. *Shun San* é de facto

de qualidade inferior; limitaram-se a explorar (com certa finura e bom domínio de uma técnica de escrita) as possibilidades do instrumento — ou instrumentos, no caso do *Pezzo concertato* de L. Sári, escrito para flauta e piano.

A *Sonata para violoncelo e piano* de Edison Denisov, porventura o representante mais destacado da nova escola soviética (a quem se deve, por exemplo, uma obra muito interessante e significativa, *Le Soleil des Incas*) constituiu uma amarga decepção. Composta recentemente, a *Sonata* assinala uma regressão de esquemas formais pré-existentes e a um tipo de expressão sentimentalíde, pouco adequado às exigências do nosso tempo.

Por seu lado, a peça *Carre magique sonore* do compositor russo Ivan Wyschnegradsky (nascido em 1893 e um dos pioneiros da música fundada em «meios ultracromáticos») demonstrou um sentido musical muito pessoal (um pouco na esteira de Scriabin e da sua estética evadida de ideais místicos e isotéricos), não obstante as suas evidentes fraquezas (uma ingenuidade de processos competitivos e uma escrita pianística assaz elementar).

INÉDITOS DE WEBERN

Despertou muito interesse a primeira apresentação em França, por Pierre Penassou e pela mexicana Maria Elena Barrientos, de duas obras inéditas de Webern: *2 Peças para violoncelo e piano* e *Sonata para violoncelo e piano*.

As *2 Peças para violoncelo e piano*, compostas quando Webern contava apenas 16 anos, datam de 1909 (ano da composição da *Noite fingurada* de Schönberg) e constituem um exercício de estilo na linha (Schumann-Brahms) de um surpreendente romantismo, completamente alheio ao universo poético definido pelo conjunto da produção criadora weberniana.

Em relação à *Sonata*, a sua situação no âmbito da obra do compositor é completamente diferente. Escrita em 1914 (no mesmo ano em que Webern compôs as *3 pequenas*

NOVA ARMA PARA AS CONQUISTAS DO HOMEM

AGUA DE COLÓNIA NAU



Aftershave Sabonetes

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA 257

COLEÇÃO

ESTUDOS DE ECONOMIA MODERNA

19 VOLUMES PUBLICADOS

FEIRA DO LIVRO

PAVILHÃO N.º 8

ACESSÓRIOS DE INDÚSTRIA

Casa

Chaves Caminha

Lisboa: — Tel. 725163
Porto: — Tel. 22556

Cinquenta e dois países já se inscreveram para a Bienal de S. Paulo

O Chile, França, Argentina, Filipinas, Taiti, Paquistão, Israel, África do Sul, Austrália, Guatemala, Luxemburgo e Barbados foram os primeiros países a enviar a relação dos artistas cujas obras figurarão na XI Bienal de São Paulo, que deverá ser instalada na primeira semana de Setembro deste ano.

Até agora, 52 países já confirmaram sua presença na próxima Bienal, o que indica a provável participação de mais de 55 países.

O Chile estará presente através dos artistas Kurt Herdan, Carlos Alarcon, Gabriela Cheliew Schroeder, Adolfo Berchenko, Carmen Piemonte, Ernesto Muñoz e R. Vergara Grez, todos do grupo Rectángulo (corrente «óptica», nascido há 15 anos, e do qual se originou Forma y Espacio). Vergara Grez, justificando os objectivos do grupo, salienta a importância da cor no seu valor puramente visual, procurando integrar a emoção e os sentimentos.

mas recusando qualquer utilização, para isso, dos meios técnicos-mecânicos. Do Chile, figurarão na XI Bienal 35 obras.

A Argentina participará de forma bastante destacada, através de obras dos artistas Ary Brizzi e Eduardo Mac Entyre (arte neo-geométrica). Roberto Aizemberg (surrealismo), Ezequiel Linares Carenio (neo-figurativismo), Rómulo Macció (desenho), Hugo Rodrigues (escultura-imagem americanista) e Davite (experiências visuais). Será ainda apresentada uma retrospectiva (período de 1914-24) de pinturas de Emilio Pettoruti.

Obras de Picasso (homenagem aos 90 anos do artista), trabalhos de artistas plásticos para edifícios públicos e recentes pesquisas no sector da gravura constituirão a participação da França na XI Bienal de São Paulo.

Das Filipinas teremos obras de Lee Aguinaldo, Arturo Rogério Luz, Lucio Martínez,

J. Elizalde Navarro e Marcelino Rodriguez. São cinco artistas empenhados em resolver, com os próprios meios, os «problemas» actuais da arte, contribuindo com seu trabalho de pesquisa para que se crie uma arte filipina vitalizada e diversificada.

O Paquistão será representado por trabalhos do artista Iqbal Geoffrey. A sua arte, que ele próprio chama de «não arte», é uma afirmação do artista como ser autónomo e culto, agindo somente de acordo com o que deseja e se propõe a fazer. Explica Iqbal que não aceita a *avant-garde* que se contenta em seguir os lucrativos caminhos da moda. Assim, a sua arte não é feita para a crítica, sendo, ao contrário, uma crítica da arte.

De Israel teremos obras de três artistas: Michael Gross com esculturas, Osiás Hofstatter com desenhos e Mordechai Morch com gravuras.

Da África do Sul, além de trabalhos de gravadores e escultores, virão obras gráficas do artista «banquo» John Muefangejo.

Estará por outro lado, a Austria presente à XI Bienal de São Paulo com trabalhos gráficos de Arnulf Rainer e objectos de Bruno Gironcoli.

A Guatemala, além da representação habitual, está seleccionando trabalhos para uma sala especial de Arnaldo Ramirez Amaya.

Taiti comparecerá através dos artistas Frank Fay e J. F. Favre, e o Luxemburgo, com obras de Roger Bertenes e Ben Heijart.

Barbados, juntamente com a adesão à XI Bienal de São Paulo, anunciou o envio de obras de Brian Kirby, Mary Armstrong, Arthur Atkinson, Stella St. John, Norma Talma e Goldie Spieler.

Além das salas nacionais, estão previstas exposições especiais, algumas dos países participantes, e outra internacional, versando sistemas de arte, que contará com a participação de vários países.

«JAMES BOND» SOMA E SEGUE

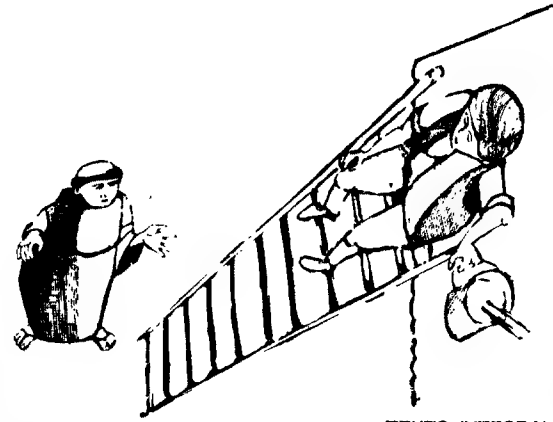
LONDRES, 3 — (A.N.I.) Alberto Broccoli, que foi produtor, juntamente com Harry Saltzman, da série de filmes «007», anunciou que continuará a fazer películas com esta personagem e que já comprou os direitos de outros cinco livros de

Ian Fleming, além de estar autorizado a escrever ou mandar escrever outra aventura do agente secreto James Bond e a transportá-la para a tela. Em conclusão: Broccoli e Saltzman tornaram-se donos «eternos» de James Bond...

livros de bolso europa-américa

5º volume

a missão de FERREIRA DE CASTRO



TEXTO INTEGRAL

Sempre
às terças-feiras,
de 15 em 15 dias
Tem tempo para ler
cada volume

15\$

livros
de bolso
europa
américa

15\$

Inconvenientes resultantes das obras em curso na linha ferroviária de Sintra

Recebemos do sr. Armando Martins de Araújo, do Cacém, a seguinte carta sobre inconvenientes resultantes das obras em curso na linha ferroviária de Sintra, a qual remetemos de interesse das entidades competentes:

«Como sempre, é ao meu «Diário de Lisboa» que me dirijo; e, como sempre, nele confio — diz o nosso leitor, e acrescenta:

«Com vistas ao melhoramento geral de toda a rede de comboios na linha de Sintra, está a C. P. a proceder a obras e restauração das respectivas vias. Compreendem-se todos os transtornos por tal facto motivados, e augura-se que o transporte, de futuro, seja, de facto, um futuro transporte.

Há, no entanto, nestas obras de restauração a que a C. P. meteu ombros, algo que não está bem e transcende até a compreensão (pelo menos a minha) de centenas de pessoas que, diariamente, utilizam as passagens de nível com carros, nomeadamente Mercês, Alguetão, Rio de Mouro e Cacém, já que das restantes até Quezuz se pode fugir com mais facilidade.

«As demoras nas suas aberturas compreendem-se, de

certo modo e aceitam-se, embora com os transtornos que a muitos motiva. O que já não se aceita e leva-se até para o campo da incuria e da falta de atenção pelos outros, é o facto de estas passagens de nível, estarem praticamente intransitáveis.

«Não interessa relatar factos com grandes prejuízos causados; apenas gostaria que o encarregado ou encarregados de tais obras utilizassem o seu carro diariamente nessas montanhas de pedras, ferros e madeiras. Deste modo comprovariam a incuria, e a falta de atenção pelo próximo que nesta se relata».

A ESTÂNCIA TERMAL DO VIMEIRO

É O LOCAL IDEAL PARA FÉRIAS E TRATAMENTOS

a 1 hora de automóvel de Lisboa

BALNEÁRIO DA FONTE DOS FRADES

COM CABINES: FISIOTERAPIA BANHOS DE IMERSÃO MASSAGENS SUBAQUÁTICAS, DUCHAS FILIFORMES E LOMBARES, SEMICÍPIOS, GINECOLÓGICOS E INTEROCLISES, TRATAMENTO DAS DOENÇAS DE NUTRIÇÃO, HEPÁTICAS, DOS INTESTINOS, HEMORROIDAL E GINECOLÓGICAS

FONTE SANTA

TRATAMENTO DAS DOENÇAS DOS RINS, BEXIGA, FÍGADO E PELE

Assistência Médica — Dr. Pedro Garcia Anacleto

PISCINAS ABASTECIDAS COM ÁGUA MINERAL CORRENTE A 27°, NÃO RECUPERADA, CONTENDO BICARBONATOS DE CÁLCIO E SÓDIO, MAGNÉSIO, FLUORETOS, BROMETO DE ZINCO, DE EFEITOS SURPREENDENTES NA PELE

Golfe 9 buracos com 2.350 m2 — Campos de ténis — Equitação e pesca em rio e mar
3 magníficas praias do Atlântico — Instrutores de Golfe, de Equitação e Natação

HOTEL DAS TERMAS — HOTEL GOLFE MAR — 1.ª classe

Informações e marcações:

AV. CONSELHEIRO FERNANDO DE SOUSA, 1 (às Amoreiras) — Telef. 65 12 02 - 68 05 68 - 68 01 43 e A-dos-Cunhados, 3, 6 e 57

AS JÓIAS, AS PRATAS DA

Curiosaria da
GUIA
SÃO DIFERENTES!



RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

FUNDADA
EM 1875



OS PEANUTS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 3 de Junho de 1941 publicava:

«O que nos mostram os dias passados?»

«Na Idade Antiga as lutas entre as classes desorganizando as repúblicas e afundando os impérios.

«Na Idade Média as lutas entre os poderes espiritual e temporal trazendo a sua desmoralização e o seu enfraquecimento.

«Na Idade Moderna as lutas entre os povos criando o estado de guerra, que nunca mais se extinguiu.

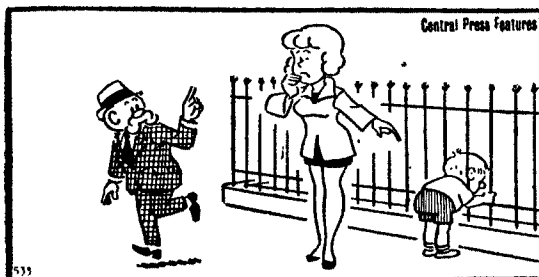
«Muitos, porém, se não a maior parte, fazem da tolerância uma ideia acanhada e falsa, em que os eleitos, tendo imposto as regras e repartido entre si os quinhões, consentem que os outros habitem na mesma terra, respirem o mesmo ar e bebam a mesma água.

«Um tirano da Ásia Menor, cujo reino era um foco de contínuas sedições religiosas, falando a Séneca, o filósofo que o aconselhava a usar uma certa tolerância para todas as seitas, retorquia-lhe com a maior naturalidade: «Pois é precisamente o que eu tenho feito. Estabeleci um único culto, mas permito que todos o possam praticar livremente.»

—Dias Ferreira.



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

CAMISAS POR MEDIDA

HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

A C. P. informa que a partir do dia 1 do próximo mês de Junho entram em vigor novos preços e condições para transporte de militares

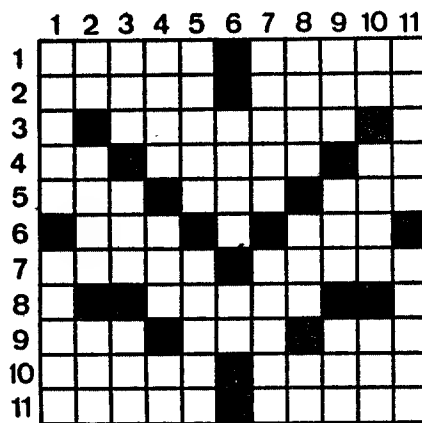
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5912

HORIZONTAIS: 1 — Espirito. Espadela. 2 — Ecoara. Bate as asas. 3 — Artigo definido. O bolbo de certas plantas (pl). 4 — Oferece. Província de Portugal. Nota musical. 5 — Membro de ave. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Pronome relativo. 6 — General de Napoleão. Um cento. 7 — Abertura para dar entrada ou saída. Encalheriza. 8 — Amparo. (fig). 9 — Mitologia. Ecoa. Duzentos e cinquenta em romano. 10 — Querida. Chuvisco (Bras). 11 — Rebolar. Aromatiza.

VERTICAIS: 1 — Vasilha com asas. Frutaria. 2 — O lado do vento. Burro. Intimo. 3 — Palavra gaélica que significa filho e precede um grande numero de nomes irlandeses e escoceses. Prefixo que designa ar. Bigorna de ourives. 4 — Lavrem. Sufixo que designa pequenez. Divino Augusto (abrev.). 5 — Nome de ave do Brasil. Tostar. 6 — Vaga. Flauta chinesa de três buracos. 7 — Feição. Inunda. 8 — Grande cão de fila. Remo para trás. Viração. 9 — Catedrais. Possuir. Nome de jogo. 10 — Cabelo branco. Lado. Preposição. 10 — Praia. Sala grande.



Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5911

HORIZONTAIS: 1 — Tresmalhada. 2 — A. Cão. 3 — Miara. Alela. 4 — Boni. Olor. 5 — Oso. Pão. Ame. 6 — Conia. 7 — Iru. Zás. Fia. 8 — Nana. Pais. 9 — Asira. Maris. 10 — AIA. Arc. 11 — Acorrentais.

VERTICAIS: 1 — Tamborinara. 2 — Ios. Rás. 3 — Écano. UNIÃO. 4 — Sari. Arar. 5 — Moa. FAZ. Aar. 6 — Barão. 7 — Lia. Ois. Mon. 8 — Holo. A. Part. 9 — Anela. FORÇA. 10 — Tom. III. 11 — Amarelases.

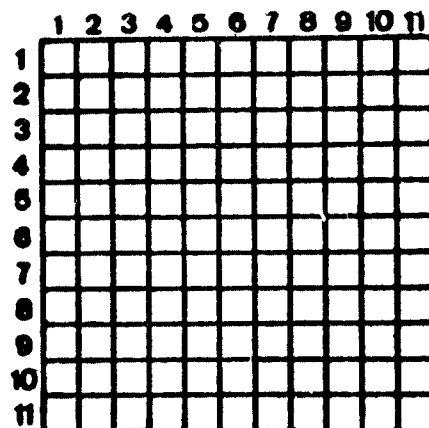
Provérbio: A UNIÃO FAZ A FORÇA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9755

HORIZONTAIS: 1 — Calcanhar. Engastes de pedras preciosas. 2 — Recuar. Ratar. 3 — Fora pe lo ar com grande velocidade. Enganam. 4 — Ca minhar. Tragédia de Shakespeare. Letra grega. 5 — Gavinha. 6 — Planta que vive no fundo ou á superfície das águas doces ou salgadas. Cura. 7 — Palmeira da Amazônia. Rosto. 8 — O mesmo que rosmarinho. 9 — Artigo indefinido. Partida Nesse lugar. 10 — Astro. Rala. Povoação do concelho de Condeixa. 11 — Onículo. Carimbos.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. Português. 2 — Ave de rapina. Vi. Maior. 3 — Satélite da Terra. Mãe de Ismael. Pelos de certos animais. 4 — Ilha do Pequeno Belt. Anéis. 5 — Pessoa doida. Planta vivaz e medicinal. 6 — Pronome pessoal. Voz do gato. 7 — Prensa. Cidade de Espanha. 8 — Gorgulho tropical. Remedia. 9 — Ver. De alto preço. Artigo definido (ant). 10 — Lavrar. Batráquio. Nome de letra. 11 — Cidade de Espanha. Itinerários.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9754

HORIZONTAIS: 1 — Ca. Vilar. Co. 2 — Ama. Mil. Mar. 3 — Lora. Mura. 4 — Arrastases. 5 — Dai. Aal. Sás. 6 — Ammar. Irara. 7 — Aer. Sós. 8 — Rasto. 9 — Lua. Fia. Pés. 10 — Id. Corra. Re. 11 — Socos. Altar.

VERTICAIS: 1 — Caladas. Lis. 2 — Amarar. Tudo. 3 — Arrima. 4 — Ao. Aer. Co. 5 — Im. Sar. rrafas. 6 — Lista. Sir. 7 — Al. Alistara. 8 — Ma. Roo. Al. 9 — Russas. 10 — Carear. Fora. 11 — Amassar. Ser.

APARELHAGEM

Electro-domésticos

TUDO PARA V. CASA

— S. FIADOR

CASA MAX

193—R. D. Estefânia, 193-F

PASSAGEIROS SEM BILHETE

Comunicamos a C. P. que, a partir de 15 de Junho de 1971, aos Srs. Passageiros encontrados sem bilhete em comboios tranvias ou que façam serviço de tranvia e que tenham embarcado em estações ou apeadeiros com venda de bilhetes, ser-lhes-á feita a cobrança de bilhete da Tarifa Geral com o recargo de 20 % em todo o percurso em que pretendam viajar. Esta cobrança não poderá ser inferior a 20\$00.

No próprio interesse dos Srs. Passageiros, que utilizam os referidos comboios, a C. P. lembra a conveniência de adquirirem sempre os seus bilhetes antes do embarque.

Um curso sobre Termodinâmica

Com um curso sobre Termodinâmica iniciou-se agora o terceiro ano lectivo dos Estudos Avançados de Oeiras, da Fundação Calouste Gulbenkian. O programa para 1971 é constituído por sete cursos monográficos intensivos sobre temas de Biologia Molecular, res dos Centros de Biologia e do Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian em Oeiras e de dois departamentos da Estação Agronómica Nacional.

O curso de Termodinâmica, que tem a duração de cinco semanas, será regido pelos profs. drs. H. A. Bent

LUSTRES

Se esta interessado na sua compra não o faça sem visitar a Fabrica, Av 5 de Outubro, 203. r/c. eq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639

VENDA AO PÚBLICO

e C. G. Moreland, da Universidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos da América. Para a parte prática do curso, que ocupa o dia inteiro, estão inscritos 23 doutorandos e outros licenciados de Universidades e Institutos de Coimbra, Lisboa, Luanda, Salamanca, Granada e Rio de Janeiro. As aulas teóricas estão abertas ao público e são dadas todas as manhãs das 9 às 10 horas.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAR-SE

Estabelecimentos

VALENTIM

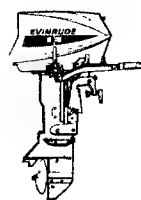
DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A.

R. L. — 95, Rua Nova do

Almada, 99 — LISBOA

SUPER-ACELERAÇÃO NA PRÁTICA DO 'SKI'



Especialmente recomendada na prática do "ski", o EVINRUDE 25 HP possui um carburador de grande diâmetro que se torna num grande intensificador de potência

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L. AV. 24 DE JULHO, 52 A7G — LISBOA — TELEF. 66 77 94



RECOMEÇOU A CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS

Prolonga-se até final de Setembro a campanha de segurança nas praias que agora recomeçou, organizada pelo Ministério da Marinha, através do Instituto de Socorros a Náufragos e do Serviço de Segurança nas Praias.

Para esclarecimento dos órgãos da Informação, efectuou-se na Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo, uma reunião, presidida pelo comandante José Albano Custódio, subdirector do Instituto de Socorros a Náufragos, que se encontrava acompanhado do comandante Fernando Elpidio, do gabinete do ministro da Marinha, e do comandante Magalhães Martinha, chefe do Serviço de Segurança das Praias.

Este último fez um balanço da situação desde o ano de 1968, em que, sem qualquer campanha, houve 27 casos mortais na costa litoral portuguesa. No ano seguinte, só com divulgação de conselhos, tal número de casos mortais diminuiu para dez e, o ano passado, com nova campanha de divulgação e o aparecimento das primeiras técnicas de salvamento, com base em sistemas praticados em França, apenas houve sete casos de morte.

A grande dificuldade inicial da campanha foi a de vencer o imobilismo e a inércia de maior parte das pessoas, nomeadamente daqueles que possuíam concessões de zonas de banho. Mas, entretanto, têm aparecido outras adesões, nomeadamente inúmeros bombeiros das mais diversas corporações do País, e o próprio serviço fez distribuir este ano, por quase todas as escolas, colégios e liceus do País, uma série de cartazes em que é chamada a atenção dos rapazes e das raparigas para os cuidados a ter quando se deslocam à praia.

Este cartaz foi distribuído, ainda, a grandes empresas de Lisboa e do Porto, por serem as zonas de maior incidência habitacional e de onde mais elevado número de pessoas saem para as praias dos respectivos arredores. Mas a campanha não se limitou à distribuição de cartazes, pois houve a intenção de dotar o litoral da nossa costa com melhores meios dos existentes: e, assim, em Peniche, na Figueira da Foz, em Sines e em Portimão surgem já barcos privativos e melhoria das condições de salvamento das praias; dentro da ria de Avei-

ro a tarefa de salvagem caberá às corporações dos Bombeiros Novos de Aveiro e dos Voluntários de Estarreja.

Ainda em relação ao plano de 1970, no referente à zona-piloto da praia da Aguda, pode dizer-se que se modificaram extremamente as condições de trabalho, pois de um barco com rádio passou-se para cinco embarcações, tipo fuzileiro, todas com rádio-telefone; e de uma camio-

neta de apoio às embarcações e ao quartel de bombeiros conseguiu-se passar para cinco corporações e quatro camionetas em constante ligação com os barcos; e de uma distância de 7 milhas de costa em observação por este sistema piloto, passou-se para um raio de acção muito maior, praticamente desde Espinho a Leixões. Valor dos gastos feitos até hoje: cerca de 600 contos por ano.

AVEIRO SÓ EM 1973 TERÁ PISCINA MUNICIPAL

AVEIRO, 3. — Há uns seis anos, e já na presidência do dr. Artur Alves Moreira, a Câmara Municipal desta cidade, ao que nos consta, encastrou pela primeira vez a construção de piscinas municipais. Aterrado que foi o tanque do Beira-Mar, Aveiro ficou privada do único local onde podia aprender e praticar natação ao nível recreativo e desportivo.

Encarregou a Câmara um arquitecto aveirense da execução do projecto do complexo de três piscinas, sendo

uma delas coberta e aquecida. Projecto ambicioso que mereceu louvores de uns pelo arrojo da iniciativa, e censuras de outros porque, diziam, toda essa ambição camarária iria levar anos até à sua execução.

O tempo daria razão a estes últimos, pois são transcorridos todos estes anos e as piscinas não aparecem. Entretanto a Câmara Municipal pela voz do dr. Artur Moreira, várias vezes tem tornado publico de que as culpas da demora não lhe devem ser asacadas.

Agora, finalmente, chegou ao Município um anteprojecto da piscina coberta, esperando-se para breve a planta definitiva. Mas (e a adversativa é nossa) Aveiro só poderá contar com a piscina municipal em 1973, e se tudo correr bem até lá terão as crianças de recorrer a outros locais «estranhos» para aprenderem a nadar. Apece, assim perguntar: não poderia ser encarada outra solução de remédio, até ao ano de 1973, que ainda vem tão distante?

Existe uma medida a tomar na sua vida. Cuidado. Pode ser urgente!



a IMPÉRIO tem para si um seguro de vida por medida

Recorte por aqui e envie à Império R. Garrett, 62 — Lisboa - 2

O Ex.º Senhor _____

Rua _____

N.º _____ Em _____

contra o envio deste cupão obterá um estudo — sem compromisso para si — da modalidade de Seguro de Vida por Medida que convém ao seu caso.

Não pretendemos dizer que você não está, actualmente, na sua melhor forma.

Pelo contrário. Mas as coisas nem sempre podem correr assim. E além do mais... Você sabe, por acaso, o que vai acontecer amanhã? Se tem família, filhos para proteger e educar, ascendentes a seu cargo, o que está em jogo é a segurança dos seus. E isto diz-lhe directamente respeito, não concorda?

A Império oferece-lhe imediatamente uma medida a tomar. E urgente, claro. Em torno de uma vida — a sua — a Império cria protecção previdência, garantia de capitais ou de rendas.

☐ Seguros de vida inteira que garantem um capital livre de impostos.

☐ Seguros mistos que aliam à protecção da vida uma forma prática de capitalizar pequenas economias.

☐ Seguros dotais que incluem a entrega de um "dote" ao beneficiário em data fixada.

☐ Seguros do lar que garantem o valor de substituição dos bens destruídos.

☐ Seguros de educação ajustáveis e seguros de rendimento familiar.

☐ Prémios fixos de 50, 100 e 150 escudos mensais. Ou à medida que V. quiser.

Para o seu caso diferente a nossa resposta é um seguro diferente. Criado pela Império apenas para si.

Contacte um homem da Império. É um amigo.



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL DIDÁCTICO

Na Escola do Magistério Primário de Lisboa, foi inaugurado hoje, às 15 horas, uma exposição de material didáctico e de desenho e trabalhos manuais infantis.

O material foi confeccionado pelos alunos-mestres e destina-se a ser usado nas escolas primárias onde futuramente irão exercer.

Os trabalhos infantis procuram mostrar a aplicação de várias técnicas e materiais de fácil obtenção.

A exposição que estará aberta até ao dia 9, pode ser visitada dentro das horas normais do funcionamento dos serviços públicos.



Aeroporto, zona militar. A ordem de ALTO ou se pára, ou abrem fogo

Actualidade internacional

A GUERRA DO VIETNAM IMPEDE A RATIFICAÇÃO DE DOIS IMPORTANTES TRATADOS INTERNACIONAIS

WASHINGTON — As polémicas sobre a condenação de Calley e a utilização de herbicidas no Vietnam tornaram muito pouco provável que o Senado venha a ratificar este ano quer a convenção da O. N. U. sobre genocídio quer o protocolo de Genebra contra gases venenosos. As perspectivas para o próximo ano não são muito melhores.

Embora a Administração Nixon tenha pedido ao Senado a aprovação dos dois acordos, a impressão dominante é a de que ambos os tratados dificilmente passarão no Senado. O principal obstáculo que impede a aprovação da Convenção de Genebra é o receio, agora muito agravado pelo caso Calley, de que esse tratado possa vir a ser utilizado por outros governos,

para julgarem os soldados norte-americanos que combateram no Vietnam. A oposição ao tratado sobre gases venenosos resulta do facto de a Administração insistir em que esse protocolo não proíbe a utilização de gás lacrimogénico ou de herbicidas no Vietnam.

O líder da maioria do Senado, Mike Mansfield, do qual depende a decisão de trazer os tratados à discussão, logo que eles sejam formalmente apresentados pela Comissão Senatorial das Relações Exteriores, diz que não tenciona fazê-lo sem primeiro ter garantida a aprovação por maioria de 2/3 necessária para a aprovação.

Segundo declara Mansfield, o tratado sobre Genocídio «encontra-se em muito más circunstâncias». A convenção contra gases venenosos também se encontra em más circunstâncias e não se vislumbra por agora a possibilidade de a pôr em discussão.

Os diplomatas dos E. U. A., especialmente os A. N. U. há muito tempo que se sentem embaraçados pelo facto de o seu país ser um dos poucos países do mundo que se recusou a ratificar o tratado que em 1948 definiu o genocídio como cri-

tado de grande poder fáctico. Tanto a A. E. A. como esse bloco e senadores receiam que o Tratado dê azo a que cidadãos americanos fiquem sujeitos a extradição e julgamento em tribunais estrangeiros, onde os acusados não tenham adequados meios de defesa, que o tribunal mundial N. que com maiores poderes sobre os E. U. A. e que os poderes dos governos estaduais venham a ser diminuídos.

O senador Jacob K. Javits, partidário da Convenção sobre Genocídio, declarou no dia 30 de Março — dia em que a Comissão de Relações Exteriores o aprovou por 10 votos contra 4 — que o problema da extradição poderia ser resolvido, desde que a legislação instrumental deixasse bem claro que os tribunais dos E. U. A. poderiam exercer jurisdição, mesmo no caso de o crime alegado ter sido cometido no estrangeiro. Mas os opositores da Convenção alegam que essa disposição protegeria apenas as pessoas que se encontrassem nos E. U. A., não valendo de nada para os americanos capturados por governos estrangeiros fora das fronteiras norte-americanas.

A condenação de Calley

Por SPENCER RICH

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

me internacional e o Protocolo de Genebra que em 1925 proibiu a utilização de gases venenosos e de agentes bacteriológicos como armas de guerra.

Agora as controvérsias sobre a guerra do Vietnam vieram colocar mais obstáculos no caminho da aprovação do Senado.

A Convenção sobre genocídio, aprovada em 1948 por 55 votos a favor (sem votos contra) na Assembleia Geral da O. N. U., define o genocídio como «actos destinados a destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, religioso, étnico ou racial». Além disso, define o genocídio praticado por governantes, pessoas públicas ou pessoas privadas, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra, como um crime internacional. Prevê ainda a extradição da pessoa acusada, para ser julgada no país onde o crime tiver sido cometido.

Foi Truman que, pela primeira vez, enviou o Tratado para o Senado, no ano de 1949. No entanto, nunca o Senado chegou sequer a discutí-lo.

Mesmo antes da condenação de Calley, já a Convenção sobre Genocídio encontrava forte oposição por parte da «American Bar Association», um inimigo tradicional do Tratado, e da parte de um bloco de senadores, encabeçado pelo democrático, da Carolina do Norte, Sam J. Ervin Jr., homem muito astuto e do-

teve grande impacto nesta discussão. Surge agora o receio de que algum governo estrangeiro procure julgar americanos, sob a acusação de prática de genocídio no Vietnam. Vários senadores aludiram à possibilidade de o Vietnam do Norte julgar soldados ou prisioneiros americanos.

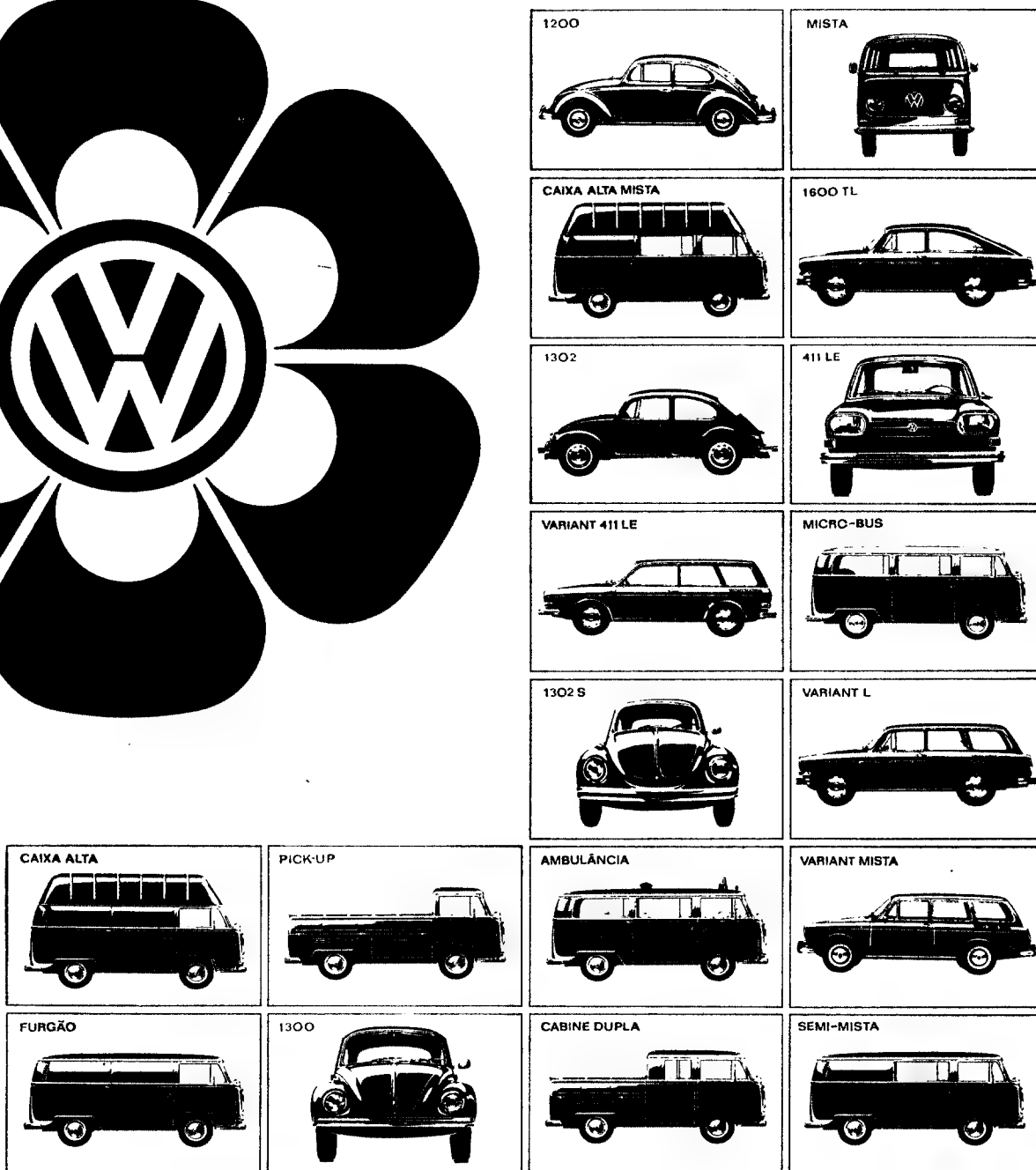
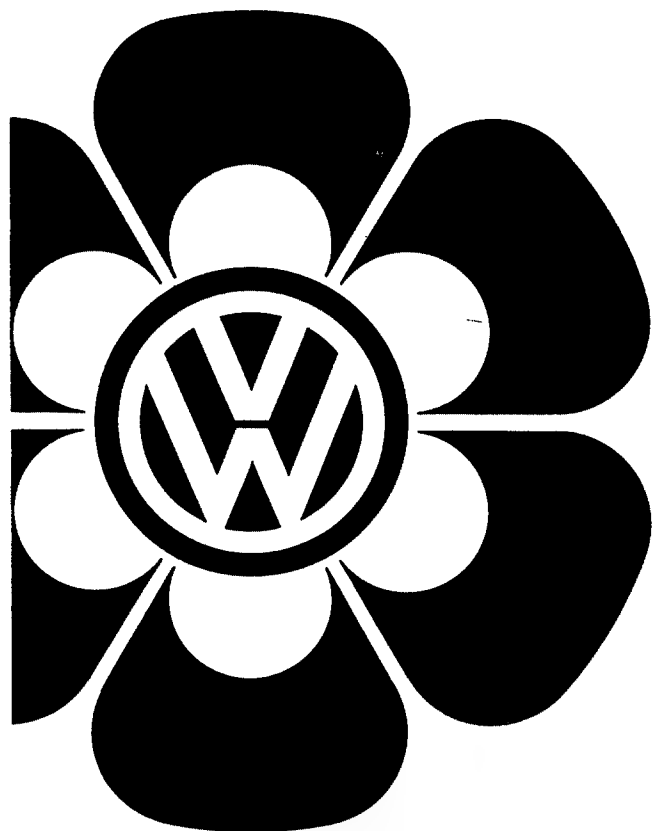
— Havia grande oposição mesmo sem o problema do Vietnam. O Vietnam só veio agravar as coisas — declarou Mansfield, quando interrogado sobre este ponto.

A controvérsia sobre o protocolo de Genebra, banning a utilização dos gases venenosos e da guerra bacteriológica, gira em torno da utilização pelos EUA de herbicidas e gás lacrimogénico no Vietnam. A Assembleia Geral da O. N. U. aprovou, no ano passado, por 80 votos contra 3 e 36 abstenções uma proposta segundo a qual o protocolo proíbe o uso de herbicidas e de gás lacrimogénico, bem como de mais agentes letais. Mas o Departamento de Estado, quando enviou o Tratado para ratificação do Senado, em Agosto último, deu-lhe uma interpretação mais restritiva, considerando que o Tratado permitia o uso de herbicidas e de gás lacrimogénico.

Um grande bloco de senadores, incluindo a maioria dos senadores, da Comissão de Relações Exteriores mostra-se radicalmente

(Continua na 18.ª página)

volkswagen



uma linha sempre jovem !

que se renova ano após ano, mantendo-se contudo fiel às tradicionais características de Qualidade, Economia e Garantia, que consagraram o Volkswagen em todo o Mundo! ... uma linha que satisfaz todas as necessidades e corresponde a todas as exigências!

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S. A. R. L. — Av. da Liberdade, 12 — Telef. 36 67 51/7 — 37 01 71/5 — Lisboa.
FILIAIS E AGENTES: Arraiana, Aveiro, Beja, Braga, Cascais, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa (Av. Padre Manuel da Nóbrega e R. da Escola Politécnica), Mirandela, Ponte de Sor, Portalegre, Porto, Régua, Santarém, Santarém do Cacém, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Viseu, Angra do Heroísmo, Bissau, Cabo Verde, Funchal, Horta, Ponta Delgada e S. Tomé.
OFICINAS AUTORIZADAS: Amadora, Bombarral, Caldas da Rainha, Cova da Piedade, Estremoz, Guimarães, Moura, Paredo, Portimão.
«STANDS» DE EXPOSIÇÃO: Abrantes, Espinho, Ovar, Paredo, Penafiel, Póvoa de Varzim, Portimão, S. Tirso, Torres Novas e Vila Franca de Xira.

DUAS CRIANÇAS CARBONIZADAS NUMA EXPLOSAO

VILA DO CONDE, 3 — Ocorreu esta manhã um grave desastre que custou a vida a duas crianças.

No «Bar Pioneiros», junto à praia, explorado pelo sr. Aníbal Gomes da Silva e sua mulher, sr.ª D. Maria José das Neves Araújo, ex-

plodiu uma garrafa de gás e as chamas logo envolve-ram a construção em madeira.

Na casa morreram carbonizadas as duas infelizes crianças, filhas do casal: Maria Baptista Araújo da Silva, de 7 anos e Vitor Manuel Araújo da Silva, de 3, cujos corpos recolheram à casa mortuária do hospital.

Os bombeiros logo acorreram mas nada puderam fazer.



C. Mc KILE É UM DOS ORADORES DO CONGRESSO MUNDIAL DE PUBLICIDADE

C. Mc Kile, presidente do «chapter» irlandês da I. A. A., será um dos oradores do Congresso Mundial de Publicidade.

Tendo estudado nos Estados Unidos, em França, na Alemanha e na Grã-Bretanha, Corwin Mc Kile é presidente de várias e importantes empresas no sector do «marketing» e da publicidade, designadamente, fundador e presidente do «chapter» irlandês, membro do conselho regional da Grã-Bretanha e Irlanda e do Conselho Mundial da International Advertising Association. É, também, membro do conselho directivo do «Institute of Advertising Practitioners in Ireland» — instituição onde obtém a sua licenciatura os profissionais de publicidade do seu país.

A sua intervenção na 1.ª sessão plenária do Congresso constará da apresentação de campanhas seleccionadas entre as realizadas nos últimos dois anos em todo o Mundo no campo da «publicidade de utilidade pública».

É na Irlanda, como já referimos, que se efectuará, em 1973, o próximo Congresso Mundial de Publicidade.

DEBATE NO BARREIRO SOBRE POLUIÇÃO

BARREIRO, 3 — No salão nobre dos Paços do Concelho há esta noite, a partir das 21 e 30, uma mesa-redonda sobre «Poluição do ambiente», promovida pela Comissão das Reuniões Médicas do Barreiro.

Participam no debate as dr.ª D. Julia Vilar e D. Maria de Lurdes Fonseca Santos, os drs. Lemos Sales e Renato Carvalho, e o eng.º Chagas Santos.

Modrador — o delegado de Saúde do distrito de Setúbal, dr. Emílio Senday.

A população aguarda com muito interesse a discussão do tema, que corresponde a um problema fulcral desta vila altamente industrializada.

Em três linhas

O dr. José António Ferreira de Almeida, professor auxiliar além do quadro da Faculdade de Letras do Porto, foi nomeado, por 25 anos, professor extraordinário da 2.ª secção. (Ciências Histórico-Filosóficas).

Foram eleitos vogais efectivos da Academia Nacional de Belas-Artes o pintor Severo Portela Junior, o arquiteto

Eugénio Correia e escultor Joaquim Correia.

O padre João Beato foi nomeado professor de Moral no Liceu de Pedro Nunes.

A repartição de Finanças da Amadora avisa todos contribuintes de que está aberta

ao publico, nas suas instalações, sitas na Reboleira, na Rua Correia Teles n.º 1, «Edifício Oeiras» — no rés-do-chão e cave.

Durante a Convenção do Rotary Internacional, que decorreu em Sydney foi eleito governador do Distrito Rotário 178 (Portugal) o prof. José Dias Marques, da Faculdade de Direito de Lisboa.

COLOQUIO SOBRE TEATRO NO CENTRO NACIONAL DE CULTURA

No Centro Nacional de Cultura realiza-se hoje, às 21 e 30, um colóquio da série «As Artes e a Cidade», sobre o tema «Para que serve o Teatro em Portugal?». Será animador José Estêvão Sapores, tendo sido convidado a participar na mesa várias personalidades ligadas à vida teatral. A entrada é livre.

novo lançamento da «coleção ensaios»

ENSAIOS

sobre teoria da história e da historiografia
por V. Magalhães Godinho

alguns temas: A crise da História e as suas novas directrizes • A técnica, a economia e a organização social na cultura e na marcha da humanidade • Problemas da investigação histórica em Portugal • Presença de Jaime Cortesão na historiografia portuguesa
vol. br., XXXII — 348 pp., esc. 75

A nossa história (...) carece de indagações profundas, e de apreciações sinceras e desinteressadas. Será trabalho mais útil, embora mais difícil do que certas generalizações e filosofias da história, hoje de moda, em que se generaliza o errôneo ou o incerto (...).
HERCULANO

volumes publicados na «coleção ensaios»

1 Magalhães Godinho: ENSAIOS I (sobre História Universal) • 2 Magalhães Godinho: ENSAIOS II (sobre História de Portugal) • 3 Orlando Ribeiro: ENSAIOS de Geografia Humana e Regional (I)

livraria SÁ DA COSTA editora



JOAQUIM PINTO DE LIMA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Maria do Carmo Pereira de Lacerda Pinto de Lima Dias Costa, seu marido António Francisco Rodrigues Nogueira Dias Costa e filhos, Joaquim Pereira de Lacerda Pinto de Lima, sua mulher Maria Clara Sotto Mayor Infante de Lacerda Pinto de Lima e filhos, Maria Doroteia de Lacerda da Silva Pereira (Fornellos), participam que será celebrada missa, pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 4, pelas 11 horas e 30 minutos, na Igreja de N.ª Senhora de Fátima, agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.



JOAQUIM PINTO DE LIMA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Pinto de Lima, Lda., A Pompadour, Lda., Ayres de Carvalho, Lda., Armazéns da Capela, Antiquália, Lda., Interlastex, S.A.R.L., Campolide Cinema, Lda., participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 4, pelas 11 horas e 30 minutos, na Igreja de N.ª Senhora de Fátima.

tantas vezes a cantarinha vai à fonte...



LOTARIA DE S.º ANTÓNIO

premio maior: 16 milhões

CEBOLA E ALHO CURAM A EMBOLIA?

A embolia pulmonar — ou «doença misteriosa», como lhe chama o British Medical Journal — é a terceira maior causa de morte, depois das doenças cardíacas e do cancro. Qualquer repouso prolongado na cama — ou mesmo o ficar sentado muito tempo — aumenta o perigo de embolia. Como é que um simples coágulo numa veia — muitas vezes numa perna — pode causar a morte? Quais os progressos da Medicina na terapêutica da embolia? Depois de limitados êxitos da heparina (extraída do fígado de boi) e da uroquinase (derivada da urina, será que cientistas franceses descobriram os milagrosos efeitos de tão humildes vegetais, como a cebola e o alho?

Este é um dos 21 artigos da Revista de Maio — já à venda em todo o país.

Seleções do Reader's Digest

Correio queimado ou vendido pelos carteiros

BUENOS AIRES, 3 — (A. N. I.) — A Polícia anuncia que está a interrogar cinco carteiros argentinos que são acusados de terem queimado ou vendido como papel inutilizado mais de uma tonelada de cartas dirigidas para Belgrano, subúrbio da capital argentina.

Postos indianos bombardeados

NOVA DELHI, 3 — (F. P.) — O Exército paquistanês alvejou hoje, com violento fogo de artilharia, os postos fronteiriços indianos do Estado de Assam — anuncia a agência indiana P.T.I. Os bombardeamentos, que começaram de manhã, abrangendo uma frente de mais de 40 quilómetros, prosseguiram até ao fim da tarde.

Actualidade internacional

Resolução acerca da NATO aprovada pela comissão especial sobre o colonialismo

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 3 — (R.) — A comissão especial sobre colonialismo aprovou a noite passada uma resolução deplorando a escolha de Lisboa como o local para a sessão de hoje do Conselho de Ministros da N.A.T.O.

Numa sessão especial, a comissão declarou que a realização da sessão em Lisboa «não pode senão dar encorajamento político e moral a Portugal para prosseguir com

a sua política colonial».

A moção, aprovada por 16 votos contra zero e três abstenções, dizia que a comissão encarava com séria preocupação a decisão da N.A.T.O. e deplorava «essa manifestação de colaboração com Portugal» por parte de membros da Aliança.

A resolução pedia a Estados membros da N.A.T.O. para desistirem imediatamente de encorajar Portugal e persistir com a sua «repres-

são» de povos sob o seu «domínio», em Moçambique, em Angola e na Guiné Portuguesa.

Os três países que se abstiveram foram Madagáscar, a Costa do Marfim e Fiji.

O embaixador de Madagáscar na O.N.U., Blaise Rabetafika, declarou que, embora o seu país se opusesse a regimes coloniais, não era do direito nem da competência da «comissão dos 24» interferir nos procedimentos internos da N.A.T.O., uma organização regional com os seus próprios estatutos, regulamentos e usos.

Contudo, outros delegados perfilhavam a opinião de que a comissão não cumpriria o seu dever se não fizesse o seu protesto.

Esses delegados descreveram a decisão da N.A.T.O. como um insulto aos países africanos e uma medida que violava as resoluções da Assembleia Geral pedindo a nações — especialmente Estados membros da N.A.T.O. — para suspenderem assistência que pudesse auxiliar Portugal a prosseguir a sua «guerra colonial».

O delegado soviético, Viktor Issraelyan, declarou que Portugal era economicamente atrasado e se encontrava num estado de dependência semi-colonial de outros países.

«Sem o apoio financeiro, militar e ideológico dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e outros países e a sua aliança com os «racistas» da África do Sul e da Rodésia, Portugal não teria podido aguentar a luta pela independência dos povos das suas colónias africanas» — acrescentou o delegado soviético.

Série de atentados em Londonderry

LONDONDERRY (Irlanda do Norte), 3 — (R.) — Uma série de atentados com bombas incendiárias ocorreu a noite passada nesta cidade, indo os alvos desde grandes armazéns a uma biblioteca local.

Dois grandes armazéns no centro da cidade sofreram extensos estragos, devido a fogos que a Polícia disse julgar terem sido causados por bombas incendiárias.

As instalações da Burmah Oil Company, da Grã-Bretanha, foram também alvo de um ataque com uma bomba incendiária, que se malogrou. A bomba caiu no passeio e provocou poucos estragos.

Mais tarde, duas bombas incendiárias explodiram numa biblioteca pública, mas o guarda conseguiu extingui-la. Uma busca a que se procedeu no edifício levou a descoberta de mais duas.

Um aviso foi feito pela Televisão aos negociantes de Londonderry acerca de incêndios. Alguns deles regressaram aos seus estabelecimentos, a fim de procurarem quaisquer engenhos escondidos, capazes de provocar fogos.

Grupos clandestinos de republicanos extremistas têm sido frequentemente acusados de ataques com bombas incendiárias e explosivas.

A GUERRA DO VIETNAM

(Continuação da 16.ª página)

contrário a esta interpretação. Esse grupo pretende que os herbicidas e o gás lacrimogénico sejam proibidos. A Comissão concordou em continuar a bater-se pelo Tratado e pediu à Administração que reconsiderasse a sua posição.

Nelson introduziu uma emenda à proposta de ratificação, na qual se estatuiu que os termos do protocolo proibem o uso de herbicidas químicos na guerra.

«Se o Tratado for apresentado e se a emenda de Nelson for proposta, certamente será aprovado», disse Mansfield. Segundo todas as probabilidades (como que disseram outras fontes) podia ser também proposta uma emenda anti-gás lacrimogénico, a qual

seria igualmente aprovada.

Se estas emendas não forem aprovadas, o grupo de Nelson teria provavelmente o número de votos bastante (1/3) para bloquear a ratificação. Se forem aprovadas a Administração poderia decidir lutar contra o Tratado revisto.

Qualquer das hipóteses seria gravemente embaraçosa para os E. U. A. perante a opinião pública mundial — eventualidade que Mansfield preferia evitar.

— Com as coisas no pé em que estão, a situação dos E. U. A. continua a ser pouco cómoda — afirmou Mansfield, declarando que a nação ficaria menos mal vista, se adiasse a questão do que se não aprovesse o Tratado ou se este fosse gravemente afectado na discussão.

CRUZEIRO ANGOLA / S. TOMÉ

8 A 29 DE JULHO

Promovido e subsidiado pela **AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR**, 21 dias a bordo do **Príncipe Perfeito** visitando **S. Tomé — Luanda, Lobito e Benguela** — 11 500\$00 incluindo excursões.

Facilidades de Pagamento.

Inscreva-se Imediatamente.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Lisboa — Rua do Comércio, 85

Porto — Rua do Infante D. Henrique, 63

INFORMAÇÕES:

Agência-Geral do Ultramar — Lisboa

Av. Ilha da Madeira



novο **AUSTIN Maxi 1750**

se quer saber o que o maxi faz pense no que não consegue fazer com o seu carro

DIST. GERAIS: **J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L.** LISBOA • PORTO • ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AG. EM TODOS OS DISTRITOS

• STANDS • EM LISBOA:

R. ALEX. HERCULANO, N.º 4

AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A

R. TOMAS RIBEIRO, N.º 50-A

EM EXPOSIÇÃO DE 1 A 4 DO CORRENTE ATÉ ÀS 24 HORAS

Marcello Caetano presidiu à abertura solene da reunião ministerial da Aliança Atlântica

(Continuação da 1.ª página)

direita) e o corpo diplomático (na da esquerda).

Os deputados e os representantes da Imprensa distribuíram-se pelas galerias.

O discurso do Presidente do Conselho

Aberta a sessão, usou, em primeiro lugar, da palavra o Presidente Marcello Caetano, que disse:

Pela segunda vez se reúne em Lisboa o Conselho do Atlântico Norte. Tradicionalmente hospitaleiro e naturalmente acolhedor o meu País recebe com satisfação os representantes dos países aliados e os funcionários da Organização. Tenho a certeza de interpretar os desejos de todos os portugueses ao dar-vos as boas-vindas. E sou também seu porta-voz quando saúdo os povos que representais.

Apresento os meus cumprimentos ao distinto presidente de honra e não quero deixar de fazer referência à presença do ilustre secretário-geral, sr. Manlio Brosio que há tantos anos exerce, com total dedicação aos fins da Aliança e perfeita correção para com todos os membros dela, as suas delicadas funções.

A breve distância do lugar onde estamos poderéis contemplar o oceano Atlântico que une a Europa Ocidental à América do Norte e constitui, por isso, a base da nossa aliança. A solidariedade dos dois continentes na defesa dos valores da civilização comum torna-se aqui mais evidente. E creio que à beira-mar de tão ricas tradições na expansão da humanidade e na história da cultura fica bem aos homens de Governo dos nossos países reflectir sobre as responsabilidades que lhes cabem no futuro da Europa e do Mundo.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte nasceu como aliança defensiva num momento crítico da vida europeia quando a ressurreição do imperialismo moscovita, animado pela vitória militar e apoiado numa doutrina revolucionária, ameaçava submeter as nações enfraquecidas pela guerra.

Foi o escudo erguido resolutamente pela NATO em 1949 que fez parar a agressão da União Soviética.

Anos depois, em Dezembro de 1957, quando em Paris se realizou a reunião dos chefes de Governo dos países da NATO, na qual tive a honra de representar o meu ilustre antecessor, o Conselho do Atlântico pôde afirmar terem sido atingidos os objectivos imediatos do Tratado do Atlântico Norte. E no preâmbulo da histórica declaração que precedia o comunicado da reunião sublinharam-se os princípios da aliança em termos que me permitirei recordar, não tanto aos ilustres componentes do Conselho aqui presentes, mas sobretudo aos demais que me escutam.

Os princípios da nossa Aliança são claros. Comprometemo-nos solenemente a considerar como dirigido a todos qualquer ataque contra um de nós, e a ele nos oporemos com todas as nossas forças. Inabalavelmente fiéis à Carta das Nações Unidas reafirmamos que a nossa Aliança não servirá nunca desígnios de agressão. Estamos prontos a regular sempre pela via da negociação os problemas internacionais tendo em atenção os interesses legítimos que esti-

verem em causa. Procuramos pôr termo à tensão internacional e promover no mundo inteiro a Paz, a prosperidade e o progresso Social.

Eis os generosos propósitos da nossa Aliança que, destinada a impedir a guerra não esquece que não bastam a esse fim os meios militares de dissuasão e procura por isso eliminar as causas de conflito através do aperfeiçoamento da justiça social e do desenvolvimento económico.

Apesar de tudo, os perigos que determinaram a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte não cessaram. Subsiste a ameaça militar em terra e o adversário foi tomando posições cada vez mais fortes nos mares que cercam a Europa. Mas a essa ameaça juntam-se outras provenientes de novas tácticas de ataque. A agitação em meios escolhidos e os golpes de mão de surpresa acompanham uma propaganda sistemática e insidiosa, destinada a enfraquecer internamente as resistências nacionais e a desorganizar a defesa dos Estados. Apresentam-se os países comunistas como inofensivos na actuação e na doutrina e até os grandes burgueses acreditam que para além da coexistência pacífica há larga margem de convivência útil, fácil de explorar e para cujo desenvolvimento porventura as precauções defensivas constituem incómodo obstáculo.

Por isso nunca será demais insistir na necessidade de continuar a manter eficazmente o nosso sistema de segurança como condição prévia para a manutenção do diálogo entre as nações da NATO e o bloco comunista. A reunião do Conselho do Atlântico que em Fevereiro de 1952 teve lugar em Lisboa constituiu um passo decisivo na consolidação desse sistema de segurança: faço votos por que desta vez ele saia desta cidade novamente reforçado.

Lisboa, pelo seu ambiente e até pelo seu clima, é um local propício ao entendimento e à cordialidade.

A maior força moral da Aliança Atlântica tem residido no espírito de colaboração mantido entre os seus membros, que sendo países tão diversos entre si, na índole das populações, na posição geográfica, nos interesses económicos, nas constituições políticas, conseguem entretanto cooperar estreita e lealmente no prosseguimento de objectivos comuns.

Não o fazem com intuito egoísta, mas pela consciência do dever de solidariedade na defesa de um património que a todos pertence.

A esse respeito permiti-me sublinhar aqui, mais uma vez, que o meu País não entrou na Aliança à procura de vantagens nem dela tem procurado ou obtido apoios especiais. Bem o sabeis vós todos e bem sabeis quanto é mentirosa e injusta a campanha que o adversário faz em sentido contrário para ferir a própria NATO.

Isso não impede que tenhamos sempre procurado dar um concurso activo e leal à Aliança, nem que chamemos a sua atenção para aquilo que se nos afigura pôr em grave perigo a prossecução dos fins para que foi criada ou para a necessidade da revisão do seu estatuto.

Se defendemos a manutenção da NATO, se continuamos dispostos a nela colaborar, é porque estamos convên-

cidos de que a Aliança tem ainda um grande papel a desempenhar na defesa do mundo livre e na sua estruturação.

Os meus votos, os votos do Governo e do povo português são de que os vossos trabalhos nesta reunião decorram sob o signo da harmonia e da eficiência. E que, de regresso aos vossos países, possais levar convosco, juntamente com a sensação de um trabalho útil em proveito da comunidade, uma boa recordação da terra e da gente de Portugal.

«Podemos estabelecer contactos úteis com os nossos interlocutores do Leste — declarou Aldo Moro»

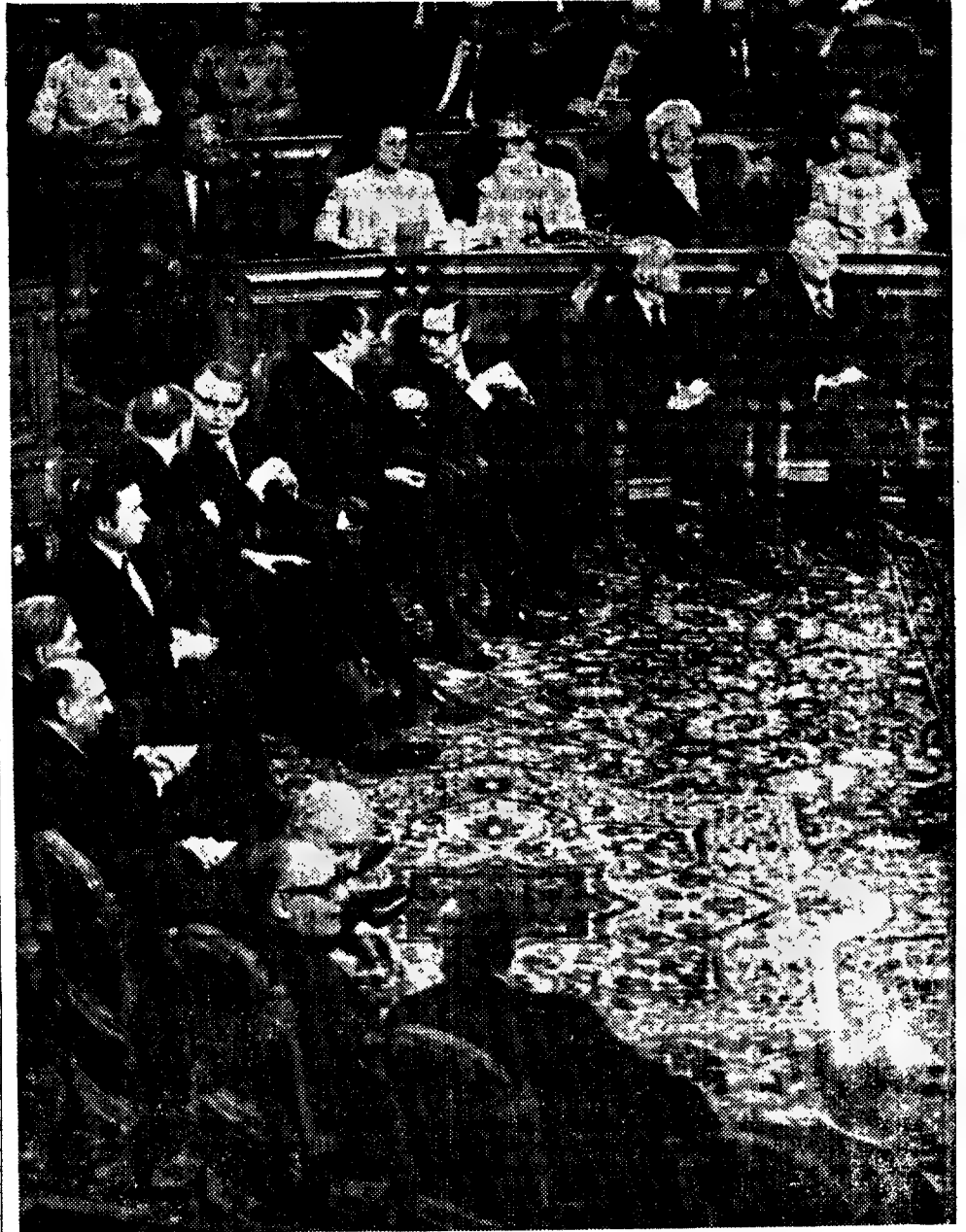
O último discurso da sessão inaugural coube ao ministro dos Negócios Estrangeiros de Itália, Aldo Moro, na sua qualidade de presidente de honra do Conselho da N. A. T. O., que proferiu algumas palavras de agradecimento ao Governo português pela «hospitalidade tão cordial» que lhe dispensou.

«A nossa Aliança percorreu um longo caminho, desde que o Conselho Atlântico se reuniu, em Fevereiro de 1952, nesta bela cidade». — acentuou Aldo Moro, que referiu os esforços feitos naquele período de tempo «para assegurar a salvaguarda da paz na Europa e a independência e a integridade territorial dos nossos países».

E acentuou a seguir: «Podemos verificar com satisfação que a nossa acção foi coroada de sucesso, porque a Europa beneficia do mais longo período de paz da sua história recente. Na segurança que nos garantiu a Organização Atlântica de defesa, podemos estabelecer contactos úteis com os nossos interlocutores da Europa de Leste».

Acercentou que o regresso a Lisboa se faz numa situação bem diferente de 1952, pois a situação mudou. Referiu-se à prosperidade dos países da N. A. T. O. e ao seu desejo de «viver em paz com todos os países».

No domínio das relações Leste-Oeste, Aldo Moro afir-



Os ministros dos países da NATO em lugares especiais no Palácio de S. Jorge, durante a sessão inaugural

mou ainda a disposição de se entabularem conversações políticas à medida que «amadureçam». E a terminar, mostrou-se certo dos bons resultados da actual sessão e fez votos para que ela «possa fornecer uma nova confirmação

da vontade dos países da N. A. T. O. de tudo fazer para assegurar a todos os povos do mundo um futuro de justiça, de liberdade e de progresso».

Após o discurso de Aldo Moro, às 10 e 45, o Presidente Marcello Caetano declarou encerrada a sessão, seguindo todos os participantes para o Palácio da Ajuda, onde imediatamente se iniciaram os trabalhos.

Manlio Brosio: «A manutenção de solidariedade dos membros da N. A. T. O. será factor essencial das nossas iniciativas»

«A manutenção da solidariedade entre os países membros continuará a ser o factor essencial de todas as nossas iniciativas» — afirmou, ao usar da palavra, em seguida, o sr. Manlio Brosio, secretário-geral da N. A. T. O., referindo-se às recentes hipóteses de uma nova era de negociações com a U. R. S. S. acerca das relações Leste-Oeste.

«A melhoria do clima político, resultante das numerosas iniciativas que os países da Aliança não cessaram de multiplicar recentemente, não deve, todavia, incitar-nos a um optimismo prematuro» — disse Brosio.

O secretário-geral da N. A. T. O., que começou por agradecer a hospitalidade do Governo português e recordou «os capitães portugueses da Renascença», referiu-se aos problemas que actualmente dominam

a cena internacional, no que diz respeito às relações Leste-Oeste, nomeadamente a situação em Berlim e a redução nuclear e equilibrada das forças militares da N. A. T. O. e do Pacto de Varsóvia.

«A Aliança não pode deixar de se regozijar por ver recompensada a sua insistência ao propor um desarmamento das tensões para se dedicar aos problemas da confrontação militar no centro da Europa» — disse Brosio. «Por isso, este problema ocupará sem dúvida um lugar de eleição nas próximas deliberações dos ministros, que lhe dedicarão a maior atenção».

CÂMARA CORPORATIVA

Presidida pelo dr. Luís Supico Pinto reuniram-se na Câmara Corporativa, as subsecções de Ciências e Letras da secção de Interesses e ordem cultural; de Imprensa e do Livro e artes gráficas da secção de Imprensa e artes gráficas; de Política e administração geral da secção de Interesses de ordem administrativa, com 11 procuradores agregados, a fim de prosseguirem a apreciação do projecto de lei da autoria dos deputados Sá Carneiro e Pinto Balsemão e da proposta de lei apresentada pelo Governo sobre a «Lei de Imprensa». O relator do parecer o procurador conselheiro Joaquim Trigo de Negreiros.

«ACORDO SUBSTANCIAL» NAS NEGOCIAÇÕES RUI PATRÍCIO — DOUGLAS-HOME

Recebemos do Ministério dos Negócios Estrangeiros a seguinte informação:

«A convite do Governo português, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e do Commonwealth, «sir» Alec Douglas-Home, visitou oficialmente Lisboa em 1 e 2 de Junho de 1971 nas vésperas da Conferência Ministerial da N.A.T.O.

«Sir» Alec Douglas-Home foi recebido pelo sr. Presidente da República, almirante Américo Thomaz, e pelo sr. Presidente do Conselho, doutor Marcello Caetano e realizou conversações com o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício.

A visita teve por objectivo fortalecer os laços de amizade existentes desde há longa data entre Portugal e a Grã-Bretanha e examinar os múltiplos problemas de interesse comum para os dois governos.

No decurso das reuniões, os ministros trocaram impressões sobre a segurança europeia e outras questões que afectam a Aliança Atlântica, alargamento da Comunidade Europeia, questões africanas e bilaterais. Houve acordo substancial sobre um grande número de problemas.

Sobre as questões africanas os dois ministros explicaram os objectivos e a política dos respectivos governos e adquiriram um conhecimento mais aprofundado dos pontos de vista de cada um.

Os dois ministros concordaram ser do interesse de ambos os países manter as consultas a todos os níveis no espírito da Aliança Luso-Britânica.

O ministro Rui Patrício aceitou com prazer a proposta de «sir» Alec Douglas-Home para visitar a Grã-Bretanha numa data conveniente a combinar.

A Taça dos Campeões Europeus para o mais poderoso

...Para o mais poderoso dos dois finalistas. Porque, pelo que ontem se viu, pelo que ontem mostrou, o Ajax não será dos tais campeões indiscutíveis. Indiscutível, sim, apesar de tudo, a sua vitória sobre um Panathinaikos que não conseguiu fazer soltar a mola da surpresa — o inesperado que sempre se espera, condimento que, às vezes, impõe o gosto nestes pratos de futebol, tanto mais apreciados quando parte de um banquete tão opíparo, quanto à final da Taça dos Campeões.

Mas não sucedeu e — como diria o senhor de La Palice, agora que passou — não poderia ter sucedido: os gregos mostraram-se demasiado crus para os holandeses.

Estiveram em presença dois tipos diferentes de futebol — e bem cedo se viu (não falamos por influência do golo obtido logo aos 5 minutos, que o Ajax levava vantagem, era mais equívoco, mais feito a um futebol de campeões. O Panathinaikos, por seu turno, mostrava-se conjunto de tipo laborioso, mas de jogo denunciado. Entre nós costuma di-

zer-se daquele futebol praticado pelos gregos, em Wembley, que é um jogo da rainha-mãe.

Dois zero (e feito a três minutos do fim) foi parco resultado para os holandeses, mas, pese embora a indomável coragem que os gregos puseram na luta, oferecendo a maior resistência à supremacia adversária, que nunca deixaram de discutir, ainda foi a eles próprios que os homens do Ajax ficaram a dever tal magreza de golos: perderam-nos em série, particularmente Cruyff, tão bom jogador como egoísta.

De qualquer modo, ganhou quem devia. É curioso assinalar uma certa tendência da Taça dos Campeões em deslocar-se para determinados centros: primeiro foram os países latinos, por intermédio do Real Madrid, Benfica, Inter e Milão; depois os britânicos, Celtic e Manchester City, à custa dos latinos Inter e Benfica; agora os holandeses que, em dois anos seguidos levam a Taça: o Feijenoord, o ano passado, à custa do Celtic e agora o Ajax. Veremos se continua...



O BENFICA NAS MEIAS-FINAIS DA TAÇA DE PORTUGAL, «à custa» do Independente de Porto Alexandre. Depois dos 6-0 na Luz, 2-0, ontem, em Marvila. A imagem é de jogada na área do Independente. Um defesa angolano alivia e dá o tom do salve-se quem puder...

VITÓRIA DO LEIXÕES EM SANTO TIRSO EMPATE NO ACADÉMICA-U. COIMBRA

As 2.ª e 3.ª séries da Taça «Ribeiro dos Reis» acertaram ontem o calendário com dois jogos que faltavam para completar a 4.ª jornada.

Tirsense o Leixões, da 2.ª série, defrontaram-se em Santo Tirso, num jogo que deu a vitória à equipa de Matosinhos, por 2-1. Desafio de fraco nível técnico, mas resultado certo. Joia marcou pelo Tirsense aos 26 minutos; Ho-

rácio e Vítor pelo Leixões, aos 38 e 39 minutos.

Com o seu triunfo o Leixões igualou em pontos (5) o Espinho e o Salgueiros, no comando da série.

* Em Coimbra, a Académica consentiu, no seu campo, um empate ao União (1-1), resultado que permitiu aos unionistas conservarem o primeiro lugar na série.

Também aqui se assistiu a um futebol de fraco nível técnico, valendo pelo ardor com que foi disputado. A Académica adiantou-se no marcador aos 19 minutos, por Simões e impôs a seguir um jogo de cariz defensivo que o União procurou combater lançando-se para um ataque deliberado. O empate (justíssimo) veio a 2 minutos do fim, com um golo de Valdemar.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 39 - 10.ª Época

11x 2211; Voz de Lamego — 111 x11 11x 2211.

Jornal de Notícias — 111 x11 11x 2211; Momento do Totobola — 111 111 112 2211; Mosaico — 111 x11 111 1211; Primeiro de Janeiro — 111 x11 111 22x1; Programa Diário do Porto — 111 111 11x 111; Rádio Placard — 111 111 111 111; Estúdio 64 — 111 111 111 2x11; Placard Desport. — 1x1 111 11x 2x1; Rádio Sport — x21 1x1 11x 2x1; Penalti — 111 111 111 2211; A Lição do Menino Quim — 121 1x1 111 111; Manchete Desportiva — 1x1 1x1 11x 111; Bondiazinho — 11x 12x 211 1211; Brado Africano — 11x x11 111 2x21; Cidade 71 — x21 12x 111 11x1; Domingo Alegre — 121 12x 11x 1211; Passatempo — 11x 121 1x1 1211; Roteiro Sonoro — 121 x21 122 1211; Terceiro Programa — 1x1 22x 2x1 12x1; Vamos Jogar no Totobola — 1x2 xxx 221 2x2x; Revista Desportiva — 1x1 x1 111 22x1; O Comércio — 111 111 111 111; Diário — 111 111 111 2211; A Nossa Chave — 111 111 111 2x11; Notícias do Totobola — 111 111 111 2211; Actualidade Desportiva — 112 111 x11 2x11.

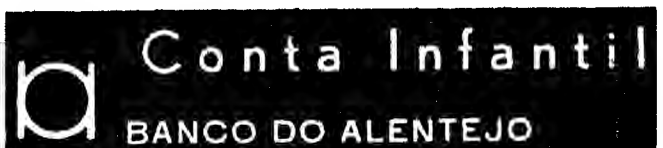
CONCURSO N.º 39

10.ª ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Sporting-Belenenses	89	5	12	10	1	1
2. Setúbal-Porto	69	14	12	8	2	2
3. Gil Vicente-Alba	76	12	7	9	2	1
4. Nazarenos-C. Piedade	69	22	4	8	3	1
5. Riopelle-Braga	61	17	17	8	2	2
6. Boavista-Penafiel	86	8	1	10	1	1
7. B. Mar-U. Coimbra	82	6	7	10	1	1
8. Lamas-Gouveia	79	12	4	9	2	1
9. Marinhense-U. Tomar	49	29	17	6	4	2
10. T. Novas-U. Leiria	28	33	34	4	4	4
11. Peniche-Atlético	20	23	52	3	3	6
12. Torriense-Oriental	74	12	9	9	2	1
13. Benfica (R.)-Sintrense	92	3	—	11	1	1

E a chave lógica será: 111 111 111 2211

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

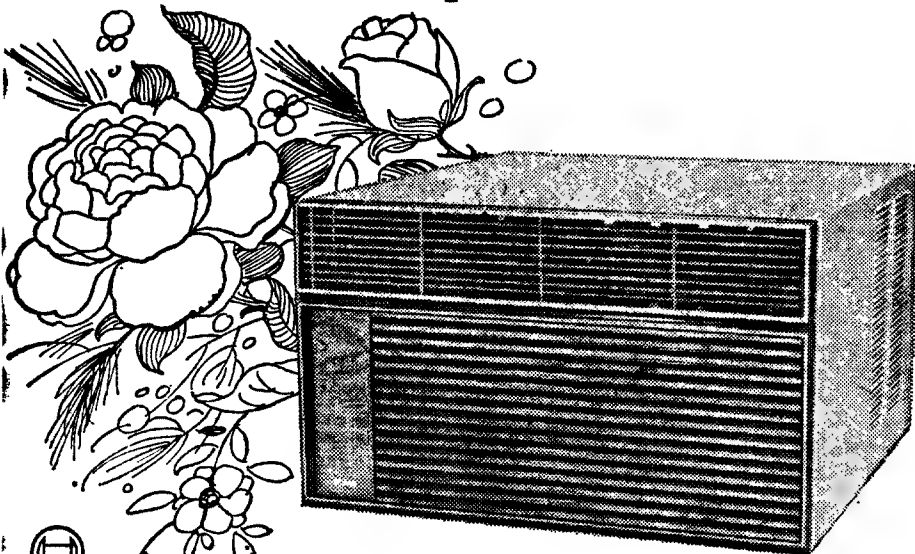


ESPECIAL

ar condicionado

BOSCH

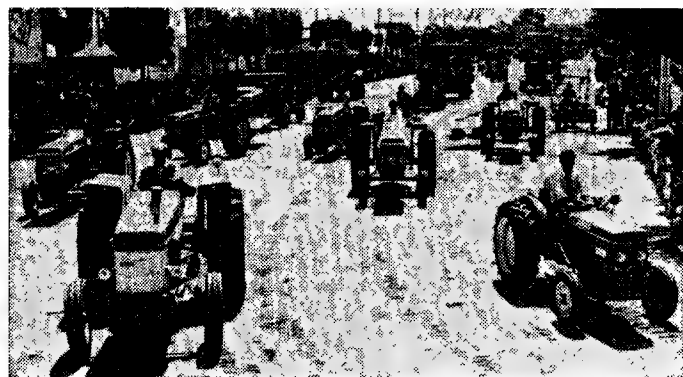
a temperatura do conforto



Feira Nacional de Agricultura

6 a 20 de Junho

Santarém



Maquinaria Moderna e Pecuária Actualizada: — Duas condições Básicas para o Progresso da Lavoura.

Visite a Feira de Santarém e — nos Pavilhões nacionais e estrangeiros — adquira a máquina e escolha a espécie pecuária que possa garantir o êxito da sua exploração agrícola.

DESPORTO

Ciclismo profissional nas estradas do Sul

Começa hoje em Tavira o «Grande Prémio Riopele»

Por NEVES DE SOUSA

O ciclismo profissional volta à ordem do dia: neste fim de semana, a Fábrica Têxtil Riopele (Pousada de Saramagos) organiza o III «Grande Prémio Riopele», competição que se inicia em Tavira (esta tarde) e ficará concluída ao cair de domingo, em Setúbal, após 588 quilómetros de prova.

Sete equipas estão inscritas na corrida: Benfica, Coelima, Tavira, Ambar, Sporting, Sangalhos e Futebol Clube do Porto. Presentes: os nomes mais populares da modalidade, com exclusão de Joaquim Agostinho que permanece em França. O campeão nacional é (assim) o grande ausente deste «Grande Prémio Riopele», até porque o seu nome está ligado à corrida: foi Agostinho (de 10 a 13 de Abril de 1969) o vencedor da primeira edição da prova, levando o Sporting também a triunfar por equipas.

Vai a pena recordar os corredores que, na corrida-1969, ganharam as seis etapas: Emiliano Dionísio, Fernando Mendes (por 2 vezes), Leonel Miranda, Joaquim Agostinho e Custódio Gomes. A média de Agostinho foi de 37,432 km/hora.

O II «Grande Prémio Riopele» trouxe a réplica: Fernando Mendes e o Benfica ganharam em toda a linha. Vencedores das etapas: Joaquim Leite, Leonel Miranda, Manuel Luís, Fernando Mendes e Lino Santos.

Que reservará a corrida deste ano, última prova por etapas a realizar antes da «Volta a Portugal»?

OS CICLISTAS

Os corredores concorrentes ao III «Grande Prémio Riopele» e respectivos números:

BENFICA: 1 — Fernando Mendes, 2 — Manuel Correia, 3 — João Pinhal, 4 — Fernando Vieira, 5 — Orlando Alexandre, 6 — José Eduardo Santos, 7 — António Martins, 8 — Fernando Camilo, 9 — Emídio Ferreira e 10 — José da Silva.

COELIMA: 11 — José Pereira, 12 — Juan Silloniz, 13 — José Galdámez, 14 — Fulgêncio Sanchez, 15 — João Fonseca, 16 — Fernando Ferreira, 17 — António Rodrigues, 18 — António Pereira, 19 — António Salazar e 20 — Mário Miranda.

TAVIRA: 21 — António Graça, 22 — Eusébio Pereira, 23 — Henrique Neto, 24 — José Madeira, 25 — José Maria Nunes, 26 — Manuel Mes-

tre, 27 — Pedro Bárbara, 28 — Carlos Vitorino e 29 — Manuel Severino.

AMBAR: 31 — Sousa Vieira, 32 — Henrique Silva, 33 — Francisco Valada, 34 — Albino Alves, 35 — Valde-

69 — José Vieira e 70 — Custódio Gomes.

AS ETAPAS

A primeira etapa efectua-se na pista de Tavira: a partir das 18 horas de hoje, séries de corredores cumprirão 8 quilómetros. Não haverá, certamente, notórias diferenças de tempo entre o primeiro e o último classificado, esperando-se o êxito dos «pistards» mais cotados: Emiliano Dionísio, Leonel Miranda, Fernando Mendes ou Juan Silloniz, com a possibilidade de um taviense ultrapassar-se a si próprio e fazer um brilha-rete perante os conterrâneos.

Amanhã, haverá duas etapas: Tavira-Faro (69 km) e Faro-Portimão (80 km). A primeira tirada realiza-se a partir das 10 horas, e compreende a passagem da caravana por Luz de Tavira, Livramento, Alfandega, Quatrim, Marim, Olhão, Pedrão, Estoi, Machados, S. Brás de Alportel, Gralheira, Vilari-nhos, Loulé, Goncinha, Alfaro-beira, S. João da Venda, Patacão, Marchil e chegada a Faro prevista para as 11 e 43.

De tarde, os ciclistas ligam Faro a Portimão pelo percurso que abrange Marchil, Patacão, S. Lourenço, Almansil, Maritenda, A bufeira, Ferrel-ras, Paco, Algoz, Poço Barreto, Lagoa, Estrombar, Calvário e Parchal. Hora de chegada: 19 e 6.

A mais longa das etapas corre-se no sábado: tem 193 quilómetros de extensão e liga Portimão a Alcácer do Sal. Partida às 9 horas, chegada pelas 14 e 21, passagem por Porto de Lagos, Rasmalho, Nave, Meia Viana, Monchi-que, Portela do Vento, Portela dos Caibos, Nave Redonda, Bemposta, Odemira, S. Luís, Cercal, Taganheira, Santiago de Cacém, Vendas de Roncão, Cruz de João Mendes, Santa Margarida da Serra, Grandola e Albergaria.

Domingo, duas tiradas: Alcácer do Sal-Almada (121 km) e Almada-Setúbal (62 km). Os corredores deixam Alcácer do Sal às 9 horas e vão até Almada por Majapostas, Palma, Marateca, Pégões, Palas, Rivas, Atalaia, Montijo, Sarilhos Grandes, Chão Duro, Moita, Alhos Vedros, Baixa da Banheira, Barreiro, Palhais, Colná, C. do Marco, Foguetreiro, C. de Pau, Corroios, Laranjeiro e C. da Piedade, atingindo a Avenida Frederico Ulrich (em Almada) cerca das 12 e 16. Por fim, às 17 horas, os estradistas saem de Almada e atravessam Cova da Piedade, Laranjeiro, Corroios, Cruz de Pau, Foguetreiro, Fernão Velho, Cotovia, Santana, Sampaio, Maça, Casais da Serra e Alto da Serra da Arrábida, calculando-se a chegada a Setúbal para as 18 e 38.

OS PRÉMIOS

Cada ciclista receberá 300 escudos diários para alojamento e alimentação (verba a cargo da Associação de Ciclismo do Porto) disputando prémios de certo modo curiosos: o primeiro lugar da classificação geral individual final é completado com sete contos (numa tabela decrescente que

Jorge Lara o director da corrida. Outros cargos foram assim atribuídos: Joaquim Vieira (adjunto do director-principal), Rogério Morato (presidente do júri), António Fernandes (delegado da Associação do Porto). Rogério Silva (representante da Comissão Central de Juizes e Cronometristas), Manuel Bessa, Joaquim Cunha, António Moura, Amandio Cardoso e Manuel Santos (juizes de chegada), Manuel Moreira (tesoureiro), dr. Barreiros Magalhães (médico), Vítor Correia de Oliveira (locutor), Manuel Dias e António Carneiro Pinto (comissários de metas), Alberto Oliveira e Armindo Gonçalves (estafetas-motociclistas).

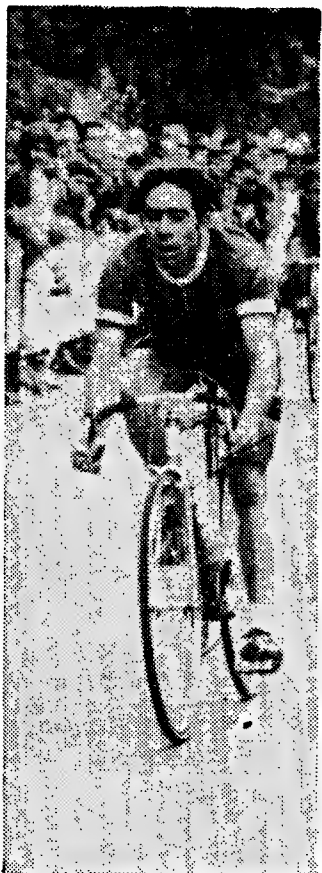
OS FAVORITOS

Forçosamente, que cada equipa concorrente tem os seus trunfos: Fernando Mendes, Manuel Correia e Fernando Vieira (Benfica); José Pereira, Fulgêncio Sanchez e Juan Silloniz (Coelima); António Graça (Tavira); Sousa

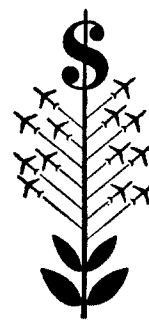
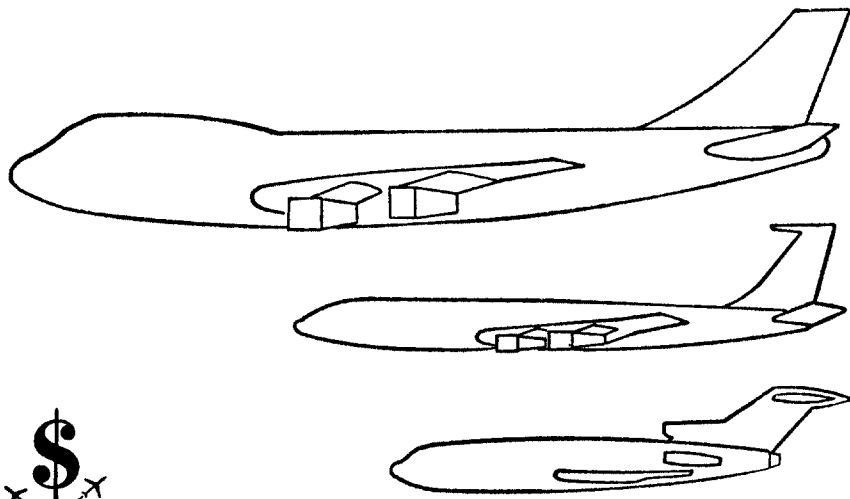
Vieira, Francisco Valada, Albino Alves e Valdeiro Cardoso (Ambar); Leonel Miranda, Firmino Bernardino, Emiliano Dionísio e Vítor Rooha (Sporting); Herculano Oliveira, Celestino Oliveira e Lino Santos (Sangalhos); Joaquim Leão, Cosme Oliveira, José Luís Pacheco, José Azevedo, Joaquim Leite e Manuel de Sousa (Futebol Clube do Porto). Quem confirmará o favoritismo?

«A priori», pode prever-se duelo preponderante entre as formações do Sporting, Benfca, Porto e Coelima, enquanto que a luta individual deve recair entre Fernando Mendes, Leonel Miranda, Manuel Correia, Firmino Bernardino, António Graça, Manuel de Sousa, Joaquim Leão e Fernando Vieira, com apresentação de primeiros planos já referidos.

Prova para «roladores», com poucos acidentes de terreno para vencer, servirá de excelente «test» quanto às possibilidades de alguns desconhecidos poderem fazer figura na próxima «Volta a Portugal».



FERNANDO MENDES: entre os favoritos, o principal



AUMENTO DE CAPITAL

250 000 contos de aumento de capital

Acções em subscrição pública de

3 a 9 de Junho

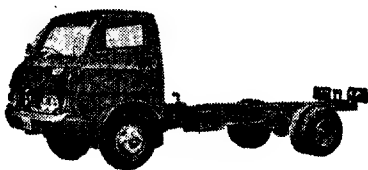
Informe-se no seu Banco



TRANSPORTES AERÉOS PORTUGUESES

ISUZU

NOVO MODELO :: CAMISAS CROMO-NIQUEL :: MAIOR POTÊNCIA E AGORA COM 5 VELOCIDADES



P. B. 3,5 e 5 ton. — Carga 1,7 e 3,4 ton.
Caixa de carga 4 m a 4,45 m

Representantes: INVICLA

Telefs. 70 66 93 / 70 75 78

Rua Dr. Pereira Bernardes, 2-A ☆ LISBOA

AGENCIA ABREL
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 140

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO LUÍZ
(Adultos) Tel. 327172
ESTREIA — Hoje, às 21.30
Christopher Jones
e Pia Degermark
em
AQUELES DIAS CONTIGO...
Colorido
As 15.15 e 18.15 — (Adultos)
Últimas exhibições
EM BUSCA DA FELICIDADE

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
ESTREIA — Hoje, às 21.45
David Janssen e Jean Seberg
MACHO CALLAHAN
Panavision — Colorido
As 15.45 — Última exibição
(M. 12 anos)
«O PRESIDENTE DO GLORIOSO FUTEBOL CLUBE»

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
2.ª SEMANA
As 15.15 18.30 e 21.45
O MALANDRO DA BATA BRANCA
com Alberto Sordi
e Evelyn Stewart

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA — Hoje, às 21.30
David Janssen e Jean Seberg
MACHO CALLAHAN
Panavision — Colorido
As 15.15 e 18.30 — Últimas
exibições — (M. 12 anos)
«O PRESIDENTE DO GLORIOSO FUTEBOL CLUBE»

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779695
4.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme
de François Truffaut
O MENINO SELVAGEM
O melhor filme estrangeiro
apresentado nos E. U. em 1970

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 281681
As 17 e 21.30
OS INDIFFERENTES
com Claudia Cardinale, Rod
Steiger, Paulette Goddard e
Shelley Winters

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
HOJE — As 21.30
Cloto Tony Richardson
TOM JONES
20 Prémios Internacionais
4 «Oscars»
As 15.15 e 18.15 — Últimas
exibições
PAIXÃO
de Bergman

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA DE ENCHENTES
Um filme onde a crítica, a
análise, o quotidiano e a ma-
landraxe andam à solta... e
de que maneira!
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida
com Jean Yanne e Fran-
çoise Fabian
(Junto à Av. de Roma)

BERNA
(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
Candice Bergen e Peter
Strauss, no impolítico e ines-
quecível filme de Ralph Wel-
son, rodado nas pradarias do
México

SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITÓRIA)
Em Panavision e Technicolor
(A Av. Marquês de Pombal)

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326710
As 14.15 18 e 21.45
15.ª SEMANA
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor
Howard, John Mills, e Sarah
Miles

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
As 21 horas
CONTESTAÇÃO GERAL
A CHAVE

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
BALADA
PARA UM HOMEM SO
INTERLÚDIO DE AMOR

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30 h.
Aventura! Acção! Espectáculo!
O TESOURO DE «EL CONDOR»
com Jim Brown, Lee Van
Cleef, Marina Hill e Patrick
O'Neal
No «ecrã»-gigante de 70 mm

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 662633
As 15.30 18.30 e 21.45
15.ª SEMANA
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no «edifício
do Monumental

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com Libertad Lamarque, Eu-
sèbia Cosme e Roberta
(Eastmancolor)
ATENÇÃO — Em todas as
sessões serão oferecidas rosas
às senhoras, por gentileza de
«Gunnar Granström» — Óbli-
dos

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
A divertida comédia com os
impagáveis Ove Sprogøe e
Marten Grunwald
CHEGA-LHE AGORA!
Humor louco e hilariantel
Eastmancolor

EUROPA
(M. 12 anos) T. 661016
As 15.15 e 21.30 h.
Seja testemunha de um caso
empolgante e estranho!
Georges Bennedf, Anne Jack-
son, Eli Wallach
FALSA TESTEMUNHA
Metrocolor Panavision

LUMIAR
(M. 12 anos) As 21 horas
NOITE DE ANGUSTIA
AMOR E CORRIDAS

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 426305
HOJE, AS 21.30 — ESTREIA
Um vibrante «western»
espectacular
JOHNNY HAMLET
com Andrea Giordana, Gilbert
Roland e Horst Frank
Technicolor — Technicópio
Hoje, às 18.30 — Sessão Clás-
sica com o filme «ANSIA DE
AMAR» — (Adultos)

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
ESSA MULHER
DEUS PERDOA... EU NÃO
RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
O FALHADO AMOROSO
com Zero Mostel

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
ANTES MORTO QUE VIVO
FANTOMAS CONTRA
A SCOTLAND YARD

* outros espectáculos *

• LISBOA
TEATROS
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«A Cozinha» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 23 h. «Calate Bocais» (17
anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«Jogos de Sociedade» (17 anos).
VILLARET — As 21 e às 23 h.:
«A Capital» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 2 e 45: «Que-
rida mamã» (17 anos).
CINEMAS
OLÍMPIA — As 21: «Tepepa» (17
anos).
JARDIM-CINEMA — As 21: «O
grande ajuste de contas» (17
anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «O preço
de 5 jogadores» (12 anos).
MOSCÁVIDE — As 21: «Ela não
bebe, não fuma, mas...» (17
anos).
IDEAL — As 21: «As Mulheres»
(17 anos).
CINEARTE — As 21: «Monte
Walsh» (12 anos).
PARIS — As 21: «Um trem para
Durango» (17 anos).
• Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21 e 15: «Unos na
Terra do Fogo» e «A desforra
de Sandokan» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
3.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Um filme de Claude Sautet
O ESTRANHO CASO DO INSPECTOR MAX
(Max e les terrailleurs)
com Romy Schneider, Michel
Piccoli e François Perler
Eastmancolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
3.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
Finalmente uma das mais
famosas obras de Jean
Luc Godard
ALPHAVILLE
com Anna Karina, Eddie
Constantine e Akim Tamirof

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
A maior criação de
Marcello Mastroianni
O BELO ANTÔNIO
1.º Prémio do XIII Festival
de Locarno
Claudia Cardinale
e Pierre Brasseur
ASSOMBROSOS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 15.15 18.15 e 21.30
Uma das melhores comédias
do ano!
LUA DE MEL
COM URTIGAS
com Gig Young, Bonnie Bede-
lia e Michael Brandon

APOLLO 70
CINEMA ESTÚDIO
Rua Júlio Dinis
(M. 12 anos) Tel. 763319
As 14.30 16.45 e 21.45
Uma obra-prima do cinema
americano
O VALE DO FUGITIVO
com Robert Redford
e Katharine Ross
(Scope-Technicolor)

As 19 h. — (Adultos)
Filmes em Retrospectiva
CICLO MINNELLI
DEUS SABE QUANTO AMEI
LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937598
As 21.30
Um episódio histórico filmado
em maravilhoso 70 mm
O VALE PERDIDO
Grandes interpretações de
Omar Sharif e de Michael
Caine

farmácias de serviço

• LISBOA

AJUDA — Lidl, Calça-
da da Ajuda, 170 (telefo-
ne 6373/8)
ALCANTARA — Probi-
dade, Rua de Alcantara,
5-A (tel. 638589) * In-
fante Santo, Rua do Oli-
val, 290 (tel. 661003)
ALFAMA — Anunciada,
Rua do Vigário, 74 (tel.
866360)
ALTO DO PINA — Eu-
stí, Rua Barão de Sabrosa,
104 (tel. 841912)
ALVALADE — Rainha
Santa, Rua Afonso Lopes
Vieira, 57-B (6 Avenida do
Brasil) (tel. 765262) *
Alentejo, Avenida da Igre-
ja, 28-B (tel. 712682) *
Belo, Avenida de Roma,
53-A (tel. 7763/4) * Es-
tados Unidos, Avenida dos
Estados Unidos da Améri-
ca, 6-B (tel. 725859)
AMEIXOIRA — S. Bar-
tolomeu, Vila Paulo Jorge,
1 (66 Gaienhelos) (telefo-
ne 790969)
ANJOS — Guerra, Rua
Andrade, 32 (tel. 845513).
AREIRO — Central, Av.
Paris 2 (tel. 720820)
ARROIOS — Brasil, Rua
Alves Torgo, 29-31 (tele-
fone 46843)
AVENIDAS NOVAS —
Santa Maria, Avenida 5 de
Outubro, 283-A (6 Feira
Popular) (tel. 1630/6) *
Cardote, Avenida Visconde

Vaimor, 28-A (6 Avenida
da República) (t. 772291)
* Saldanha, Av. Praia do
Vilão, 53 (tel. 43938)
BAIRRO ALTO — Du-
rão, Rua Garrett, 90 (tele-
fone 324166)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, Rua 27,
41 (tel. 3112/6)
BAIXA — Frazão, Rua
das Portas de Santo Antão
72 (tel. 328180)
BENFICA — Marques, Es-
trada de Benfica, 648 (tele-
fone 700096) * Vilex,
Estrada de Benfica, 373-B
(tel. 780548) * S. João,
Estrada da Luz, 124-A
(tel. 783179)
CAMINHOS DE FERRO —
Alves de Carvalho, Rua
Vale de Santo António,
7-9 (tel. 840125)
CAMPOLIDE — Imper-
cial, Rua General Taborda,
28 (tel. 680931) * Rualto,
Alto de Carvalhão, 5-B (t.
651721)
CAMPO DE OURIQUE —
Condestável, Rua Coelho
da Rocha, 119 (tel. 66606)
* Almeida, R. Silva Car-
valho, 136 (tel. 681726)
CHARNECA DO LUMIAR —
S. Bartolomeu, Vila
Paulo Jorge, 1 (t. 790969)
CHIADO — Durão, Rua
Garrett 92 (tel. 324166).
CONDE REDONDO —
Branco, Avenida Duque de
Louís, 61 (tel. 45048)
ESTRELA — Gama, Cal-

çada da Estrela, 130 (tel.
660339)
GRAXA — Monte (do),
Rua Senhora do Monte,
30-A/B (tel. 867842) *
Progressiva, Rua de Santo
Maninho, 18 (tel. 863619)
GRILLO — Griló, Rua do
Grilo, 25
LUMIAR — Patuleia, R.
do Lumiar, 122 (telefone
790332)
MADRAGOA — Lys, R.
da Esperança, 17 (telefo-
ne 660913)
OLIVAIS — Fernandes
Borges, Rua Cidade de
Benguela, lote 300 (Oli-
vais Sul) (tel. 311091) *
Central, Rua Alfons Bar-
tilaro, 1-C (Olivaís
Norte) (tel. 315539)
PEDROÇOS — Restelo,
Rua Duarte Pacheco Pe-
reira, 1-C (tel. 610741)
PENHA DE FRANÇA —
Dimar, R. Conde de Mon-
saroz, 7-B (tel. 842533).
PICHELEIRA — Mariz,
Caçada da Picheleira,
140-B (t. 720703-728391).
RESTELO — Restelo, R.
Duarte Pacheco Pereira,
11-C (tel. 610741)
SANTO AMARO — San-
to Amaro, Rua Finito Eli-
sio, 29-A (tel. 637070)
S. MAMEDE — Cunha,
Rua da Escola Politécnica,
16 (t. 3.5455)
S. PAULO — Ultramar-
na, R. de S. Paulo, 99-01
(tel. 321771).

**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — Sines, Rua Fi-
lho de Almeida, 38-A (tel.
44000)
S. MAMEDE — Marçal,
R. de S. Marçal, 100 (te-
lefone 3253/8).
**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — Aguiar, Ave-
nida Columbano Bordalo
Pinheiro, 98-A (t. 764196)
* Bairro Azul, Av. Reser-
va Garra, 1-A (t. 51451).
S. VICENTE — Rosa e
Viegas, R. de S. Vicente,
31 (tel. 864351).
XABREGAS — Salter, R.
de Xabregas, 63 (telefone
381185).

• Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, Rua
Ernesto da Silva, 81 (Tel.
212048)
CAXIAS — Nova — R.
Bernardim Ribeiro, 1-A (Te-
lef. 242839)
PAÇO DE ARCOS —
Trindade Brás — R. Costa
Pinto, 86 (tel. 242034).
OEIRAS — Godinho —
R. Candida dos Reis, 98
(Tel. 243090)
PARADE — Alzir, Bairro
das Caixas de Previdência,
bloco A (Tel. 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)
ESTORIL — S. João — S.

João do Estoril. (telefone
260087) * Monte Estoril
(telefone 260087).
CASCAIS — Cordelro —
Av. Comb. G. Guerra, 40,
(tel. 280 70) * Nova, Est.
de Alvide — Fontainhas,
(tel. 28 10 44).

• Linha de Sintra

AMADORA — Dias —
Av. Marquês de Pombal,
Lote 9 (tel. 934589) *
Campos — R. Elias Garcia,
185 (tel. 930072) * Clebel
— R. António Sardinha, 23
(tel. 938551).
BAMAIA — Confiança
— Est. Militar, Lote D (Te-
lefone 97 0231)
QUELUZ — André — Av.
Elias Garcia, 151 (Telefone
950043) * Queluz — Av.
Miguel Bombarda, 123-A
(Tel. 95 841).
CACÉM — Garcia — Av.
dos Missionários, 2 (Tel.
2942/81)
MEM MARTINS — Qui-
mila, Est. Mem Martins 285
(Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA —
Valentim — (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia,
L. Dr. Gregório de Almeida
2 (Tel. 980391).
COLARES — Colares —
Abreu Tel. 299088)

• Outra Banda

ALCOCHETE — Gamelo
— L. António dos Santos
Jorge, 15 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Por-
tugal — Av. do Belo Ro-
sário, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Nuno Al-
vares — Av. D. Nuno Al-
vares Pereira, 39 (Telefone
270504)
BAIXA DA BANHEIRA —
Nova Fátima — Estrada
Nacional, 221-B (telefone
224141)
BARREIRO — Pizarra —
Av. do Bocado, 65 (Tel.
227471)
COVA DA PIEDADE —
Rainha Santa — Est. das
Barrocas, 50-A (Telefone
2760 82)
MOITA — União Mo-
lense — Av. Dr. Teófilo
Braga (tel. 239025).
MONTIJO — Moderna —
R. Buião Pato, 60 (Tel.
230156).
SESIMBRA — Lopes, R.
Candido dos Reis, 67 (Tel.
2290281)
SETUBAL — Costa —
L. da Misericórdia (Tel.
22760) * Brasil — P. do
Brasil (Tel. 247881)
SEIXAL — Godinho —
L. da Igreja 51 (Telefone
221 85 80)

• URIO

Antero de Quental, Rua
Antero de Quental, 520
(Tel. 45048) * Azevedo,
Rua do Merul, 203 (Tele-
fone 52344) * Constitui-
ção, Rua da Constituição,
93 (Telefone 4308 3) *
Correio de Araújo, Rua de
Santa Catarina, 259 (Tel.
2564) * Cruz, Rua Costa
Cabrera, 24 (Tel. 40041)
* Gueirao, Rua Pedro
Hispido, 167 (Tel. 62250)
* Herculano, Rua Alexan-
dre Herculano, 384 (Tele-
fone 279431) * Liga A.S.
Soc. Mútuas, Rua do Bo-
jorno, 286 (Tel. 217)
* Magalhães, Rua de Ser-
ra, 566 (Tel. 63561) *
Nova do Monsanto, Rua
do Monsanto, 48 (Tele-
fone 490889) * Ribeiro
Junior, Sucr., Rua da Fir-
meza, 99-A (Tel. 23849)
* Sampaio, Rua de Cedo-
ro, 636 (Tel. 217821) *
Sanil, Rua do Paraíso, 214
(tel. 23935) * Vitélio,
P. da Liberdade, 34-37
(Tel. 21433) * Gondarém,
Rua de Gondarém 360
(fzoz)

• COIMBRA

Dias Ferreira — Rua do
Brasil (tel. 26046) * Silva
Marques — Rua da Sofia
(tel. 23067) * Santa Cruz
— Rua das Padeiras (tel.
23569).

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

UMA LOJA ST. MICHAEL EM LISBOA



Alguns dos dirigentes da Eduardo Martins & C., Lda., durante a inauguração da nova secção

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco de sudoeste.

TEMPERATURAS E EXTREMOS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 17,2; mínima, Penhas da Saúde, 7.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15; Lisboa, 16; Faro, 7; Bunchal, 19.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar: 16; na atmosfera, 16.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado de sudoeste, rondando para Norte para o fim da tarde; possibilidade de períodos de chuva.

Amanhã
Nascer às 6 e 12
Ocorrer às 20 e 57

MARÉS:
PREIA-MAR: Hoje — (3,3 m); 12 e 13 (3,2 m); Dia 4 — 10 e 01 (3,3 m); 13 e 30 (3,3 m); Dia 5 — 1 e 48 (3,3 m); 14 e 23 (3,5 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 6 (1,7 m); 18 e 22 (1,7 m); Dia 4 — 6 e 45 (1,6 m); 9 e 07 (1,6 m); Dia 5 — 7 e 19 (1,4 m); 19 e 43 (1,5 m).

Papa João XXIII

Recordando solenemente a memória do Papa João XXIII, numa afirmação de presença do seu magnífico apostolado, ao passar o oitavo aniversário da sua morte, o qual ocorreu hoje, foi rezada missa, na Igreja de S. João de Brito, sendo celebrante o rev. prior Adriano Botelho.

A este acto de culto assistiram, participando a direcção, professores e alunos do Externato João XXIII, que juntam as suas preces às de todo o Mundo Católico, pelo eterno descanso do bondoso Papa.

O CHEFE DO ESTADO NO MERCADO DA PRIMAVERA

O Chefe do Estado, sr. almirante Américo Thomaz, visita ao fim da tarde o Mercado da Primavera, em Belém. É acompanhado pelo dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo.

Integrando-o no ciclo comemorativo do 80.º aniversário do início da sua actividade comercial, Eduardo Martins & C., Lda., acedendo ao convite que lhe foi dirigido por Marks & Spencer a famosa empresa londrina, abriu em Lisboa uma secção St.

Michael, para vender, exclusivamente os artigos daquela marca: vestuário para homem, senhora e criança.

A nova secção localiza-se no edifício onde se instalaram as secções de pronto a vestir, na Calçada do Sacramento, 10 — ao Chiado — e foi concebida em moldes modernos, no que se refere à exposição dos artigos e no aspecto da decoração. O preço dos artigos é sensivelmente o de Londres.

Uma das inovações desta secção: os preços são fixos sem direito a qualquer desconto.

Para assistirem à inauguração da nova secção desloca-

ram-se a Lisboa, três dos directores de Marks & Spencer e entre a numerosa assistência encontravam-se representantes de Bancos, Companhias de Seguros, industriais de Lisboa e da província, comerciantes, representantes de fornecedores estrangeiros e agentes comerciais.

ESTA SEMANA, FOI SÓ O
2.º prémio—480 contos—7643

QUE FOI VENDIDO PELO
CAMPIÃO

PARA A SEMANA, LOTARIA DE S.º ANTÓNIO,
É NATURAL QUE SEJA A TALUDA
— 16 000 CONTOS

EM VÉSPERAS DO S.º ANTÓNIO MAIS UM PRÉMIO GRANDE

Distribuído aos balcões do estabelecimento do Rossio da

CASA DA SORTE

EXTRACÇÃO DE HOJE:
7734 — 3.º PRÉMIO
240 CONTOS

A seguir é já a
LOTARIA DE STO. ANTÓNIO
1.º PRÉMIO — 16.000.000\$00

CASA DA SORTE

O bilhete n.º 7734 foi recebido do colega
CASA GAMA

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

33 438 4 800 000\$00
7 643 480 000\$00
7 734 240 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

33 437 15 060\$00
33 439 15 060\$00

PRÉMIOS DE 18 CONTOS

191 7350 9027 10607 11181
23318 28573 28666 28707 28956
32045 33818 33865 36512 38683
40293 43796 44318 46533 49617

PRÉMIOS DE 480\$00 (Centenas)

7601 a 7800 e 33401 a 33500

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 438, têm direito ao prémio de 1800\$00, em cada bilhete; os terminados em 191, 643 ou 734, a 1440\$00 e os terminados em 007, C44, 557, 587 ou 642, a 960\$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 18 ou 38, são contemplados com 840\$00 e os terminados em 34, 43, 91 ou 95, são contemplados com 480\$00. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 8, são premiados com 360\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

**CORRIDA DE GALA
À ANTIGA PORTUGUESA**

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 21,45 HORAS

A favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro
A que se digna assistir
o Sr. Presidente da República

CONCURSO DE GANADERIAS

7 toiros gentilmente oferecidos pelos Herd.ºs do conde de Cabral, Manuel e Mário Vinhas, José Pedrosa, eng.º António J. Teixeira, Ernesto de Castro, João Ramalho e eng.º Alberto Xavier

CAVALEIROS

**RIBEIRO TELLES • VARELA
CID • MESTRE BAPTISTA
JOSÉ NÚNCIO • LUIS M.
DA VEIGA • GUSTAVO ZENKL
FREDERICO CUNHA**

FORCADOS

AMADORES DE MONTE MOR E DO RIBATEJO

Chefiados, respectivamente por
António José Zuzarte e Parente de Almeida

MODELOS: 1300-1600-2000

**E O FAMOSO
1600 G.T.**

STAND MODERNO

CONCESSIONÁRIOS

Rua João Saraiva, 15 (Alvalade) — LISBOA
Telef. 711065 (10 linhas)

Salão de Exposição:
Avenida Fontes Pereira de Melo, 15-A

Conduza uma
super-estrela—
o novo
**FORD
CORTINA**

Teka
LAVA-LOUÇA-FOGÃO
ELÉCTRICO
OU A GÁS

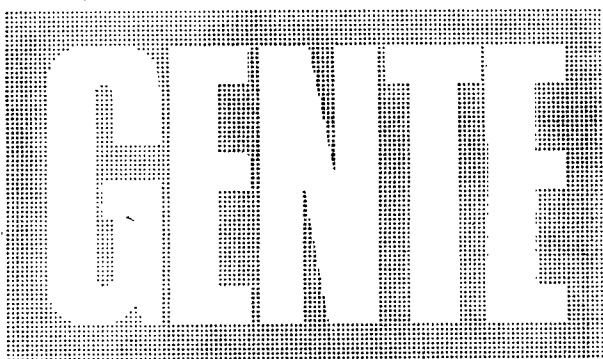
Teka Hergóm

FABRICADO POR

Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 130 - LISBOA - R. COR. BENTO - ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

SUPLEMENTO LITERÁRIO

665 ■ 3 DE JUNHO ■ 1971



eu, tu, nós

DIZ O ANÚNCIO: «Um Portugal desconhecido revelado por Gageiro». Desconhecido, este Portugal da exposição na S. N. B. A. e do álbum «Gente?». Só se for para quem se recusa a conhecê-lo, assim, como está, em directo, captado no instante e no instante garantindo todo o peso, toda a expressão, todo o significado de uma coisa (gente) tenazmente viva, eloquente para além do silêncio da película, espectáculo (que somos todos) com sua aparente banalidade e seus contrastes tragicômicos, sua condenação e seu berro acusatório.

Desconhecido não será, não, não será este meu país focado por Gageiro com um simples olhar imediatamente crítico porque sensível e vigilante: digamos que para alguns marginal, atirado para a sombra das consciências, para as máscaras do folclore (turístico e não só), para os truques literários de rentável humanismo, para a cabeça do touro.

Gageiro não vem descobrir, inventar nada. Olhando o que está, fixando o que vê, ele mais não faz que pôr um espelho diante de cada rosto: vendo a minha gente, nela me vejo. Assim não queira estar cego.

Viram um acontecimento vulgar, um caso como há tantos em cada dia. E no entanto pedimos que o achem estranho embora pareça natural, que sob o quotidiano descubram o inexplicável, que tudo quanto é considerado habitual possa inquietá-los.

Bertolt Brecht
(«A excepção e a regra»)*

GAGEIRO é fotógrafo profissional. Repórter. Para ganhar a vida, bate chapas como um bate-chapas. Se é artista ou não, venha quem saiba e opine. Eu cá disso não percebo nada, embora como toda a gente tenha visto já muitas chapas «artísticas» fazendo um esforço danado para imitar a pintura e muitas outras, lindíssimas, atraindo o olho para o produto que publicitam. Se a arte da fotografia anda por aqui, estou em crer que Gageiro não será um artista: ele é mais prosaico, mais chão, talvez mais humilde no seu labor quotidiano, sem dúvida menos dado à composição decorativa, ao arrebique dito «de estilo», à manipulação das habilidades técnicas para efeitos de tapa-olhos. No entanto, artista ou nem por isso, Gageiro revela conhecer o espectáculo do seu tempo e do seu povo, espectáculo de que é testemunha lúcida e cronista fiel. Sob o ponto de vista estético, os limites e a grandeza dos seus trabalhos residem, justamente, nesta sua lucidez — e nesta fidelidade, neste rigor, nesta ética austera que o

leva a não «alindar» a realidade para a não trair, resistindo assim às tentações «de artista» (uma única excepção: a foto 85 do álbum, «Visita do Papa», composição ondulatória e de sabor goyesco que deixa resvalar um compromisso entre o pormenor veris-

ta e a distorção abstrac-tizante). Fidelidade: era lá possível sem o conhecimento amoroso e o respeito pela matéria? Luckdez: era lá possível sem a consciência crítica, se bem que à partida (talvez) intuitiva? Veristas, as fotografias de Gageiro não deixam grande margem para ambiguidades de leitura — essas delícias de quem não tem mais nada que fazer. Assim, este cego é um cego, (é um cego) esta velha é uma velha (é uma velha), este coxo é um coxo (é um coxo), esta criança é uma criança (é uma criança). Nítidos, exactos, sem metafísica. Apanhados em fla-

grante vulgar quotidiano (estão a chorar, a rir, a rezar, a namorar, a pedir, a comer, a brincar, a dormir, a trabalhar), transportam no entanto com eles toda a carga de símbolos sociais, todo o magma da comédia humana e todo o fluir do movimento histórico. De repente (e sem ênfase discursiva, sem chamada especial à boca de cena, sem «reabilitação» estética) ga-



Gageiro: retratar um povo

rantem a força (dramática, sociológica) do documento: são um muro de autenticidade.



O fervor religioso (tempo transposto) captado pela câmara da Gageiro



Foto de Gageiro: sem margem para ambiguidades

É como se o fotógrafo lá não estivesse. Mas estava, vivendo, convivendo, registando. E não apenas: atento ao pormenor (veja-se a funcionalidade contrapontística dos cartazes e letreiros), olho rápido e certo para extrair significado do aparente insignificante. (Porque nada é insignificante: o que há é muita gente distraída). Deixando-se impressionar ele próprio como a película virgem, mas vigilante nas suas deambulações e depois necessariamente crítico na decisão da escolha (a coragem de optar). Gageiro não se limita a retratar um povo: retrata-se nele.

Perspectiva melhor não sei haver: olhar mais que o olho pode ver.

☆

Perspectiva melhor não sei há: olhar e saber o que virá.

Reynaldo Jardim
(do poema «Picasso»)

O ITINERÁRIO da exposição de Gageiro na S. N. B. A. vai do namoro (à portuguesa, com certeza) à morte (que é universal, mas entre nós com tintas de tragédia). De permeio, o trabalho, o ócio, a oração, a festa. E a expectativa (o tempo parado). E a resignação (o tempo morto). E o fervor religioso (o tempo transposto). Velhos — nosso aviso terrível. Crianças, muitas crianças, dormindo em caixotes, ou embrulhadas em xales, ou seminuas na paisagem agreste, ou brincando com o ar mais sério desta vida, ou carregando outras mais novas (primeiro trabalho, e duro), ou simplesmente olhando (para onde?, para a máquina de Gageiro?, para nós?) — nossa acusação e nossa esperança. E vendedores de toda a quinilharia. E operários de todos os mistérios e de todos os biscates (aqui, o

insólito acontece). E atalajados. E foliões. Gente. Todo um inventário.

Gente, eu e tu e nós, como (nos) vemos todos os dias. Mas agora, expressa nas fotografias de Gageiro, mais recortada, mais pessoalizada, mais (como hei-de dizer?) visível.

Li algures que fotografar significa, em grego, escrever com luz. E aqui está: uma escrita luminosa, perfurante, reveladora para além do olho mecânico que julga ver mas não ultrapassa a epiderme das coisas. A obstinada limpidez da objectiva de Gageiro parte do exemplo para o exemplar. Isto é: substantivando o que há, aponta inevitavelmente para o que virá

Final o que importa não é [ser novo e galante — ele há tanta maneira de [compor uma estante.

Mário Cesariny
de Vasconcelos
(«Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano»)

ESTOU a ver: o álbum de Gageiro revelará de facto um Portugal desconhecido (eu é que não devo ter razão ao pensar o contrário). E muito boa gente poderá iludir a boa ou má consciência folheando aquelas páginas de um tão voluntário preto e branco, exclamando o espanto de circunstância e arrecadando depois o Portugal na estante. Mas não importa: algures, nas ruas das cidades e aldeias, nos campos, nas fábricas, nas feiras, mourejando o pão, chorando os mortos e os infortúnios, rindo a felicidade passageira, Portugal, esta gente, existe. Resiste nisso. Insiste.

Vitor Silva Tavares

«GENTE»
por Eduardo Gageiro
Exp. na S. N. B. A.;
álbum ed. «O Século»
(c/ prefácio de José Cardoso Pires)

Prontuário das Letras

Aqui costuma haver um subtítulo

É verdade, aqui costuma haver um subtítulo. Mas hoje não há, paciência, queríamos dizer: «abaixo os subtítulos!» e começamos já, começamos por saudar o sempre jovem José Gomes Ferreira, de quem se anuncia um novo livro. Anuncia-o a Portugália Editora e o título será *O irreal quotidiano*. Com um subtítulo, ou continuação do título, um entre-parêntesis (para fugirmos aos subtítulos, nossa fobia de hoje), qual seja *Histórias e invenções*. Segundo a editorial José Gomes Ferreira «volta a falar nos das suas vagabundagens e dos seus encontros com os outros», o que nos traz à memória o subtítulo, perdão, a continuação do título, o entre-parêntesis de *O mundo dos outros*, essa tão bela crónica longa de 1950, e que era se não erramos *Histórias e vagabundagens*. Ah, reencontrar o «bolor quotidiano» os camaradas «afins de poesia e boémia mansa...» Mais coisas, muitas mais coisas de Lisboa com certeza, e não é por nada, é porque o Zé Gomes chegou a reacear seriamente converter-se aqui numa espécie de tipo popular «perseguido nas ruas pelos garotos e pelas gargalhadas das pedras», e Manuel de Azevedo descreveu-o uma vez (olhem, no *Diário de Lisboa*) a subir ou a descer a Avenida da Liberdade com um pé no passeio e outro fora, os amigos têm destas indiscreções.

Deveríamos continuar no domínio da literatura pois que a compartimentação (subtítulos?) a isso levaria talvez, porém chamamos atenção para um discreto, pequeno volume caro ao redactor do Prontuário: *A lei de Imprensa e os jornalistas*. Sabe o leitor a quantas andamos a quantas anda? O livrinho informá-lo-á em extensão, até porque deve (o leitor) saber (rapidamente) o como e os porquês do próximo (e importante, leitor!) tema proposto à Assembleia Nacional. Se quer descobrir mais depressa nos escaparates sempre lhe diremos que é uma edição da Estampa, a abrir a nova série da colecção Polémica.



José Ferreira: inédito

Fora com outro subtítulo

Pois claro, fora com outro subtítulo, foral Assim de repente vamos falar-lhe das reedições do Camilo — tem lido Camilo ou enfim como é que havemos de dizer o Camilo não é e depois a gente chupa Camilo no lixeiro etc. e esquece-o? Faz mal, tem de ler Camilo, ler Camilo. Ninguém nos encomendou o sermão. Nem a editora do Camilo, que é a Parceria A. M. Pereira. Mas já leu, já releu as últimas reedições, as *Noites de Lamago*, as *Cenas contemporâneas*? Tem aqui o apolo de *Camilo de Oliveira*: «para lá de todas as aparências o melhor Camilo compreendeu, talvez como nenhum outro romancista da nossa literatura, o profundo entrecrocamento das estruturas sociais.»

A inutilidade dos...

... subtítulos parece que se vê agora melhor. Não são necessários para anotar, por exemplo:

— que a *Anquilose* de José Mar-melo e Ilva saiu com a chancela da Ulisseia e não com a dos Estúdios Cor, lapso indesculpável do Prontuário do passado dia 20 (e vá lá vá lá que não somos dos piores neste capítulo);

— que a *Prelo* está ao ataque, e bem: *A agricultura socializada em Cuba* (M. Cutelman) e *A economia nas sociedades modernas* (Oskar Lange) têm lugar nas bibliotecas atentas;

— que a Portugália está ao ataque, e bem, nos descontos da 41.ª Feira do Livro de Lisboa. E ainda bem: os descontos chegam aos 66 por cento, não constando que por isso a editora abrisse falência Também aqui ninguém nos encomendou o sermão, é puro relance de olho do Prontuário.

Pois seja uma crónica

Seja hoje, para desentastiar, uma crónica. Notícias do Porto: a Livraria Civilização lançou *A caixa de fósforos* versão portuguesa de *Les allumettes suédoises*, de Robert Sabatier (enormíssimo «besteceller» gaulês: pronunciar com sotaque das Rives, sobretudo Droite), e o relato juvenil *O ninho das cegonhas*, do holandês Meindert De Jong.

Em Lisboa coube à Europa-América propor a circulação de *O homem da cabeça rapada* de Johan Daisne, romance sobre o qual André Delvaux fez o magnífico e homónimo filme. Daisne (n 1912) chama-se a si próprio um realista mágico, mas para Karel Jonckheere pode ser também etiquetado de romântico. Em todo o caso eis um nome famoso da moderna novelística neerlandesa da Bélgica.

Ainda em Lisboa, os Livros do Brasil deram a conhecer finalmente a anunciada versão de *La mort heureuse* (*A morte feliz*), de Albert Camus, sua primeira tentativa romanesca (finais dos anos 30) e, com a introdução e as notas de Jean Sarracchi em apoio um mergulho nessa oficina que então começava (iria brevemente começar) a produzir a obra inquietante do futuro Nobel.

F a propósito

E a propósito (a propósito da inutilidade dos subtítulos, terror do Prontuário espartilhado, demarcado, cingido, atado, mas hoje a gente deu-lhe uma volta, aí isso deu), a despropósito portanto, uma lembrança: no seu terceiro lançamento as novíssimas Edições 70 arriscam-se a fazer o segundo «best-seller». Referimo-nos a *O que é o Mercado Comum*, 150 páginas de divulgação muito oportuna do economista Sérgio Ribeiro, um homem ligado ao arranque da nossa «Mesa-Redonda» e motor de várias realizações da Prelo Editora. «Divulgação» está mal empregue: o livro de Sérgio é mais do que isso, é uma reflexão, um estudo a vários níveis, e é mais do que isso, ou ao mesmo tempo é também outra coisa. É um aviso e um libelo, pequeno seixo lançado a meio do lago quieto. Até molhar-nos os pés.



«Char e» de Valença é uma das telas de Almada para a «Brasileira» (publicada no «Sempre Fixe» de 27/10/1920).

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

NÓS NA «BRASILEIRA»

UM QUADRO ná, entre os destinados a «Brasileira» (e que, longe de Lisboa, suponho que serão expostos amanhã dia 4, na Galeria Mitnitsky) que não deixará de desencadear reacções de indignação, ira, raiva, curiosidade gozo e troça — inveja até, quem sabe!

E outras, mais e melhores — que abençoados sejam...

Tão poucos os motivos de regozijo na murcha capital, que um quadro pode trazer consigo o escândalo. Aliás o papel da arte na sociedade moderna é sempre necessariamente escandaloso ou escandalizador.

O quadro é do Nikias Skapinakis e representa-me a mim e a mais três sujeitos. Ta e qual e em redor duma mesa, pastichando assim a composição que 45 anos atrás Almada Negreiros realizou, encontram-se os quatro críticos de arte que escolheram os onze pintores que estarão presentes nas paredes do Café. Porque não haviam eles de se encontrar, ali mesmo, em imagem de «poster»? Será, de resto, a única maneira de se encontrarem com frequência, já que, ao invés do que as boas almas alfacinhas supõem, raramente se vêm na vida de cada qual. Mas, assim, o mito do «Grupo» que não constitui é sublinhado, com saboroso logro para a História—se história destas coisas houver...

Pessoalmente, fa-me pena que a ideia não tenha sido minha — mas do Rui Mário Gonçalves. Como a aplaudi e me diverti com ela antes de qualquer outra pessoa, tomo-a um tanto à minha conta — e fui eu que convenci da sua excelência o Nikias que rebarbativo, que isto de retratos tem tabela e quatro pelo preço de dois não era curial. Entusiasmou-se, porém, o artista com o programa — quem sabe se vislumbrando alguma possibilidade de vindieta...

ES o resultado, oferecido à nossa leitura: quatro sujeitos sentados, olhando no vago, como quem vê pintura, e um deles, ató, fechando os olhos, por ter adormecido na pose — ou farto de tanto ver...

Da esquerda para a direita, em tamanha consagração de «carreira» — o Rui Mário Gonçalves, o Francisco Bronze, o Fernando Pernes, e este mesmo folhetinista, todos eles (de mais a mais!) da A. I. C. A. Que os seus nomes fiquem historicamente registados aqui, atendendo à falência da memória das gerações vindouras e à probabilidade de, daqui a meia dúzia de anos, ninguém saber de quem são as imagens ou, mesmo, quem são aqueles que as imagens representam.

Quem eram os sujeitos que o Almada fixou

em 1925? Ele próprio («Narciso do Egito» — e repare-se que o Nikias, por prudência, lá se não meteu...), um ignorado professor Dória Nazaré que suponho há pouco ignoradamente falecido, e duas ilustres senhoras, uma espanhola, por sinal. Coube ao Rui Mário arcar com a responsabilidade de substituir o Almada — aventura de antemão perdida. Olharão sempre para ele e perguntarão se não é o Almada; nunca que alguém tivesse olhado para o Almada perguntando se era o Rui Mário. Quanto ao Bronze e ao Pernes, em vez das danças não queria eu estar-lhes na pele. Aquela que me vestiu o Nikias me ensina, aliás, que tudo é vaidade e que não é por ter um dia, ou durante quarenta e cinco anos, figurado em efígie nas paredes da «Brasileira» que se fica célebre, ou se é, ao menos, recordado à hora da morte.

ENTRE os «grupos» famosos da história da pintura (o atelier de Courbet, a homenagem a Cézanne o Grupo do Leão) este do Nikias Skapinakis vai ter o seu lugar, modesto embora, pela modestia dos modelos, e nisso provavelmente prejudicado. O estilo «poster» adoptado, sintético, simbolizante, assegura-lhe a necessária modernidade de «mass medium».

Há dez anos, o Nikias pintou três outros intelectuais decerto mais justamente célebres: o João Serrão, o Abelaira e o Cochofel — e tão tristes os pintou que eu vejo nessa imagem um dos documentos mais importantes, e mais trágicos, da vida mental portuguesa dos anos 50... Ficou o quadro apenas pendurado numa exposição, hoje estará na casa dalgum dos interessados, enquanto o novo grupo vai ficar em lugar público — e é pena que o primeiro não figure no museu que não temos.

Isto faz do Nikias Skapinakis um dos raros retratistas possíveis do nosso tempo português. Um retratista por dentro.

QUE EU suspeito de estarem em tal estado também os quatro críticos de arte (de-mais-a-mais-da-A. I. C. A.) figurados agora na «Brasileira». Em que estado havia de estar?

Eu, que sou o mais velho da companhia, talvez esteja menos assim do que os outros; é virtude minha, podem crer. Daí o recusar inimigos como é notório...

Os outros, porém, — com esta seriedade hierática que orna esfingicamente o meu

Cont. na pág. 6

ENTREVISTA COM E. M. DE MELO E CASTRO

PESQUISA EXPERIMENTAL: GUARDA AVANÇADA

ACABA de ser publicado (ed. «Círculo de Poesia», Moraes Editores) o volume de poemas **ÁLEA E VAZIO**, de E. M. de Melo e Castro, autor que tem dedicado aos problemas da vanguarda grande parte do seu labor crítico e criativo — patente inclusivamente nas nossas colunas. Além dos livros que mencionamos noutro lugar, Melo e Castro (nascido em 1932; natural da Covilhã; técnico têxtil, na vida profissional) regista no seu «curriculum» a participação em exposições colectivas realizadas em Inglaterra, França, Itália, Espanha e U. S. A. com objectos poemáticos, cinéticos e concretos; participou igualmente no 1.º «happenning» realizado em Portugal, na Galeria Divulgação, em 1965; tem um disco de poemas publicado pela «Philips» e foi o organizador das publicações colectivas **OPERAÇÃO** e **HIDRA**, surgindo também como co-organizador de **POESIA EXPERIMENTAL-2**; estudioso da música e da pintura contemporâneas, tem preparados dois volumes de ensaios.

A riqueza de leitura e a complexidade dos problemas estéticos propostos por **ÁLEA E VAZIO** justificaram o breve inquérito a que Melo e Castro respondeu como segue.

P. 1 — V. tem sido, aqui em Portugal, um dos mais constantes divulgadores de um certo tipo de experimentalismo poético. Qual o sentido das pesquisas que envolve a prática desse experimentalismo?

R. 1. — Aqui em Portugal nunca houve qualquer sistematização ou atitude colectiva de criação experimental que nos permita falar em experimentalismo, com tudo o que um ISMO implica de doutrinação, de comprometimento moral. A única tentativa de teorização foi feita individualmente por mim num volume a que chamei «A proposição 2.01 — poesia experimen-

tal», editado pela Ulisseia, como V. certamente se recorda. Parece-me de facto mais rigoroso falar em Poesia Experimental ou em pesquisa experimental, pois o que efectivamente existiu na década de 60 foi uma generalizada e variada atitude de pesquisa sobre o fenómeno poético: uma inquietação de rompimento com as poéticas anteriores; um exercer de uma actividade crítica manifestada quase sempre através de trabalho criativo e não sob a forma reflexiva do ensaio ou da teorização. Assim se estabeleceu um denominador comum de procura e investigação que uniu alguns poetas já com trabalho anterior revelado na década de 50. Surgiram então publicações colectivas e atitudes públicas de poesia experimental, mas nunca surgiu um Manifesto porque essas pesquisas foram sempre individuais.

De um modo geral, em Portugal, pode dizer-se que a Poesia Experimental começa com as tentativas para questionar os elementos lírico-discursivos, presentes mesmo na poesia intelectual do modernismo das décadas de 40 e 50, facto que foi talvez primeiramente pressentido intuitivamente por Mário Cesariny Vasconcelos, nalguns poemas em que o tratamento linguístico-criativo aparece como sendo a própria estrutura do poema. No entanto a influência decisiva deve-se a António Ramos Rosa, quer no assumir de uma percepção de tipo fenomenológico como vivência poética, quer no começo da instauração de uma fragmentação e polivalência da linguagem do poema. É sobre esta base que tanto a Poesia 61 se vem a poder erguer, como a Poesia Experimental se propõe inicialmente. Assim, a pesquisa e incorporação de novas coordenadas tornam-se fundamentais e o contacto com a Poesia Concreta brasileira e internacional permitiu que componentes visuais e espaciais fossem pela primeira vez conscientes e radicalmente assumidos dentro da Poesia Portuguesa (**IDEOGRAMAS** — 1962). Simultaneamente se partiu para pesquisas de renovação imagética, de reinvenção etimológica e vocabular, se procurou um novo tipo de discurso, agindo



Melo e Castro: «não sou um técnico de mercados»

sobre a morfologia e a sintaxe, se procurou chegar a uma semântica viva. A propósito, desejo citar Herberto Helder, António Aragão, Salette Tavares, Ana Hatherly, José-Alberto Marques, Alvaro Neto, entre os muitos poetas em cuja obra se pode encontrar uma dimensão marcadamente experimental.

Aqui é-me impossível falar sem ser em nome restrita-

ção cada vez mais difícil, por inadequação de meios e estruturas. Problema esse que fere o Homem e o ameaça. Assim, ante a ameaça tecnológica, há que estudar rigorosamente os novos meios que essa tecnologia triunfante nos oferece; há que incorporá-los rapidamente no nosso repertório vivencial; há que prever as alterações sociais que eles nos impõem; há que pro-

cretar), ou dos estudos estruturais dos fenómenos de comunicação, de que os sinais do Código do Trânsito é um exemplo empírico. A Poesia Experimental começa por agir sobre o discurso nos seus aspectos morfológicos, fonéticos, sintáticos e imagéticos, procurando reequacionar a própria origem da comunicação, e assim atingir novas zonas semân-

ticas mais adequadas à actual vivência.

P. 3 — Gostáramos que nos falasse um pouco sobre alguns dos processos utilizados neste seu último livro.

Cont. na pág. 7

BIBLIOGRAFIA

POESIA

Sismo, 1952
Salmos, 1953
Ignorância da Alma, 1956
Entre o Sol e o Sul, 1960
Queda Livre, 1961
Mudo Mudando, 1962
Ideogramas, 1962
Objecto Poemático de Efeito Progressivo, 1962
Poligonia do Soneto, 1963
poem a/a poem, 1966
Versus-in-versus, 1968

CRÍTICA E ENSAIO

Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa (de colaboração com Maria Alberta Menéres); 1.ª edição, 1959; 2.ª edição, 1961
A Proposição 2.01 — Poesia Experimental, 1965

tu que serves

tu que serves és servido comes
tu que comes és comido cavas
tu que cavas és cavado morres
tu que morres já és morto matas
tu que somas és sumido sabes
tu que sabes és sabido sobes
tu que olhas és olhado cabes
tu que foges és fugido foge
tu que páras és parado para
tu que voltas és voltado vácuo
tu que berras és bezerro burro
tu que pertences és pretenso tanso
tu que recusas recusado usado
tu que não usas és usado velho

E. M. de Melo e Castro
(In *Álea e Vazio*)

mente pessoal, porque actualmente os caminhos do Experimental estão profundamente diversificados, quer entre nós, quer na Europa e na América, a tal ponto que falar em Poesia Experimental me parece já impossível, devendo falar-se sim em pesquisa poética ou dizer só Poesia. Com isto, quero dizer que a pesquisa sobre a percepção e a linguagem poéticas se encontra hoje total e conscientemente assimilada à criação, e que dizer Poesia Experimental começa a parecer um pleonasmo.

Quanto ao «sentido» do Experimental que referiu na sua pergunta, creio que V. deseja muito justamente inquirir sobre o significado humano e sociológico da pesquisa formal através da qual se realiza a prática da Poesia Experimental. É certo que se começou (e, como em todo o mundo) por operações formais sobre a linguagem, por experiências de laboratório, sobre a comunicação. Mas é que se trata precisamente de resolver um problema de linguagem obsoleta e de uma comuni-

curar as novas linguagens que a nós homens nos convém para podermos sobreviver.

A pesquisa experimental na arte é apenas uma guarda avançada nesta luta.

Dai que quando se identifica, como entre nós precipitadamente se fez, a Poesia Experimental com a tecnocracia, se está a cometer um erro não só de crítica literária mas também de sociologia, erro que talvez tenha justificação na crise de informação e na confusão que os detritos de linguagens obsoletas podem provocar ainda em espíritos precipitados no seu excesso de zelo.

P. 2 — Quais os campos sobre que principalmente incidem essas pesquisas?

R. 2 — As pesquisas experimentais incidem sobre a comunicação no intuito de alargar a noção de linguagem e dos seus usos. Assim, uma linguagem sem palavras é hoje perfeitamente possível e nalguns casos justificável, através das experiências semióticas, por exemplo do Poema Processo (consequência brasileira da Poesia Con-

afitec

Distribuidora de Livros Técnicos, Lda.
Telef. 77 53 95

SALDOS

De Livros Técnicos durante a Feira do Livro
Av. da Igreja, Lote 1278

PEÇA O NOSSO BOLETIM

ESCRITÓRIO

Andar c/ampas div., na R. Prte. Wilson,
6, r/c. Renda 8 contos. Tel. 32 04 30.

VIAGENS LONGO CURSO 1971

ITINERÁRIOS CUIDADOSAMENTE ESTUDADOS, COM O FIM DE PROPORCIONAR AOS PARTICIPANTES UMA RECORDAÇÃO INESQUECÍVEL E AGRADÁVEL

CULTURAS E PAÍSES EXÓTICOS

POVOS E RAÇAS ANTÍPODAS... CIVILIZAÇÕES DIFERENTES, são os aspectos mais salientes de uma viagem de longo curso

ESTADOS UNIDOS e CANADA	16 dias	17.950\$00
O CONTINENTE AMERICANO	25 dias	47.310\$00
A TERRA SANTA	7 dias	9.850\$00
O LESTE EUROPEU	16 dias	17.440\$00
O CEILÃO e o NEPAL	17 dias	29.250\$00
O FASCINANTE ORIENTE	24 dias	38.500\$00
A AUSTRÁLIA e os MARES DO SUL	32 dias	66.100\$00
A ÁFRICA DO SUL e a RODESIA	27 dias	36.950\$00
ROMÂNTICA BALI	21 dias	31.550\$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas em

BELOS Turismo

SETUBAL — Avenida 5 de Outubro
— Telet 23291
ÉVORA — Rua de República
— Telet. 24254

EDITORIAL NOVA

PUBLICOU JA OBRAS DE

Alberto Ferreira
Alexandre Cebal
Angelo da Lima
Armando Castro
Christian Bernardes
Cavalry
Eduardo Lourenço
Eugénio de Andrade
Fernando Guimarães
Máximo Gorki
Irring Wellace
Joel Serrão
Garcia Lorca
Manuel Pereira
Mário Sacramento
Marta de Lima
Oscar Lopes
Papiano Carlos
Reiner Maria Rilke
Ruy Luis Gomes
Sá Coimbra
Siddhali Muralha
Stendhal
Urbano Tavares Rodrigues
Vergílio Ferreira

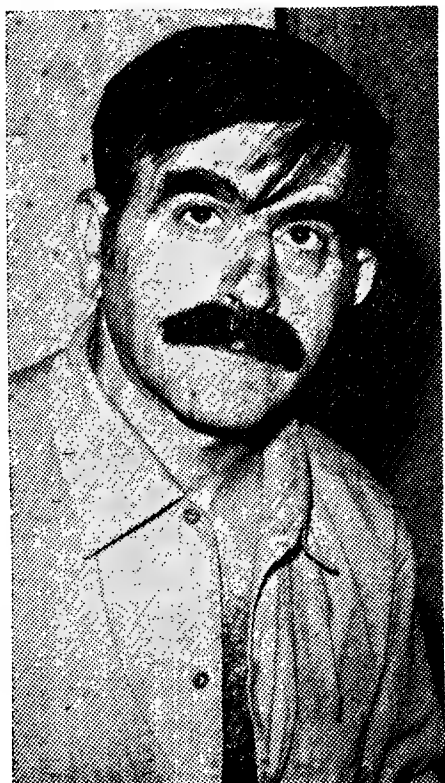
FEIRA DO LIVRO

EM LISBOA

no stand n.º 21

NO PORTO

nos stands n.º 9 e 10



DIÁLOGO sobre a entrevista

AFONSO: Passemos ao terceiro tipo de argumento: a possibilidade de fazer a contraprova das acusações por meio de documentos que os juizes não conheciam, tais como processos posteriores ou declarações de refugiados no estrangeiro que, tendo ou não confessado na Inquisição, declaravam que tinham judaizado em Portugal.

DAVID: Essa contraprova é importante. Em certos casos ela mostra que os Inquisidores tinham acertado; noutros casos mostra que as acusações e as sentenças eram falsas; noutros casos ainda não permitem uma conclusão nem outra. O que me parece um artifício polémico de Révah é ele falar de cátedra como se evocar a simples possibilidade dessa contraprova fosse já em si uma prova da «autenticidade» das acusações. Isto é querer lançar areia aos olhos dos leitores desprevenidos.

AFONSO: Admite então que entre os condenados da Inquisição havia autênticos judaizantes, quando pelo método de confronto das peças de um processo com outros documentos desconhecidos dos juizes é possível confirmar as acusações?

DAVID: Saraiva nunca disse que não havia judaizantes em Portugal. Disse apenas que de maneira geral os antigos Judeus se assimilaram e que os resistentes clandestinos deviam ser uma minoria, ao contrário do que pretendiam os Inquisidores.

AFONSO: E há contraprovas mostrando que os Inquisidores condenaram com provas falsas?

DAVID: Inúmeras. O próprio Révah num dos seus opúsculos fala de um Paulo de Lena que, estando já de mãos atadas para ser entregue ao carrasco, resolveu «confessar» o seu Judaísmo, e ajuizou em auto-de-fé. Conseguiu mais tarde fugir para o estrangeiro e aí se manteve indefectivelmente católico, em luta constante contra os Judeus portugueses de Ruão.

AFONSO: Révah dá como prova da justiça inquisitorial o facto de numerosos antigos condenados da Inquisição que fugiram para o estrangeiro terem aderido às sinagogas portuguesas existentes, e acrescenta que o fizeram «apesar da hostilidade mais ou menos tenaz que lhes manifestaram a Igreja católica e as Igrejas protestantes (...) e apesar do handicap social e por vezes económico que acarretava para estes fugitivos a filiação numa comunidade judaica».

DAVID: Esse «apesar de...» é muito curioso, porque Révah conhece muito bem os textos de Ribeiro Sanches e do Cavaleiro de Oliveira onde se diz que muitos portugueses fugidos já se manifestaram a Igreja católica e as Igrejas protestantes (...) e apesar do handicap social e por vezes económico que acarretava para estes fugitivos a filiação numa comunidade judaica».

Marranes: «Une fois installés à l'étranger et isolés par la langue et les mœurs de la population locale, ces Nouveaux-Christiens de religion pour le moins tiède étaient souvent reconquis par l'active propagande des communautés marranes et juives». O que Saraiva sustenta é que as sinagogas portuguesas do estrangeiro foram fundadas pelos poucos Judeus que conseguiram resistir à assimilação. Pela sua própria coesão ideológica esses núcleos de Portugueses puderam sobreviver como colectividades orgânicas perante o meio estranho, segundo os costumes e a língua do seu país de origem. Um dos factos capitais da história dos Marranos é que o Português (e não o Espanhol) foi a língua oficial da comunidade judaica de Amesterdão até quase ao século XX; foi nesse língua que Espinosa aprendeu a falar. É natural que por esta simples razão todo o Português, judeu ou não, quisesse entrar na Sinagoga, e esta aceitava-os, porque bastava ser português e perseguido pela Inquisição para ser presumido Cristão Novo. Ainda hoje se sabe isto em Amesterdão. O verdadeiro handicap social consistia em ficar fora da Sinagoga, sem protecção, sem relações, à deriva num mundo de língua estranha. A Sinagoga era de algum modo, uma pátria.

AFONSO: E quanto ao handicap económico?

DAVID: E outro argumento extraordinário! Limito-me a citar um passo de um historiador hebraico recentemente falecido:

«É preciso não esquecer o papel desempenhado na vida comercial de outrora pelos laços de parentesco e de clã. Ser Marrano era também estar filiado numa vasta sociedade secreta de protecção e auxílio mútuo: passar mais tarde, em Salónica ou em Amesterdão, ao Judaísmo, declarado era também agregar-se a um poderoso consórcio comercial» (L. Poliakov, Histoire de l'Anti Sémitisme, II, p. 239).

AFONSO: Será possível que Révah não saiba isso, ou menos por experiência própria?

DAVID: Claro que sabe. E até refere na sua entrevista «que as comunidades judeu-portuguesas de Amesterdão e de Baiona sustentavam no século XVIII um número considerável de pobres...» Se esses infelizes desterrados não fossem protegidos pela Sinagoga ficariam reduzidos à mendicância em terra estrangeira.

AFONSO: Afinal, sem darmos por isso, tratámos do tema das comunidades portuguesas no estrangeiro. Concluímos que a adesão de portugueses expatriados às comunidades judaicas portuguesas (e, podemos acrescentar, espanholas) não é por si só prova de ter praticado o Judaísmo em Portugal.

DAVID: Um momento! É preciso acrescentar que as declarações dos expatriados também exigem prova. É humano que muitos para se fazerem valer junto dos seus compatriotas judeus fantasiassem histórias. A este respeito ocorre-me um curioso episódio do romance picaresco espanhol Vida de Estebanillo Gonzalez. Chegado a Ruão sem recursos, o pícaro procurou uma pouca de cinza que meteu num embrulho; foi à Bolsa procurar os judeus portugueses, sau-

dou-os em língua portuguesa e contou-lhes que tinha fugido à Inquisição e mostrou-lhes a cinza de seu pai, que tinha sido queimado, dizia ele, num auto-de-fé. Os Judeus ficaram comovidos, pediram-lhe uma parte daquela preciosa reliquia, juntaram rapidamente 25 ducados que deram ao moço, mais uma carta de recomendação para um correspondente de Paris. «Despedi-me deles, conclui o autor, contente de me ter saído tão bem de gente que sempre enganava, mas nunca se deixa enganar». Este episódio é evidentemente de inspiração cinicamente anti-semita, mas traduz uma situação que deve ter ocorrido mais de uma vez. E ainda hoje encontramos casos comparáveis nos meios de emigrados portugueses, onde não falta quem queira resolver problemas pessoais com pseudomotivações ideológicas. Em conclusão, as declarações de prática de judaísmo secreto em Portugal por parte de emigrados que aderiam à Sinagoga também precisam de contraprova para servirem de contraprova ao processo inquisitorial. Révah esquece-se disto.

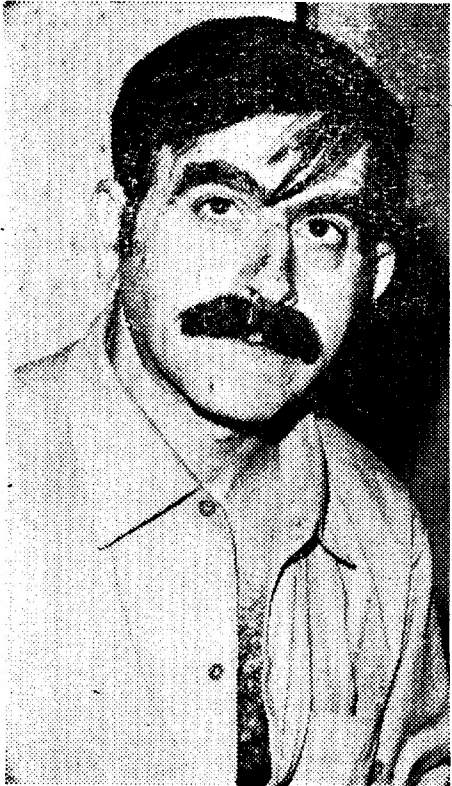
AFONSO: Mas passemos a outro tema que se liga com a prática clandestina do Judaísmo em Portugal. Révah diz que os «grupos criptojudais», de uma homogeneidade étnica e religiosa notável que «foram descobertos no séc. XX em várias localidades portuguesas no interior do país» atestam a persistência do Judaísmo em Portugal, dando portanto razão aos Inquisidores.

DAVID: Saraiva considera que esses grupos constituem um fenómeno residual, que não afecta as linhas gerais da assimilação da grande maioria da antiga população judaica que permaneceu em Portugal. Convém reduzir o fenómeno às suas proporções. O Eng.º Samuel Schwartz publicou em 1925 um livro intitulado *Os Cristãos Novos em Portugal no século XX* em que relatava a descoberta, em provocações como Covilhã, Fundão, Guarda, Belmonte, Bragança e outras, de famílias que praticavam secretamente uns restos de culto judaico já muito desfigurados. Em consequência disso, a Comunidade Israelita de Lisboa lançou um apelo internacional para recolher fundos destinados a uma escola onde os filhos desses «marranos» pudessem ser educados no verdadeiro Judaísmo. Para estudar o problema a Anglo-Jewish Association e a Alliance Israelite Universelle, enviaram a Portugal Lucien Wolf. Este notável conhecedor das questões judaicas esteve quatro semanas em Portugal, visitou a Guarda, a Covilhã, Belmonte, Caria, Coimbra, o Porto, avistou-se em Lisboa com altas personalidades, entre as quais o Presidente da República, que lhe prometeu todo o apoio. O relatório do seu inquérito saiu em Paris, em 1926, com o título *Les Marranes ou Crypto Juifs du Portugal*. São 22 páginas densas, de uma lucidez notável e grande poder de síntese, que vieram a ter grande influência no desenvolvimento dos estudos sobre o Marranismo. Wolf chegou a conclusões que não coincidiam com as da Comunidade Israelita de Lisboa. Segundo ele, a grande massa dos antigos Judeus da Beira e de Trás-os-Montes tinha-se convertido ao Catolicismo, apesar de a população continuar a chamar-lhe Judeus. Em

Pinhel, por exemplo, localidade ainda qualificada, popularmente, de «judaica», não havia, diz Wolf, «um único marrano». Quanto aos Marranos subsistentes ainda, nada permitia estabelecer que tivessem qualquer ideia precisa da doutrina e da ética judaicas, embora mantivessem alguns ritos já muito estropiados. Eram sobretudo as velhas quem transmitia aquelas tradições e a elas se devia a perpetuação do Marranismo (Révah havia de aproveitar mais tarde esta ideia a propósito da família de Uriel da Costa). Apesar do casamento laico facultado pelas leis da República, o casamento católico tinha-se tornado cada vez mais frequente, e Wolf quase não encontrou na Beira uma família de origem judia que não estivesse casada pela Igreja. Quanto ao número destruído de Marranos, Wolf considera «fortemente ex-



Trajos dos condenados da Inquisição (ao tu



ista SILVA-RÉVAH

Por António José Saraiva

gerada» a cifra de 10 000 famílias dada por Schwartz, se se entender por «Marranos» os que praticam secretamente o Marranismo; mas «provavelmente abaixo da realidade» se se contarem as pessoas que têm consciência da sua origem judaica, sendo embora católicos convictos. Apesar do entusiasmo missionário de Schwartz, apenas três ou quatro destes marranos manifestaram o desejo de voltar à Sinagoga, mas não lhe deram continuidade. Em conclusão, Wolf considerava pouco viável o projecto da criação de uma escola para filhos de Marranos em Lisboa, e propunha, em vez disso, a fundação, com a ajuda de missionários vindos de fora, de uma missão no Porto, para adultos, porque nessa cidade existia uma pequena sinagoga fundada, diz Wolf, pelo único marrano que nos últimos 150 anos voltou à

Sinagoga. Este marrano, o capitão Barros Basto, era português, mas a sinagoga que ele dirigia era formada por 17 famílias de imigrantes vindas da Europa Oriental. Tal era o estado da questão em 1925.

AFONSO: Não é essa a impressão que se tira das palavras de Révah. Ele fala da Sinagoga de Bragança, visitada por Leite de Vasconcelos em 1932, como se ela tivesse sobrevivido a três séculos de perseguição inquisitorial.

DAVID: É uma astúcia de estilo. A sinagoga de Bragança de que fala Leite de Vasconcelos foi fundada pelo capitão Barros Basto em 1927. E apesar de ele ser um apóstolo ardente não consta que os seus esforços o levassem muito longe. O mesmo Leite de Vasconcelos regista que «desde cerca de 1910 o número de Israelitas tem vindo sucessivamente a diminuir» em Portugal (*Etnografia*, IV, p. 237).

AFONSO: Em todo o caso, essas sobrevivências, por exíguas que sejam, depõem a favor da existência de um Judaísmo clandestino no passado. Pode supor-se que na época de Pombal o Judaísmo era mais forte e mais vivo que hoje. Pelo menos é o que parece pensar Révah ao falar nos processos por Judaísmo na década de 60 do século XVIII.

DAVID: Como já disse, Saraiva não nega que houvesse uma minoria de Judeus clandestinos, cada vez mais reduzida, durante a vigência da Inquisição, a qual tentava, pelo contrário, fazer crer que ela era cada vez mais numerosa. Mas o simples uso do senso comum mostra que já na época das reformas de Pombal o Judaísmo estava completamente extinto e o Marranismo representava uma sobrevivência fóssil, sem significado religioso, quase no estado em que o encontrou Lucien Wolf.

AFONSO: E como?

DAVID: Com as reformas de Pombal cessou completamente a perseguição por Judaísmo, e de tal forma que houve famílias judaicas praticantes (de origem portuguesa ou não) que já no século XVIII não receberam vir estabelecer-se em Portugal. Disto fala Leite de Vasconcelos. A família Amzalak veio da Palestina para Portugal no século XVIII. Em Lisboa foi criada uma sinagoga em 1813, quarenta anos depois da reforma pombalina, e um cemitério judaico — que naturalmente não podia ser clandestino — em 1815. É evidente que, se à data do fim da perseguição ainda existisse em Portugal um Judaísmo latente e vivo, se teria dado em tais circunstâncias um renascimento da fé judaica: ora isso não aconteceu. Todas as sinagogas criadas em Portugal a partir de 1813 em Lisboa, Faro, Faial, Angra do Heroísmo, Bragança, etc. se devem à iniciativa de Hebreus vindos de fora. Com excepção da de Barros Basto no Porto; mas esse, como notou L. Wolf foi o único marrano que em cento e cinquenta anos voltou à fé judaica. Isto prova que na época de Pombal só a actividade da Inquisição dava uma aparência de realidade a um Judaísmo morto. Pombal devia sabê-lo bem, porque de outra forma ele não se arriscaria a dar ocasião a uma divisão religiosa dentro de Portugal — ele que considerava o culto

católico como um instrumento de unificação do Estado. As considerações de Révah a propósito dos processos por judaizantes na época pombalina (aos quais também se refere Saraiva) não valem um centavo. E quando ele diz que descobriu que a memória de Ribeiro Sanches (em que segundo Saraiva se inspiraram as reformas de Pombal) foi entregue na Inquisição em 1756 está simplesmente a alardear erudição para impressionar o leitor. O próprio Pombal sendo ministro e valido foi denunciado na Inquisição.

AFONSO: Révah parece não ter percebido a tese de Saraiva sobre o significado das reformas pombalinas. Ele diz que pretende que as perseguições cessaram porque subiu ao poder a própria classe perseguida é «uma manifestação de humor negro» porque a burguesia mercantil e financeira neocristã tinha desaparecido por causa das expatriações e perseguições. «Já não existia» (sic).

DAVID: Révah não é forte em humor, como o prova toda esta entrevista. Como é que a classe burguesa cristã nova podia ter desaparecido, se ele próprio, no seu citado opusculo *Los Marranos* (p. 48) aceita «presqu'entièrement» citando o primeiro livro de Saraiva, que «a história dos Cristãos-Novos, até ao governo de Marquês de Pombal, que aboliu novamente a discriminação, e até certo ponto, a história da burguesia financeira e mercantil portuguesa»? Se ele próprio, no mesmo livro e página, cita em reforço desta opinião a de Frédéric Mauro, que é a seguinte: «Portugal não é no século XVII o único país que possui uma burguesia e um grupo de Cristãos-Novos. Mas o que faz a sua originalidade é a confusão de facto entre Burgueses e Cristãos-Novos»? Se ele próprio, constata o facto, apontado por Saraiva de que as expressões «homens de negócios» e «homens da nação hebraica» eram sinónimos, em Portugal, no século XVII, até nos documentos oficiais. Supor que a burguesia mercantil e financeira portuguesa «já não existia» na época pombalina, isso é que é um disparate que dá vontade de rir?

AFONSO: Révah não se dá conta do ridículo a que se expõe?

DAVID: Ele não percebe o absurdo do argumento. Desde que sai dos arquivos perde o sentido da orientação. Depois de ter lido mil processos vem cá para fora com esta descoberta fenomenal: a burguesia mercantil e financeira portuguesa «já não existia» na época pombalina!

AFONSO: Talvez ele tenha lido isso nalgum sítio...

DAVID: O desaparecimento súbito da questão judaica em Portugal depois das leis de Pombal tem impressionado todos os estudiosos da questão, desde Lúcio de Azevedo e Lucien Wolf. Révah limita-se a repetir a explicação que eles já tinham dado. Mas na época em que eles escreveram os termos do problema eram outros, porque ainda não tinham sido postas em evidência a identificação da Burguesia portuguesa com os Cristãos-Novos. Révah expõe-se ao ridículo porque continua depois dos livros de

Saraiva, a repetir o mesmo argumento num contexto polémico completamente diferente.

AFONSO: É o contexto da luta de classes. Entrámos já no último tema principal da entrevista Révah-Silva. Révah contesta a «aplicação simplista», feita por Saraiva, dessa teoria ao problema dos Cristãos-Novos portugueses.

DAVID: Desconfio que da teoria da luta de classes Révah só sabe que é um tema melindroso na actual conjuntura de contestação universitária em França. Por isso fala prudentemente não da teoria em si, mas da sua «aplicação simplista», sem explicar em que é que consiste o *simplismo* da aplicação.

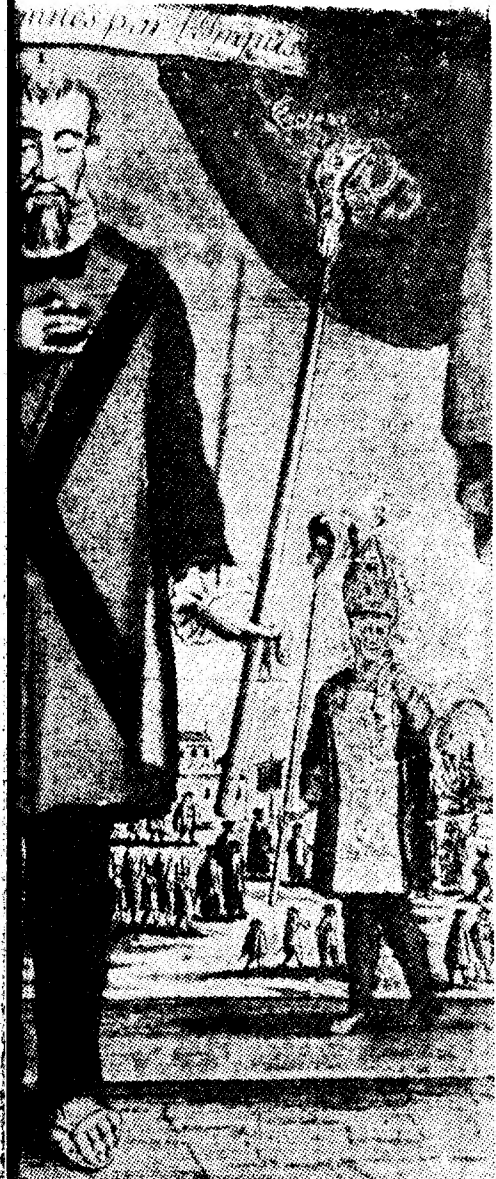
AFONSO: Isso não é inteiramente verdade. Ele resume nestes termos a tese do primeiro livro de Saraiva (1955): «que a etnia neocristã e a reacção criptojudia eram mitos abomináveis inventados pelos Inquisidores portugueses (instrumentos da classe senhorial dirigente) e que a denominação de «Cristãos-Novos» era uma designação demagógica inventada pela classe dirigente e pelos seus agentes inquisitoriais para afastar do poder (até aos tardios decretos de Pombal) a burguesia mercantil e a seus aliados».

DAVID: Não é exactamente isso que Saraiva diz, mas sim: que a assimilação rápida dos Judeus convertidos (que se realizava sobretudo no seio da grande burguesia), dentro do processo económico em curso, dava ao conjunto da burguesia portuguesa uma força que ameaçava o grupo governante constituído, pela nobreza tradicional e pelo clero; e que para obviar a essa situação o grupo dirigente resolveu restaurar uma discriminação, que tinha sido legalmente abolida em 1496, pela qual ficava dentro de um cordão sanitário todas as pessoas passíveis da acusação de Cristãos-Novos (ou antigos Judeus), isto é, virtualmente, toda a burguesia portuguesa; a Inquisição, não só pelos seus autos-de-fé, como também pelos seus arquivos de limpeza de sangue, foi o instrumento dessa discriminação.

AFONSO: Essa também é a tese do livro de 1969?

DAVID: É. Mas neste, Saraiva teve o cuidado de evitar o esquematismo do primeiro livro, onde a Burguesia e a Classe dirigente podiam aparecer como blocos homogêneos e rígidos. Por isso especificou as diferentes motivações convergentes dos diversos grupos da classe dirigente: os do Rei, os do Clero, os da Nobreza tradicional; distinguiu as motivações do baixo e alto clero; especificou as da burguesia intelectual; descreveu o estado de espírito, favorável à Inquisição, das classes ditas «baixas». Insistiu nos aspectos socio-psicológicos do problema. E sobretudo desenvolveu um tema que já estava esboçado no livro de 1955: as diferentes fases da história da Inquisição que correspondem a diferentes tipos de relações entre ela e o grupo governante. Há uma fase em que os dois poderes estão intimamente aliados, outra em que se dissociam, uma terceira em que entram em luta aberta, embora com peripécias de pseudo-reconciliação.

Cont. na pág. 6



no fundo, um auto-de-fé)

Sem encargos Sem dificuldades Sem cuidados

pague:

- água
- gás
- electricidade
- telefone
- taxas de rádio
- taxas de televisão
- prémios de seguros
- rendas de casa
- quotas do Automóvel Club
- quotas de colectividades
- assinaturas de jornais
- assinaturas de revistas
- contribuições da previdência
- outros encargos periódicos

realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta do
SERVIÇO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências
ou delegações, existentes em todos
os concelhos do país, ou directamente
na sede do serviço, Rua Aurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO



Diálogo sobre a entrevista Silva-Révah

Cont. da pág. central

ção. Estas diferentes fases correspondem à alteração progressiva da proporção das forças em Portugal. Quando Pombal reformou a Inquisição ela era já só um espantalho porque o poder económico e cultural pertencia já, maioritariamente, à grande burguesia. Não parece que isto seja uma aplicação simplista da teoria da luta de classes; e embora Saraiva esteja hoje convencido de que se tem abusado dessa teoria (porque uma grande parte da realidade histórica não cabe dentro dela), o esquema proposto em 1955 e desenvolvido em 1960 ainda lhe parece a melhor chave para explicar o aparecimento e a história da Inquisição portuguesa.

AFONSO: Révah contesta essa tese, segundo percebi, com o seguinte argumento: para supor que a Inquisição foi criada como instrumento contra a burguesia mercantil e financeira seria preciso aceitar que todos os «pseudo-Cristãos-Novos» tenham pertencido à alta burguesia mercantil e financeira e isto «desde o século XVI até ao seu «triumfo» na época de Pombal». Ora em primeiro lugar muitos dos Cristãos-Novos não eram ricos; em segundo lugar a dita alta burguesia só foi realmente poderosa de D. João III a D. Pedro II, e «praticamente já não existia no tempo de Pombal».

DAVID: É um argumento infantil. Toda a gente sabe que muitos Cristãos-Novos não eram burgueses. Saraiva salienta no seu livro, respondendo a Caro Baroja, que uma grande parte dos Judeus portugueses se dedicavam a «ofícios mecânicos», e os seus descendentes, mais ou menos cruzados, devem ter continuado a exercê-los. Mas do ponto de vista dos círculos dirigentes o facto significativo era que, já desde o princípio do século XVI, a burguesia mercantil e financeira portuguesa estava tão profundamente penetrada pelos descendentes dos antigos judeus que podia no seu conjunto ser isolada e discriminada do resto da população

em nome de um argumento étnico-religioso. Nem todos os Cristãos-Novos eram burgueses, diz Révah; mas de um ponto de vista de luta de classe, nessa época, o que interessava é que todos os Burgueses fossem Cristãos-Novos. Na luta do grupo dirigente contra a Burguesia esse era o argumento decisivo. Mas valerá a pena continuar a discutir a um nível tão baixo?

AFONSO: Paciência... Révah insiste no facto de que também havia muitos homens modestos perseguidos pela Inquisição.

Conclui no próximo número



Torturas da Inquisição
(desenho de anual da Macedo)

Nós, na «Brasileira»

Cont. da pág. 2

caro Rui Mário, ou com o vago do Pernes, e com os olhos que o Bronze afinal proposadamente fechou — que inevitável queixume ou punge, oh pátria sua?

Quatro críticos tão jovens quanto possível entre onze obras que escolheram. O programa é extremamente claro — e eminentemente lógico. Senão vindicativo. Assim os esco-

lheram, assim os tenham á volta, per secula seculorum, amen!

Que isso sirva de satisfação às artistas não escolhidas e de justificação às suas desinteressadas críticas — e a alguma caricatura imitada daquela que, em 1926, o Francisco Valença fez ao quadro do Almada. E que de castigo nos sirva, a nós, escolhedores, este pelourinho da «Brasileira» — que para sempre nos evitará o viver feliz e bom em escondimento alcançável...



ITR
EQUIPAMENTOS DE CONTROLE
DE TEMPO

RELÓGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS,
MÃO DE OBRA ETC.

ANteriormente
COMERCIALIZADOS
SOB A MARCA IBM

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
J. GONÇALVES LDA.

R. BRAAMCAMP, 15 A
TELEF. 533270 - 47006 - LISBOA

Entrevista com E. M. de Melo e Castro

Cont. da pág. 3

R. 3. — Este meu recente livro, «ALEA E VAZIO», é justamente uma colectânea de pesquisas no sentido que atrás referi, incidindo principalmente sobre a sintaxe e a semântica, mas em que a fonética tem um papel fundamental.

Afigura-se-me que as relações vivenciais entre as pessoas podem ser consideradas como fragmentos superficiais de uma estrutura cuja organização ou sintaxe é do tipo combinatório, e é governada pela lei do acaso ou das probabilidades (ALEA), e em que as opções binárias do tipo sim-não, que todos os dias somos chamados a fazer, contribuem para um progressivo esvaziamento, contra o qual é preciso lutar criadoramente.

A pesquisa poética realiza-se entre a (in) coerência superficial dessas relações e opções vivenciais, e o nível profundo originário, inicial, de que talvez só por imagens nos aproximemos, e que por isso nos aparece como o Nada ou VAZIO, de onde a luz e a palavra se fazem, para dizerem tudo.

Assim, os poemas que escrevi nos últimos quatro anos foram-se organizando em vários pequenos «livros», conforme o seu tipo de estrutura. «Livros» que formam os nove capítulos de «ALEA E VAZIO», e cuja simples enumeração julgo evidenciar a sua natureza: 1 — Vectores; 2 — Tetraktys; 3 — Séries; 4 — Combinatórios; 5 — Cânones; 6 — Discursos; 7 — Silêncios; 8 — Mutatis Mutandis; 9 — Réplica.

Vectores será um campo de probabilidades do qual emerge uma organização numérica pitagórica (de que Tetraktys é o sinal), cujos componentes vivenciais se

pois de 1945, e cujo estudo detalhado realizámos na Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, cuja 3.ª edição estou a fazer com a Maria Alberta Menêres.

Mas este chegar a um ponto crítico é visto do lado restrito do poeta criador. Para o público leitor é apenas um período novo que começa, pois o manancial, a originalidade e a diversidade criadora dos últimos 25 anos, ainda está por avaliar devidamente, e só agora começa a ser possível uma certa perspectivização. Para o público há pois toda uma enorme experiência espiritual a descobrir. Para a crítica que ao longo destes anos muitas vezes errou tomando os pontos de partida como becos sem saída, há uma tarefa gigantesca de compreensão e estudo a realizar. Mas para o jovem poeta que agora começa, evidentemente que a empresa não é fácil, pois hoje parece muito mais difícil ser-se poeta «genial» aos vinte anos, do que o era antes da guerra 39-45. Isto talvez porque a função da Poesia se deslocou de um sentimento individualista de ter voz e cantar, para uma consciência das dificuldades da comunicação entre os seres humanos. Evidentemente que hoje existe a reacção a este endurecimento da função poética, reacção que se manifesta nas baladas, no simplismo emocional e na pobreza linguística de tantos dos mais jovens poetas do tipo neo-realista.

De facto, se fizermos uma estatística do aparecimento de novos poetas, veremos que na década de 60 eles rarearam sensivelmente em número e qualidade, em relação à década de 50, que certamente foi um período privilegiado. Interessaria fazer um inquérito sociológico sobre este fenómeno, relacionando-o com a evolução sociopolítico-económica dos últimos 25 anos.

P. 5. — Como encara o fenómeno (hoje facilmente constável) do aumento de consumo de livros de poesia (mesmo os que se apresentam em edições luxuosas e que, portanto, visam principalmente esse consumo)?

R. 5. — É um facto que felizmente agora a Poesia se vende. Dizem-no os livreiros interessados, sentem-no os editores que aumentam as tiragens significativamente para a casa dos milhares, quando há bem poucos anos só se arriscavam algumas tímidas centenas e muitas vezes por razões de prestígio.

Quanto a mim (que não sou técnico de mercados), este facto é uma consequência de vários factores entre os quais eu coloco à cabeça a existência evidente de boa poesia em Portugal, desconhecida do grande público. Como já disse, os últimos vinte e cinco anos foram de intensa criação, e agora atingiu-se um ponto em que o público se apercebe que tem vozes originais e autênticas ao seu lado, que a Poesia é talvez a forma mais avançada e certa de estar viva em Portugal, e que ler Poesia é preparar-se para o futuro.

É certo que houve e há a persistência e a estratégia editorial certa de alguns editores e de algumas colecções. Mas a minha opinião é que nos encontramos numa viragem da consciência do humano, e que a Poesia se vende mais porque corresponde às necessidades dessa viragem que cada um come-

ça por sentir e realizar dentro de si próprio. O consumo é aqui um factor de desalienação!

Quanto aos livros luxuosos, creio que sempre os houve; lembro-me por exemplo do livro de Cesariny, «A cidade queimada» publicado pela Ulisseia, e vendido a

200\$00 em 1965 (com colagens e ilustrações); ou dos livros da Minotauro, de Sophia, de Mourão-Ferreira, de Ramos Rosa, todos com ilustrações originais, a cerca de 150\$00, se não me engano; ou do livro «Voz sem pássaro dentro», de Casais Monteiro, publicado em

1954, também com ilustrações, e de preço elevadíssimo para a época.

Livros luxuosos sempre os houve, visando um público especial de coleccionadores e amadores de Poesia, que logicamente também agora se encontrará alargado. Mas eles não são um fenómeno

novo que se possa ligar ao tipo de consumo desalienante a que me referi, consumo esse que é o que de facto interessa.

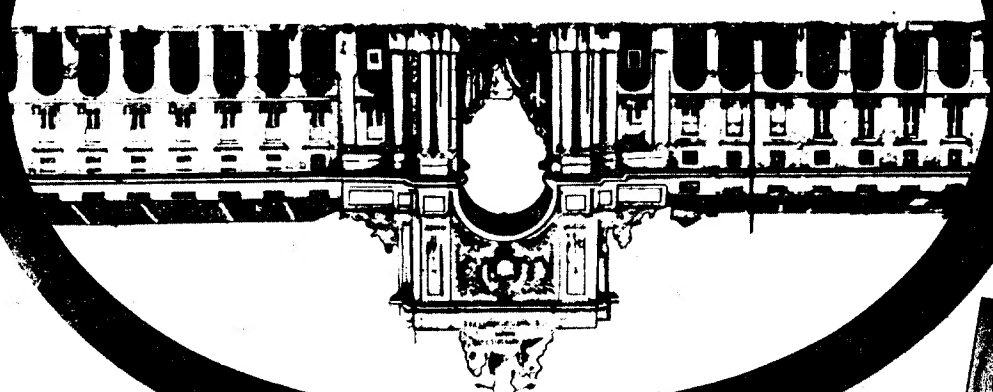
... Mas eu não sou um técnico de mercados...

E. M. DE MELO
E CASTRO

**COMPRE...
...RECEBENDO
DINHEIRO!**

VIRE LISBOA DE CIMA PARA BAIXO
QUE NÃO ENCONTRARÁ NADA
QUE SE COMPARE A ESTA

FANTÁSTICA NOTÍCIA!



Damos autênticas notas de Banco
e pomos à sua disposição
as melhores marcas de

**FRIGORÍFICOS • MÁQ. DE LAVAR
ROUPA E LOUÇA • TELEVISORES •
FOGÕES • ESQUENTADORES • ETC.**

visite qualquer das lojas

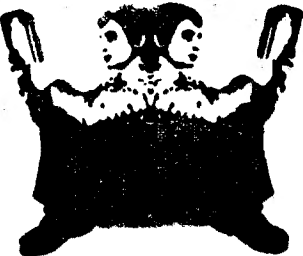
Dardo

**E LEVE PARA CASA
UMA NOTA DE 1000,00**

QUEM COMPRA NA DARDO ACERTA NO ALVO!

LOJAS DARDO:

Av. da Liberdade, 131 ■ Rua S. Bento, 55 ■ Av. Almirante Reis, 124
P. de Londres, 7 ■ Rua D. Estefânia, 193 ■ Rua 1.ª de Maio, 146 - A
R. Gonçalves Crespo, 26 - A



comporão em Séries de factos e de informações que posteriormente se estruturam em conjuntos, segundo leis matemáticas combinatórias, de que a noção barroca de Cânones (vozes que se perseguem sobrepondo-se, repetindo-se e combinando-se de um modo sem fim) é uma forma aberta, e de que os Discursos serão uma forma fechada que é preciso destruir. Seguem-se os Silêncios como imagem de uma dialéctica barroca de luz e sombra culminando numa reflexão sobre o fenómeno polar Mudar-Ficar, procurando as saídas para as tiranias binárias já referidas. O livro termina com uma Réplica a um qualquer eu interlocutor.

P. 4. — V. foi, juntamente com Maria Alberta Menêres, o organizador de uma Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, de que sabemos irá sair em breve uma nova edição totalmente refundida. Que pensa o Melo e Castro da poesia portuguesa nossa contemporânea?

R. 4. — Penso que no começo da década de 70 se está a chegar a um ponto crítico nas possibilidades criadoras da Poesia propostas pelos poetas revelados de-

ARTE FRANCESA

DEPOIS DE 1950 «1»

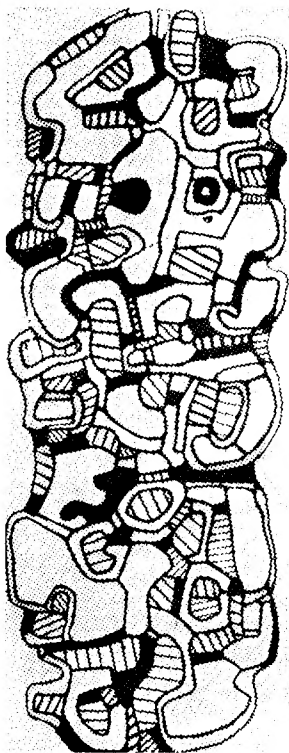
Por ROCHA DE SOUSA

Mas talvez que a grande obra de arte tenha men-
sua existência em si própria do que na provação
e em e na ocasião que ela lhe
fornece de vencer os seus fantasmas e de se apro-
ximar um pouco mais da sua realidade nua.

ALBERT CAMUS

ALGUMAS das obras inclui-
das na exposição «Arte
Francesa Depois de 1950»,
sobretudo as que comple-
tam o tronco das chama-
das últimas tendências, pro-
curam cumprir uma trajetó-
ria de significação ainda
há bem pouco tempo ma-
ceitável entre nós, em par-
ticular quando os sectores
mais informados da crítica
se batiam por uma arte que
parecia ter-se desinteressado
por completo da realidade
e nisso fundamentava o seu
próprio valor. Ao mais pe-
queno pretexto, se o artista
reflectia o destino da sua
experiência humana ou a
consciência social, figurando-
as para além dos limites
específicos da sua arte,
os estetas em exercício
apontavam encarnadamente
o desvio da respectiva
função criativa, acusando-a
de ter perdido autonomia,
de se literalizar, de se cor-
romper em nome de um

percurso ilustrador e ane-
dótico. A pintura, por exem-
plo, não devia interessar o
significado dos actos no
mundo imediatamente expe-
rimentado pelo artista, mes-
mo que a imposição de tal
critério, no esquematismo
com que era formulado,
conduzisse à negação de um
dos aspectos mais impor-
tantes da própria activi-
dade artística, que é o de
reflectir o homem à medida
que este se interroga e se
faz. E que dizer sobre o
vote lançado contra a pers-
pectiva e a representação
do volume, sobretudo ago-
ra em que os efeitos do
«trompe l'oeil» se recupe-
ram à problemática da pin-
tura? Argumentava-se em
nome de uma especificida-
de que tudo reduzia ao
imediato significado dos
materiais, ao gosto pelo
seu estro manuseamento,
à descoberta de uma pure-
za que a própria mecânica
psicológica do agente cria-



Dubuffet («La aladine»):
«o pintor, em suma,
ao contrário de pintar
o que vê (...) só tem razão
de pintar o que não vê
mas aspira ver»

dor inevitavelmente negava.
Poderia talvez falar-se em
dessocialização da arte, se
é legítimo levar a tal pon-
to um juízo crítico sobre
obras que acabavam por
transigir, mais do que
qualquer outras, com a
satisfação primária dos sen-
tidos, facilitando o desen-
volvimento de um gosto
passivo e integrando-se na
perspectiva de consumo
das classes privilegiadas.
«A medida que os artistas
e os escritores se retiram
da sociedade» — diria a
esse respeito Ernst Fis-
cher (1) — «mais a imbe-
cibilidade alastra no mundo.
A «nova brutalidade», exal-
tada com uma admirável
qualidade da arte moderna
por certos estetas, tem de
facto um livre curso comer-
cial no mundo burguês de
hoje.»

EVASÃO OU LIBERTAÇÃO?

Interessa-nos, portanto,
procurar situar, na pers-
pectiva geral traçada pela ex-
posição «Arte Francesa De-
pois de 1950», um princípio
novo que eventualmente
confira às tendências assi-
naladas um sinal de em-
penho perante os problemas
do homem moderno. Em
vez da análise histórica, que
está feita ou encontrará
melhor competência em

pessoas para tal qualifica-
das, em vez das verifica-
ções já efectuadas e da
previsão das derivações
possíveis, importa-nos so-
bretudo aproveitar a cir-
cunstância para tentar de-
terminar em que medida
as correntes artísticas ac-
tuais estão de novo reflec-
tindo o significado dos fac-
tos de que dependem, per-
dendo embora a sua pure-
za, ressocializando-se e reu-
manizando-se.

A pintura francesa, que
à corrente abstracta legou
tantas obras de suspeita
beleza, tem sido confron-
tada modernamente com
sollicitações localizadas em
centros culturais exteriores
ao país. A expansão de
uma vanguarda artística,
com base nas ideias esté-
ticas operadas a partir de
Paris, deixou de fazer-se
num sentido irradiante,
admitindo apenas outras
capitais como centros de
recepção e menor origina-
lidade impulsionadora. Em
grande medida, tal movi-
mento passou na verdade
a fazer-se em sentido con-
trário e os núcleos cultu-
rais de maior importância
passaram a situar-se fora
de França. Depois dos anos
50, esse fenómeno pode
considerar-se relativamente
confirmado.

A pintura abstracta e as
suas orientações típicas, de
que a exposição agora pre-
sente na Fundação Calous-
te Gulbenkian nos dá con-
ta sobretudo na sua pri-
meira parte, deixou, por seu
turno, de corresponder às
necessidades dos artistas
actuais, convidados pela
força dos acontecimentos
a reflectir sobre os fenó-
menos do mundo contem-
porâneo. «A arte não
figuração — teria dito Ma-
nessier (2) — «parece-me
ser a possibilidade actual
pela qual o pintor melhor
pode ascender à sua reali-
dade e retomar consciên-
cia do que nele é essen-
cial.» Este conceito, que
na prática facilita o isola-
mento e a aristocratização
do artista, tem subsistido
até aos nossos dias, em-
bora esbatendo-se progres-
sivamente à medida que a
pintura é ultrapassada por
artes de maior convicção
interventora. As pesquisas
actuais, entrando em linha
de conta com a aprendiza-
gem que a pintura abstrac-
ta permitiu, abrem-se a uma
multiplicidade de formas e
modos de operar e explo-
ram numa linha mais diná-
mica os factos e produtos
da civilização contemporá-
nea.

Marfaing (3): «Sim, creio
que a pintura existe em si
mesma, independentemente
do mundo, que a obra de
Miguel Ângelo, de Rem-
brandt e de Goya passou
além dos dados da sua
época. Creio que há uma
evolução da pintura que
não corresponde necessa-
riamente à da sociedade.
O artista, como o homem
criador e não apenas co-
mo indivíduo, tem a possi-
bilidade de escolher entre
aquilo que a sua época lhe
propõe. A pintura é uma
das aventuras que permi-
tem ao homem sair do
caos.»

A verdadeira obra de arte
sobrevive, com efeito,
ao momento histórico que
a determina, mas isso não



César: «Pouce» (1963)

Artes Visuais

quer dizer que a possamos
considerar independente do
mundo. E o artista, como
indivíduo e não apenas co-
mo homem criador, ao es-
colher entre aquilo que a
sua época lhe propõe, ao
vencer, na provação, os
seus próprios fantasmas, ao
procurar, em suma, sair do
caos, tem obrigação «de se
aproximar um pouco mais
da sua realidade nua». Ou
melhor: tem obrigação de
ajudar os outros indivíduos
a sair também do caos.

NOVAS TENDÊNCIAS E ÚLTIMAS EXIGÊNCIAS

A arte dos nossos dias,
na variedade das suas ten-
dências e dos seus propó-
sitos, reflecte cada vez
mais o mundo em que vi-
vemos, provocando o des-
dobramento de uma atitude
crítica e a acentuação da
consciência sobre os fac-
tores sociais, na diversidade
dos seus aspectos e res-
pectivos prolongamentos.
Na segunda parte da ex-
posição «Arte Francesa De-
pois de 1950», Julien Alvard
tenta justamente sublinhar
três tendências artísticas
actuais em França: uma
orientação que se baseia
na ordem dos factores cien-
tíficos, decorrente da pers-
pectiva aberta pela tecnolo-
gia; uma orientação que
reflecte os problemas so-
ciais, desde a criação de
múltiplos (que favorece e
democratiza a distribuição
dos objectos artísticos) até
ao significado dos factos
políticos, sobretudo a par-
tir de Maio de 1968; e por
último um outro tipo de
orientação voltado de novo
para a Natureza, aparente-
mente decidindo uma for-
ma de recusa à vida em-
paredada e irrespirável das
grandes cidades.

Quer se concorde ou não
com o esquema seguido
por Julien Alvard, a ver-
dade é que as obras dos
últimos períodos de produ-
ção propõem uma leitura
que tem de reportar-se a
um escalonamento desse

género e que nos faça a
estabelecer confrontos, com
a realidade dos factos cien-
tíficos, sociais e políticos.
Quer dizer: já não pode-
mos, perante tais obras,
pretender formular um jul-
zo crítico que se circuns-
creva à especificidade plás-
tica dos objectos e à con-
exão estética dos seus ele-
mentos estruturais. Em vez
disso, ou apesar disso, so-
mos levados a identificar
motivações muito próprias,
que dizem respeito à ati-
tude do artista enquanto
criador e, ao mesmo tem-
po, enquanto indivíduo sen-
sibilizado e comprometido
pelos fenómenos que o
cercam.

- (1) «A Necessidade da Arte»
(2) Transcrito no catálogo
(3) Transcrito no catálogo

NOVIDADE
LITERÁRIA

EDWARD ALBEE

Autor de "QUEM TEM MEDO DE
VIRGINIA WOOLF?"

a pequena ALICE

Peça em 3 actos

"UMA DAS MAIS SIGNIFICATI-
VAS PEÇAS DA HISTÓRIA DO
TEATRO"

- Newsweek

VOLUME COM 280 Págs. - 50\$00

EDIÇÕES PALIREX LIMITADA

TAMBÉM A VENDA NO
PAVILHÃO N.º 59 DA 41.ª
FEIRA DO LIVRO DE LISBOA

EXAMES

estão a chegar...

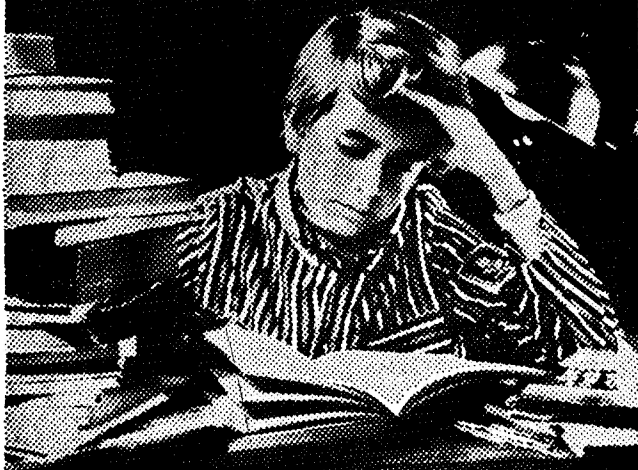
prepare a tempo um bom final com

Dietogene

O ALIMENTO QUE ALIMENTA O ÊXITO

Alimento do estudante durante todo o ano.
Dietogene é INDISPENSÁVEL AGORA.

em embalagens de 30S00 e 100S00
envio pelo correio, à cobrança, se não encontrar
no seu fornecedor habitual



diese • ALIMENTAÇÃO RACIONAL AV. DA REPÚBLICA, 46 LISBOA 1



COLE PARA SEMPRE!



AGENTES GERAIS
Bethencourt Bros., Ltd.
Rua da Cruz Vermelha, 11-B e D - Lisboa-4
Telefs. 76 14 49 - 76 15 84 - 76 15 85

Sócia, Limitada
R. 58 de Bandeira, 214-218
Telefs. 2 35 08 - 2 47 05 - Porto

